



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

# **O TREMOR DOS SERTÕES:**

**Experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-Ce  
(1937-1940)**

**Gláubia Cristiane Arruda Silva**

**Fortaleza  
Maio, 2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**O TREMOR DOS SERTÕES:  
Experiências da Epidemia de Malária no Baixo Jaguaribe-Ce  
(1937-1940)**

**Gláubia Cristiane Arruda Silva**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.

**Fortaleza  
Maio, 2007.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**O TREMOR DOS SERTÕES:  
Experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-Ce  
(1937-1940)**

**Gláubia Cristiane Arruda Silva**

*Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final,  
no dia 10 de maio de 2007, pelo orientador e membros da banca  
examinadora, composta pelos professores:*

---

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves - UFC  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Fernando Sérgio Dumas Santos  
FIOCRUZ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Kênia Sousa Rios  
UFC

Fortaleza,  
Maio de 2007

**“Lecturis salutem”**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

Telma Regina Abreu Camboim - Bibliotecária - CRB-3/593

tregina@ufc.br

Biblioteca de Ciências Humanas - UFC\_\_\_\_\_

S58t

Silva, Gláubia Cristiane Arruda.

O tremor dos sertões [manuscrito] : experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-Ce(1937-1940) / por Gláubia Cristiane Arruda Silva. – 2007.

171 f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza(CE), 10/05/2007.

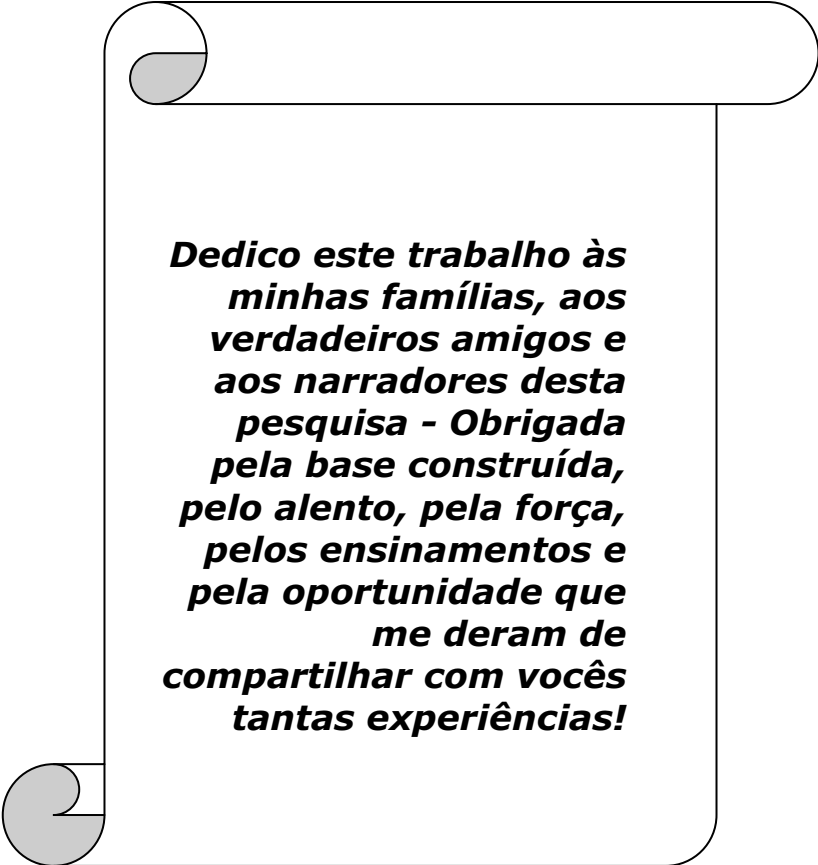
Orientação: Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.

Inclui bibliografia.

1-MALÁRIA – BAIXO JAGUARIBE(CE:MICRORREGIÃO) – 1937-1940.2-POLÍTICA DE SAÚDE – BAIXO JAGUARIBE(CE:MICRORREGIÃO) – 1937-1940.3-IGREJA E PROBLEMAS SOCIAIS – BAIXO JAGUARIBE(CE:MICRORREGIÃO) – IGREJA CATÓLICA – 1937-1940. 4- BAIXO JAGUARIBE(CE:MICRORREGIÃO) – CONDIÇÕES SOCIAIS – 1937-1940. 5- BAIXO JAGUARIBE(CE:MICRORREGIÃO) – CONDIÇÕES ECONÔMICAS – 1937-1940. I-Neves, Frederico de Castro, orientador. II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em História. III-Título.

CDD(21ª ed.) 362.104220981310904

12/07



***Dedico este trabalho às  
minhas famílias, aos  
verdadeiros amigos e  
aos narradores desta  
pesquisa - Obrigada  
pela base construída,  
pelo alento, pela força,  
pelos ensinamentos e  
pela oportunidade que  
me deram de  
compartilhar com vocês  
tantas experiências!***

## Agradecimentos

Ao **Ser Divino**, fonte inspiradora, que me abençoou colocando pessoas tão especiais em minha vida, por me fortalecer nos momentos difíceis.

A toda **minha família**, em especial, a minha mãe Martiana – pelo apoio, compreensão, pela voz amiga, por não dizer em palavras, mas provar com ações que: todo dia é uma dádiva divina e uma nova oportunidade para batalharmos e tornar reais nossos sonhos! - ao meu pai (Alúcio) – por ter me apoiado e “paitrocinado” meu desejo de fazer mestrado – a meu irmão Gleison, por ter cedido, tantas vezes, seu quarto para que eu pudesse escrever esta dissertação.

Não tenho palavras para agradecer à família **Souza Chaves** que me adotou como membro desse lar abençoado – Que Deus possa, cada vez mais, iluminar e fortalecer os laços de amor que unem essas pessoas! Obrigada: D.Aldenora, Olivenor, Olívia (“Ser de Luz”), Leudinha, Dedé, Oly, Chietinha....

À **Ariana e Luiz**, pelo amparo e acolhimento, na cidade de Fortaleza, no momento em que mais precisei. Que a cumplicidade que os une seja eterna!

Ao meu querido amigo, professor e sempre “orientador” **Olivenor Chaves**, mais uma vez, não encontro as palavras certas que consigam tornar mensurável meu agradecimento a você. Que Deus o abençoe sempre e o inspire para que prossiga iluminando a jornada de tantas pessoas!

Aos amigos sinceros, que, desde a graduação na FAFIDAM, compartilham comigo sucessos, inquietações, tristezas e alegrias. Mesmo distantes, eu sinto as vibrações, o carinho, o abraço e a presença de todos. Obrigada, **Mazé, Gerliane, Elis, Dani, Híder, Sandra, Ádila, Élcia, Leandro....**

À **Lucélia** (“Musa”), obrigada pelas várias que precisei dos seus trabalhos de formatações e pelo carinho dispensado a mim desde a graduação na FAFIDAM, e aos outros alunos da pós-graduação, sempre interessados em saber sobre a minha dissertação.

À minha **turma do mestrado** por ter compartilhado, dia-a-dia, as etapas desta pesquisa. Devo, especialmente, exaltar, em ordem alfabética, os nomes de: **Adriana Ribeiro, Georgina Gadelha, Márcio Inácio (“o filhinho”), Márcio Porto, Regina Santos e Yacê Carleial** - bom saber que, para além de um título de mestre em História Social, eu ganhei AMIGOS para toda a vida!

Ao meu querido professor, companheiro de pesquisa e orientador **Frederico de Castro Neves**, por apoiar e confiar nesta pesquisa. Não tenho dúvidas que, seu carinho e respeito para com todos o torna uma pessoa especial dentro do quadro docente da UFC, não apenas do ponto de vista acadêmico.

Ao professor **Fernando Dumas (FIOCRUZ)**, obrigada pelo desprendimento e por, mesmo sem nunca ter me visto, acreditar e incentivar minha pesquisa sobre as experiências vivenciadas durante a epidemia de malária.

Aos professores da pós-graduação, que, de várias formas me despertaram para as problemáticas históricas. Devo agradecer especialmente às professoras **Kênia Rios** e **Ivone Cordeiro**, pelas importantes sugestões, que transpassaram o momento de suas participações durante meu exame de qualificação.

Sou grata também ao **Professor Assis**, uma das pessoas mais humanas e sensíveis do Departamento de História da UFC, obrigada por ter sempre um abraço acolhedor para nos recepcionar.

Não sei como agradecer as secretárias e amigas da pós-graduação. **Sílvia** minha querida, obrigada pela leitura atenta que fizestes em minha dissertação. **Regina Jucá**, seu sobrenome deveria ser *Competência*, não é por acaso que o Gisafran te chamou de “Diva”. Obrigada por vocês me acolherem, dentro do Mestrado e da secretaria da Pós, como uma mãe acolhe uma filha.

Aos funcionários: da UFC - pelo carinho que sempre tiveram comigo, em especial, **Constantino, Terezinha, “Seu” Dantas, D. Telma, Isabeli...** – dos Arquivos: Diocese de Limoeiro do Norte - ao acolhimento da Laudeci; FIOCRUZ – Jean e Rose, obrigada por me fazerem sentir amparada na Casa de Oswaldo Cruz; Biblioteca Menezes Pimentel – ao carinho do “Seu” Francisco.

Aos professores, alunos e funcionários da **FAFIDAM/UECE** pelo apoio e interesse em acompanhar cada etapa desta pesquisa.

À **D. Lúcia e Hugo**, que me deram guarida em Recife e apresentaram-me os encantos da bela cidade de Olinda.

À **Laurinda** (FIOCRUZ) que tive o prazer de conhecer no Maranhão e nunca mais deixou de me incentivar a batalhar para tornar “utopias” em realidades.

Eu tenho uma gratidão profunda para com os **narradores** desta pesquisa que, a cada visita para realizar uma entrevista, recepcionavam-me carinhosamente com um cafezinho, um aperto de mão e um abraço acolhedor. Obrigada por compartilhar comigo suas lições de vida, experiências, sentimentos e pelos momentos em que as palavras foram silenciadas, mas o olhar lacrimado me narrou tudo que eu precisava saber.

À **CAPES**, por possibilitar, financeiramente, que eu viajasse por tantos espaços aprendendo e divulgando o conhecimento histórico.

Às inúmeras pessoas amigas e solidárias, que, como certeza, mereciam ter seus nomes estampados nestas páginas. Infelizmente, tenho a consciência de que não consegui dar conta de tantos nomes. No entanto, quero que saibam que vocês são partes integrantes desta caminhada – o apoio, a dedicação e a torcida de todos ajudaram-me a trilhar mais um passo na trajetória de minha vida. Sou-lhes muito grata por tudo!



## RESUMO

Esta pesquisa busca interpretar as diversas experiências vivenciadas pela população do Baixo Jaguaribe Ceará, durante a epidemia de malária ao longo dos anos de 1937 a 1940. Serão analisadas as adversidades, mudanças e permanências culturais que a peste palustre trazia para o dia-a-dia da região. Tais interferências originaram uma crise na economia local, uma vez que o tempo do trabalho ficou submetido aos intervalos em que os acessos da doença não se manifestavam. Muitas safras, então, ficaram perdidas e muito trabalho por ser realizado nas roças, nos carnaubais, nos pastos, nos algodoeiros, dentre outros, pois, em muitas residências, a doença se manifestou em todos os membros de uma mesma família. A incidência da malária também ocasionou mudanças nos rituais fúnebres: as pessoas não acompanhavam os enterros, evitavam freqüentar as sentinelas, os sinos das igrejas não badalavam anunciando as mortes e, para além destas, os padres da região não conseguiam dar conta dos pedidos de extrema-unção aos moribundos. Serão ressaltadas também as diversas explicações para o processo de erradicação da doença. Portanto, busca compreender a peste palustre para além do seu caráter patológico, classificando-a como elemento responsável por todo um processo de desorganização social. Dessa forma, ao optar por estudar a epidemia de malária, acabamos por tecer uma teia que envolve tanto os sentimentos, como as experiências vivenciadas pelas pessoas atingidas pela mazela.

Palavras Chaves: Histórias da Doença, Experiências da Epidemia de Malária, Baixo Jaguaribe-CE.

## **ABSTRACT**

This research aims to understand the sort of experiences lived by the population of “Baixo Jaguaribe” region, state of Ceará, during the epidemics of malaria through 1937 until 1940. The adversities and the cultural permanency and changes the swampy plague brought to the routine of that region were analyzed. Such interferences originate a crisis in the local economy, once the time dedicated to laboring submitted itself to the intervals that the disease’s peak had not appeared. Sometimes the disease reached all the members of one single family, thereupon many crops were lost and also a lot of work to be done in the field (cultivated with carnaubas, cotton) and in the pasture were left behind. Due to the plague, some funeral rituals changed: people did not follow funerals and did not attend to the death-watch, the churches’ bell did not toll to announce deaths in the community and, besides all this, the priests were not able to attend all the moribund requests to “extrema-unção”. The whole set of explications to the process of eradication of the plague were highlighted in this research. Thus, swampy plague was understood beyond its pathologic aspect, referring to it as a component responsible for a complete social disorganization process. Therefore, as the option to study the epidemics of malaria was set, a complex network that embodies feelings as well as experiences lived by the people caught by the plague was found.

**KEY WORDS:** History of Diseases – Experiences in the Malaria Epidemics – Baixo Jaguaribe - CE.

*Agora, eis aqui a cidade sitiada pela doença, posta em quarentena, se necessário cercada pela tropa, confrontada com a angústia cotidiana e obrigada a um estilo de existência em ruptura com aquele a que se habituara. Os quadros familiares são abolidos. A insegurança não nasce apenas da presença da doença, mas também de uma desestruturação dos elementos que constituíam o meio cotidiano. Tudo é outro.*

**Jean Delumeau**

## ÍNDICE DE MAPAS, QUADROS, TABELAS E IMAGENS

<b>MAPAS</b>	MAPA 1 - Regiões Atingidas pela Malária	33
	MAPA 2 – Postos de Expurgos do SMNE	48
<b>QUADRO</b>	QUADRO 1 – Categorias do corpo funcional do SMNE	49
<b>TABELAS</b>	TABELA 1- Tratamento da Malária	68
	TABELA 2 - Recenseamento Geral de 1940	81
	TABELA 3 – Itinerário do Pe. Aluisio Lima no município de Morada Nova em Agosto de 1938	82
	TABELA 4 – Precipitações anuais de chuvas (em mm) 1915 -1940	138
<b>IMAGENS</b>	FOTO 1 - Posto de Expurgo do SMNE em Cristais	47
	FOTO 2 - Guardas da malária em frente ao posto em Limoeiro	52
	FOTO3 - Aula no Laboratório Central do SMNE em Aracati	53
	FOTO 4 - Trabalho de expurgo dos membros do SMNE em residência	56
	FOTO 5 - Guarda Anti-larvário espalhando Verde Paris em Pó	60
	FOTO 6 - Maca para transporte de doentes	104
	FOTO 7 - Cemitério de Emergência na Cidade de Russas 1938	110
	FOTO 8 - Membros do SMNE em Plantação de Milho em Russas	141

## SUMÁRIO

<b>Índice de Mapas, Quadros, Tabelas e Imagens.....</b>	<b>11</b>
<b>Apresentação .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I - O Mal que se abateu sobre as “Cinco Pérolas do Colar Cearense”.....</b>	<b>24</b>
1.1. O <i>gambiae</i> prossegue em sua marcha célere.....	26
1.2. Serviço de Malária do Nordeste .....	41
1.3. Receitas e saberes no combate a malária.....	61
<b>CAPÍTULO II- Que Nosso Senhor de todos compadeça suspendendo este Castigo.....</b>	<b>74</b>
2.1. Caminhadas com Fé.....	75
2.2. Deus castigava e o povo adoecia.....	86
2.3.“Pobre Povo in-extremi”.....	97
<b>CAPÍTULO III – “Seca da Doença” .....</b>	<b>117</b>
3.1. Entre o calor da roça e o frio da malária.....	119
3.2. Morro de malária, mas de fome não morro.....	145
<b>Considerações Finais - “Pois é, a malara, lá pra nós, foi um sucesso”!.....</b>	<b>153</b>
<b>Fontes .....</b>	<b>157</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>161</b>

## Apresentação

*Lá nas várzeas, ao curso dos rios, onde se aglomeram os sítios, os cultivos agrícola, as fazendas de criar e se espargem e sucedem os carnaubais intermináveis, a vida não é mais possível, ou consiste num incessante e afanoso trabalho de defesa individual. Permanecer é duro sacrifício, senão ousada temeridade, que em novecentos por mil obrigará o indivíduo aos amargos da febre incontinente, da hemoglobinação, do aniquilamento. (Raimundo Girão)*

Fins da década de 1930, a região do Baixo Jaguaribe, sobretudo as elites da carnaúba, vivia as riquezas da cera dourada, extraída dos extensos carnaubais que, por longas veredas, seguiam intermináveis; da terra, também brotava o “ouro branco” nascido dos algodoeiros, além da atividade agrícola e da pecuária que muito tornavam farta a mesa camponesa.

As paisagens sertanejas banhadas pelos invernos<sup>1</sup> regulares deixavam transparecer que o fim daquela década seria marcado por anos de prosperidade traduzida tanto na fartura do feijão, da melancia, do jerimum, do milho, enchendo os roçados de beleza íntima que, por assim dizer, ficaria emoldurada na memória do mais simples dos camponeses, como, também, na cheia dos rios, riachos, açudes, lagoas e barreiros... paisagens características de um sertão da fartura e da abundância.

Todavia, esse mesmo espaço de uma prosperidade esperada e anunciada pela regularidade das estações invernosas transformou-se, no dizer de Raimundo Girão, num *teatro de horrores*, repetindo ecos de tristezas comoventes.

Aqueles rincões, dantes em esplendor de sons farfalhantes e uma sinfonia de sol que reluzia nas águas turvas da caudal, ou rebrilhava nas areias marchetadas dos leitos fluviais desnudos, hoje nada mais são que angustiosos teatros de sofrimentos, em lamentações de cantochão e na última lágrima dos que morrem,

---

<sup>1</sup> No Nordeste brasileiro a quadra chuvosa é conhecida como inverno, período propício às atividades agrícolas.

deixando, num adeus lento, aqueles cenários e multifários. Uma tarja preta cobre a alegria sertaneja do povo daquela gleba até bem pouco adorno para o coração do Ceará.<sup>2</sup>

Nesse *teatro de horrores*, a epidemia de malária<sup>3</sup> foi, de maneira crua, encenada durante quatro longos anos – 1937 a 1940. Nesta longa temporada de tristezas comoventes, as experiências sociais, vivenciadas pelos jaguaribanos, constituíram-se no seu principal enredo sobre o qual, agora, atribuo sentido histórico.

Embora o período de maior virulência da epidemia de malária tenha sido os anos de 1937 a 1940, matando milhares de jaguaribanos, até 1941 ainda é possível encontrar registros de óbitos que apontam a malária como causa de fenecimentos na região. Em 1940, no entanto, o Serviço de Malária do Nordeste (SMNE) registrava que não havia mais focos do mosquito transmissor da doença nos sertões jaguaribanos, considerando, desse modo, um sucesso o trabalho de erradicação da epidemia.

No início da década de 1930, as autoridades sanitárias que trabalhavam no Serviço de Febre Amarela no Estado do Rio Grande do Norte, encontraram larvas do mosquito transmissor da malária, *Anopheles gambiae*. Imediatamente, alertaram para a ameaça de propagação do *gambiae* pelo território brasileiro. No entanto, em 1932, aquele Estado fora alvo de uma grande seca, fato que teria contribuído para eliminar os focos de reprodução do mosquito. As autoridades sanitárias daquele Estado acreditavam que o vetor da doença havia sido extirpado.

Porém, em 1937, os jornais da capital cearense noticiavam que o mosquito havia migrado para o Ceará, atingindo a região do Baixo Jaguaribe, alarmando novamente as autoridades sanitárias tanto a nível federal como estadual.

---

<sup>2</sup> GIRÃO, Raimundo. **Efeitos da malária na vida sócio-econômica do Baixo Jaguaribe**. Editora Fortaleza, 1938. Biblioteca Menezes Pimentel – Seção de Obras Raras.

<sup>3</sup> A malária, para além dessa denominação, também é conhecida como impaludismo, paludismo, sezão, febre palustre, febre intermitente, febre terçã benigna, febre terçã maligna, febre quartã, maleita, tremedeira, batedeira, mãe das febres ou, simplesmente, febre. A variedade de expressões está relacionada, principalmente, aos sintomas da doença, variando de acordo com o local onde a doença se propaga. No entanto, malária, proveniente da expressão italiana “Mau Aire”, que significa mal ar ou ar insalubre, é a nomenclatura mais difundida, inclusive no meio médico. Para os antigos, a infecção era derivada da ação de substâncias animais e vegetais, em estado de putrefação, que se espalhavam pelo ar disseminando a doença entre os indivíduos.

Não obstante tivessem sido avisados das calamidades reinantes em todos os municípios atingidos, não foram disponibilizadas verbas suficientes para financiar os gastos com a realização de uma campanha de erradicação que pudesse ser, de fato, eficiente.

Em agosto de 1938, quando a doença já havia causado inúmeras mortes, o governo federal criou o Serviço de Obras contra a Malária, concedendo 1.000 contos para tal empreendimento. Destaque-se que, o reforço médico para atender a enorme demanda de pessoas enfermas só chegou a capital cearense em outubro do mesmo ano. Mesmo após a chegada de reforço médico, a população continuou a sofrer com a displicência das autoridades políticas diante de seus sofrimentos.<sup>4</sup>

Mas, mesmo antes da propagação da epidemia de malária no final da década de 1930, especialmente na região Jaguaribana, o Ceará, desde o período colonial, tem sido palco para manifestação de diversos surtos epidêmicos.

O médico Barão de Studart, no livro *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará*, nos relata as devastações que epidemias como a de varíola, em 1642, causavam entre os índios de nossa terra. No século XVIII, ocorreram de forma alternada surto de bexiga, febre palustre e outras que, associados ao fenômeno da seca, *quase consumiu todos esses povos*.<sup>5</sup> A propósito, segundo Rodolfo Teóphilo, as secas e as pestes são os *maus congênitos* das terras cearenses.<sup>6</sup>

No século XIX não foi diferente. A população da província continuou sofrendo com as agruras causadas pelas sucessivas epidemias. Em 1851, a população do Baixo Jaguaribe fora afetada por um surto de febre amarela. Na vila de São Bernardo das Russas<sup>7</sup> foram registrados 700 casos da doença.

---

<sup>4</sup> Cf: Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942). Fundação Rockefeller. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213. p. 02.

<sup>5</sup>STUDART, Guilherme Barão de. **Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará**. Ed.fac.sim – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. Ver também do mesmo autor e mesma coleção: **Pathologia Histórica Brasileira: documentos para a história da pestilência da bicha ou Males**. Ed.fac.sim – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

<sup>6</sup>Cf: TEÓFILO, Rodolfo. **Variola e Vacinação no Ceará**. Ed.fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p.5.

<sup>7</sup> A partir de março de 1938, São Bernardo de Russas passou a se chamar Russas através do Decreto-lei nº 169. Até 1876, a Freguesia de São Bernardo de Russas possuía o território que hoje abrange os municípios de Morada Nova, Limoeiro do Norte, Tabuleiro do Norte, Alto Santo, São João do Jaguaribe, Palhano e Quixeré. Cf: ROCHA, Limério Moreira. **Russas sua Origem, sua Gente, sua História**. Recife: Recife Gráfica Editora, 1976.



Durante os anos de 1862 e 1864 foi a vez do cólera ameaçar a vida dos habitantes da região. Dez anos depois, 1874, registram-se os surtos de sarampo e bexiga.<sup>8</sup>

Raimundo Aragão, fazendo referência à carência de serviços sanitários no Ceará, ao longo do século XIX, nos diz que *nenhum exagero se cometeria ao afirmar que até piolho e bicho-de-pé causavam danos à saúde, proliferando em meio às populações menos esclarecidas.*<sup>9</sup>

De acordo com Olivenor Chaves, a seca de 1877-79, de mãos dadas com a varíola, se transformou numa grande epidemia que se desenvolveu no meio de uma população *aglomerada, oprimida pela miséria e, sobretudo, abandonada dos preceitos higiênicos.*<sup>10</sup>

Carlos Jacinto Barbosa, ao buscar compreender as relações que as autoridades políticas e a população fortalezense estabeleciam com a saúde e a doença, durante o período de 1850 a 1880, chama-nos atenção para o fato que, *a constituição de práticas, então denominadas saúde pública, foi acontecendo à medida que se intensificavam os problemas sociais gerados pela indecência constante, durante a segunda metade do século XIX, de moléstias, consideradas, à época, bastante graves e de grande poder letal.*<sup>11</sup>

Embora a malária já fosse uma doença endêmica no Brasil, a epidemia que se alastrou pela região jaguaribana no final da década de 1930 teve duas peculiaridades em especial: a primeira diz respeito ao fato de que o mosquito transmissor da doença, *Anopheles gambiae*, não era nativo da fauna brasileira, tratava-se de um anofelino africano; a segunda peculiaridade refere-se à campanha de erradicação do vetor transmissor da doença, haja vista este ter sido exterminado do território brasileiro.

---

<sup>8</sup> FERREIRA NETO, Cicinato. **Estudos de História Jaguaribana: documentos, notas e ensaios diversos para a História do Baixo e Médio Jaguaribe.** Fortaleza: Premium, 2003. p. 262-70.

<sup>9</sup> BATISTA, Raimundo Aragão. **História do Ceará.** 2ª edição. Ceará, Imprensa Oficial do Ceará, IOCE, 1985. P.199. Sobre o discurso validado pelos cientistas do século XIX que faziam a associação do pobre, visto como ser perigoso, perturbador e portador de doenças Cf: CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

<sup>10</sup> CHAVES, José Olivenor Souza "A seca é temporária; a fome e a miséria são permanentes". In: **Fortaleza e os Retirantes da Seca de 1877-1879: O Real de um Imaginário Dominante.** Dissertação de Mestrado, Recife, UFPE, 1995, P.83.

<sup>11</sup> BARBOSA, Carlos Jacinto. **Caminhos da cura: e experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850-1880).** Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo, 2002. p. 20. Do mesmo autor conferir: *As doenças viram notícia: Imprensa e epidemias na segunda metade do século XIX.* In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do & CARVALHO, Diana Maul (org). **Uma História Brasileira das Doenças.** Brasília: Paralelo 15. 2004. p.76-90.

Nesta dissertação, procuramos narrar e interpretar os diversos significados atribuídos às experiências cotidianas vividas pela população rural e urbana do Baixo Jaguaribe durante a referida epidemia de malária que, principalmente no ano de 1938, levou a óbito milhares de vítimas em toda a região.

A idéia de pesquisar as experiências sociais veio acompanhada por uma problemática que nos fazia perceber que, para além de um acontecimento simplesmente mórbido ou patológico, as epidemias refletem, também, experiências sócio-culturais.

É preciso deixar claro que, ao analisarmos a incidência de surtos epidêmicos, como a malária, na região do Baixo Jaguaribe, precisamos estar atentos para entendermos as doenças como sendo, também, um acontecimento cuja experiência é socialmente construída, uma vez que a forma como as pessoas lidam com a presença de um surto pestilento muda conforme o contexto social em que as mesmas estão inseridas.

Não obstante as epidemias tenham sido, no passado, objeto de diversas crônicas, os historiadores, embora não desprezem a referência às doenças, podemos dizer que ainda são poucas as obras historiográficas que se disponham a interpretar as agruras, adversidades, mudanças e permanências culturais vivenciadas durante a incidência de surtos epidêmicos.

Segundo Jacques Le Goff,<sup>12</sup> as problemáticas em torno das doenças pertencem tanto à história dos progressos científicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às representações e às mentalidades.

O acontecimento mórbido é um dos lugares privilegiados de onde melhor podemos observar a significação real das práticas sociais, políticas e culturais. Jacques Revel e Jean Pierre Peter ainda nos acrescentam que, através dos estudos sobre as problemáticas das doenças podemos perceber a *significação real de mecanismos administrativos ou de práticas religiosas, as relações entre os poderes, ou a imagem que a sociedade tem de si mesma.*<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup>LE GOFF, Jacques. **As Doenças Têm História**. Terrama, 1985. p.8.

<sup>13</sup>REVEL, Jacques e PETER, Jean Pierre. "O Corpo: o homem doente e sua História". In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1995. p.144.

O advento da História Nova foi essencialmente importante para os historiadores, na medida em que os levaram a repensar seus métodos, abordagens e objetos de estudo. Ampliando consideravelmente os campos temáticos da História, o corpo, a morte, a sexualidade e as doenças se tornaram objetos de atenção dos profissionais desta área.

Dilene Nascimento nos chama atenção para o fato de que a História das doenças é um dos caminhos que se abrem na área da História para nos ajudar a compreender melhor a sociedade em que vivemos. Para tanto, seria preciso avaliar sua dimensão social, pois *a doença funciona como significante social – é um suporte e uma das expressões da sociedade.*<sup>14</sup>

Objetivando compreender os significantes sociais das experiências vivenciadas em torno da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe, como nos sugere Dilene Nascimento, procuramos os vários indícios desse passado.

Recorri, então, a oralidade enquanto fonte de pesquisa histórica. Esta me permitiu compor uma multiplicidade de interpretações acerca da peste palustre, bem como conhecer as histórias de vidas das pessoas que foram diretamente atingidas pela doença. A fonte oral foi de suma importância para meu trabalho de pesquisa, na medida em que me lançou *nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária.*<sup>15</sup>

São narrativas preñes de emoções. Ao longo dos capítulos desta dissertação, poderemos vislumbrar, através dos relatos orais, histórias de pessoas que ainda hoje se emocionam ao buscar palavras tentando, muitas vezes sem sucesso, tornar mensurável a dor da perda dos amigos, conhecidos e membros de suas famílias, vitimados pela doença.

No entanto, ao fazer uso da metodologia da História Oral, o historiador deve estar atento para não cair em dois erros comuns. Um deles seria encarar o discurso dos narradores como sendo depositários de uma verdade absoluta ou de uma realidade fechada em si. As narrativas devem,

---

<sup>14</sup> NASCIMENTO, Dilene Raimundo. *A Doença como Objeto da História* In: **As Pestes do Século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma História comparada.** Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2005. p. 35.

<sup>15</sup> PORTELLI, Alessandro. *“O que faz a História Oral Diferente”.* In: **Projeto História**, nº 14. São Paulo: PUC. Fev, 1997.p.31.

como nos chama a atenção Durval Muniz, serem tomadas como *uma singularidade num dado campo discursivo*.<sup>16</sup>

Portanto, ao interpretar os relatos de vida das pessoas que vivenciaram a peste palustre na região jaguaribana, precisamos ter em mente que essas memórias estão constantemente sendo ressignificadas. O entrevistado, ao narrar suas memórias de vida, traz intrínseco, em sua narrativa, valores e experiências do tempo vivido no presente, onde o passado está cotidianamente sendo recriado.

Outra questão importante diz respeito à diferenciação entre História e Memória, pois, não obstante sejam parecidas em algumas acepções, há diferenças insofismáveis entre as duas: a memória é fundamentalmente uma vivência, enquanto que a História seria a interpretação dessa experiência. François Dosse ressalta que, enquanto a memória *se apresenta como um rio que alarga seu leito ao sabor de sua corrente em uma linha contínua... a História divide, recorta período e privilegia as mudanças e outras descontinuidades*.<sup>17</sup> Pierre Nora também ressalta que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a História, uma representação do passado.<sup>18</sup>

Além da História Oral, busquei referências desse passado nas fontes hemerográficas construídas no período. Deparei-me, ainda, com uma outra fonte, de suma importância em minha pesquisa, que foi os registros deixados pelos padres nos livros de tombo das paróquias de União e Riacho do Sangue.

Nesses livros, os padres relatavam os acontecimentos ocorridos em suas paróquias, transcreviam ofícios e circulares, vindos da Arquidiocese

---

<sup>16</sup>ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. “**Violar a Memória e Gestar a História: abordagem a uma problemática que torna a tarefa dos historiadores uma tarefa difícil**”. In: *CLIO – Revista de Pesquisa Histórica de UFPE*, nº 15, Recife, Universitária, 1994.p.40.

<sup>17</sup> DOSSE, François. **A oposição História/Memória**. In: *História e Ciências Sociais*. São Paulo: Edusc, 2004. p. 171.

<sup>18</sup> NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. *Projeto História*, nº 10. São Paulo: PUC. Dez, 1993. [7-28]. p. 9.

Metropolitana. Os dois relatos presentes nos livros, referente à malária, nos instigam a pensar que os padres da região desempenhavam tarefas que iam além da ajuda espiritual, exercendo, os mesmos, afazeres de cunho assistencialista que iam desde a distribuição de alimentos e remédios para população doente, até a transformação dos espaços sagrados em hospitais improvisados.

Através de seus relatos, podemos observar traços da coexistência de explicações, tanto de cunho científico como religioso, criadas para justificar o fato de a doença estar causando tantas ceifas nas famílias da região.

Outra fonte paroquial de fundamental importância em minha pesquisa foi os registros de óbitos<sup>19</sup> e batismos. Estes dois modelos de registros paroquiais me possibilitaram fixar o olhar para o processo de desmembramento das famílias na região em decorrência da epidemia.

A análise dos assentos de óbitos e batismo nos possibilita, sobremaneira, conhecer e interpretar, aguçando, desse modo, nossa imaginação histórica, o cotidiano da população jaguaribana, além de nos oferecer, ainda, alguns números da epidemia. No entanto, preciso deixar claro, desde já, que não tenho como finalidade chegar a índices totais que possam ser explicados por si só, haja vista muitas mortes não terem sido registradas em virtude das distâncias e da própria conjuntura vivida. Inúmeras vítimas da doença foram sepultadas em cemitérios criados, emergencialmente, pelos próprios habitantes, sobretudo nas áreas mais distantes dos sítios urbanos, outras, ainda, foram enterradas nos terreiros de suas casas.

Ao utilizarmos os registros paroquiais de batismo e de óbitos que nos possibilita fazer uma leitura quantitativa dos dados coletados, não desejamos ficar refém de números frios, mas buscar novas problematizações, novas inquietações, novos olhares com outras perguntas diante de fontes tão antigas.

---

<sup>19</sup> Constam as seguintes informações nos registros de óbitos: data e hora do falecimento, local onde a vítima residia, Paróquia e Bispado a qual pertencia a localidade, nome do finado (a), sua idade, se trata de um parvulo (a) (nome utilizado nos livros para se referirem às crianças) ou de um (a) adulto (a), estado civil – quando a vítima é casada (o) aparece o nome do cônjuge -, nome dos pais e do Padre responsável pela paróquia, bem como o cemitério onde foi sepultado. Em alguns registros, constam, também, a cor do hábito que a pessoa vestia ao ser sepultada, além da informação se alguns parvulos foram batizados em casa, se a pessoa era protestante ou recebeu os sacramentos da Santa Igreja antes de ser sepultada. No caso específico dos registros da cidade de Morada Nova, encontramos também a causa do óbito.

A força com que a epidemia de malária atingiu a população jaguaribana pode ser mais bem percebida quando analisamos os números alarmantes dos obituários, embora saibamos que não nos possibilita pensar em números exatos no que se refere às vítimas da doença na região. Partimos, então, do pressuposto, como nos aponta Jean-Yves Grenier, de que estamos tratando com números tomando-os apenas como uma *referência ou um indício, que tal como um fragmento de texto, ou de um caco de ânfora, orienta a intuição*.<sup>20</sup>

O livro *Demografia Histórica: orientações técnicas e metodológicas*, organizado por Maria Luiza Marcílio, é uma obra fundamental para o historiador que está se disponibilizando a utilizar os registros paroquiais de casamentos, batismos e óbitos, como fontes de pesquisa para novas problemáticas, na medida em que nos fornecem importantes informações acerca da vida de um indivíduo que vão desde o nascimento, as fases do batismo, do matrimônio, a constituição da família, até a iminência do falecimento.<sup>21</sup>

O Arquivo da Casa Oswaldo Cruz – FIOCRUZ também se constituiu num extraordinário espaço para desenvolvimento de minha pesquisa. Através da documentação disposta nos arquivos da FIOCRUZ, me foi possível compreender as ações políticas voltadas para a erradicação do mosquito transmissor da malária no território brasileiro. Chamamos especial atenção para o *Fundo de Documentação da Fundação Rockefeller*, no qual tivemos acesso ao Relatório do Serviço de Malária do Nordeste, um material rico em detalhes acerca do trabalho realizado durante a campanha de erradicação da doença. O referido relatório foi produzido pelos chefes do SMNE (Serviço de Malária do Nordeste) e entregue ao Ministério da Saúde e Educação do Brasil após a extinção o Serviço.

Através do acervo iconográfico da Fundação Rockefeller, que integra a série do Serviço de Malária do Nordeste, disponibilizados pela Casa de

---

<sup>20</sup> Jean-Yves Grenier. *A História Quantitativa ainda é Necessária?* In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (org.). **Passados recompostos: campos e canteiros da história**, p.183:192. Sobre o assunto conferir também as obras: FURET, François. *O quantitativo na História*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (direção). **História: Novos Problemas**. 4ª edição. Francisco Alves; BURGUIÈRE, André. *A demografia*. In: In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (direção). **História: Novas Abordagens**. 4ª edição. Francisco Alves.

<sup>21</sup> Cf: MARCÍLIO, Maria Luiza (org). **Demografia Histórica: orientações técnicas e metodológicas**. Livraria Pioneiro Editora, São Paulo 1977.

Oswaldo Cruz<sup>22</sup>, poderemos acompanhar, visualmente, as estratégias e ações implementadas pelo SMNE nos seus mais variados aspectos. As imagens fotográficas revelam características da organização e planejamento da campanha de erradicação da epidemia de malária na região do Baixo Jaguaribe.

As diversas fotografias, de modo mais particular, nos permitem inferir acerca dos meios de transportes e dos instrumentos de trabalho que os guardas da malária utilizavam no trabalho de expurgo do *Anopheles gambiae* nos espaços de domínio público - rios, lagos, córregos e lagoas da região -, bem como nos espaços privado, ou seja, nos ambientes domésticos da população urbana e rural.

Para além das fontes supracitadas, utilizamos, também, o discurso de Raimundo Girão proferido no Rotary Clube de Fortaleza, em 1938; as notícias publicadas nos jornais a Voz do Campo – escrito e editado pelas alunas da Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte -, *O Povo*, entre outros jornais da capital cearense, onde foram publicadas reportagens denunciando o descaso das autoridades estaduais que, principalmente nos inícios do processo epidêmico, minimizaram a gravidade com que se manifestava a malária nos sertões do Baixo Jaguaribe.

Como nos lembra Hans-Georg Gadamer, é oportuno que o conhecimento histórico se estabeleça a partir da violência dos acontecimentos, dos questionamentos da realidade, do olhar e problemáticas do presente sobre eventos do passado.<sup>23</sup> Segundo Michel de Certeau, o historiador tem que *desfigurar as coisas para construí-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto posto a priori*.<sup>24</sup>

Dessa forma, buscamos interpretar, através das diversas fontes citadas anteriormente, os indícios que nos fazem inferir acerca das vivências cotidianas num período de extrema calamidade vivida pela população do Baixo Jaguaribe. Para tanto, como nos lembra Antônio Paulo Rezende, o historiador

---

<sup>22</sup> Há um conjunto com aproximadamente quinhentas (500) imagens referentes ao trabalho do SMNE no combate ao *Anopheles gambiae*.

<sup>23</sup> GADAMER, Hans-Georg. **Esboços dos fundamentos de uma hermenêutica**. In: *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>24</sup> CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 81.

não deve fechar seus olhos, tampouco o coração para a diversidade de emoções que permeiam o acontecimento histórico.

Os olhos lêem a vida e o mundo. Definem suas cores, traçam suas forças, dimensionam seus movimentos. Os olhos e o visível. Mas é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo. Penetra nos seus mistérios, aprofunda suas tramas, inventa seus sentimentos, descobre a magia talvez absurda, que envolve a aventura humana. O visível e o invisível fazem parte da História, são inseparáveis, se o historiador quiser tentar compreender o significado dos labirintos, construídos pelos homens, não deve fechar seus olhos, nem tão pouco seu coração.<sup>25</sup>

Neste trabalho, com os olhos atentos procurei, pois, perceber a dimensão de movimentos com que a malária se manifestou nos sertões jaguaribanos durante os anos de 1937 a 1940, e, com o coração sentir e intuir, o invisível da vida traduzido, muitas vezes, nas emoções que cada um dos entrevistados, a seu modo, deixou transparecer.

No primeiro capítulo, discuto de que forma o Estado e as diversas autoridades políticas se organizaram para erradicar, na região jaguaribana, a epidemia de malária, e como a população reagiu ao processo de intervenção político-sanitário utilizando-se, muitas vezes, de procedimentos caseiros para cura da doença.

No segundo capítulo, reflito sobre as diversas explicações para justificar a incidência da epidemia de malária nos lares jaguaribanos; o papel da Igreja e, de modo mais particular, sobre as ações desenvolvidas pelos padres da região durante o surto epidêmico. Ressalto também a importância da realização e as dificuldades para se fazer cumprir alguns rituais litúrgicos católicos, com objetivo de confortar a população enferma.

No terceiro capítulo, contemplo a discussão acerca do processo de reorganização social em meio à própria manifestação do surto epidêmico. Embora a doença tenha, de algum modo, desorganizado o cotidiano da população local, por outro lado criou uma nova dinâmica de vida na qual, paradoxalmente, a morte estava sempre presente. Uma narradora classificou esse período como sendo de “seca da doença”, quais as vivências

---

<sup>25</sup> REZENDE, Antônio Paulo. *O Historiador: seu tema e seu tempo. In: Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de 1920.* Recife: FUNDARPE, 1997.p.13.



experimentadas nesse espaço jaguaribano que a fizeram associá-las e lembrar dos anos de estiagem nos sertões do Baixo Jaguaribe?

## CAPÍTULO I –

### O Mal que se abateu sobre as “Cinco Pérolas do Colar Cearense”\*

*Ave Maria! Foi a coisa mais feia que eu já vivi, quando chegou a malara. (Luiz Gonzaga de França)*

Diversas sociedades já sofreram com os males provocados pela malária, uma vez que a doença não é recente na história da humanidade.<sup>26</sup> O arqueólogo americano David Sorem encontrou, em 2001, traços do DNA do plasmódio da doença em meio aos ossos de uma criança enterrada em Roma no ano de 450 d.C., onde a doença era conhecida como Febre Romana.<sup>27</sup>

Segundo Robert S. Desowitz, as febres palustres teriam se originado no continente africano e se expandido, através das migrações, para as demais regiões do Mediterrâneo, Mesopotâmia, Índia e Sudeste Asiático. Podemos encontrar referências a febres sazonais – provavelmente malária – em textos religiosos e médicos, gravados desde o início da palavra escrita, nos quais a doença aparece associada ao castigo divino ou à presença de maus espíritos. Essa associação, no entanto, era descartada por Hipócrates, médico grego, no século V a.C. Para ele, a malária estava associada às estações do ano, ou aos locais freqüentados pelos doentes.<sup>28</sup>

---

\* Raimundo Girão assim chamou, em palestra proferida, em 1938, ao Rotary Club de Fortaleza, as cinco principais cidades que compunham a região jaguaribana atingida pela epidemia de malária - Aracati, União, São Bernardo de Russas, Limoeiro do Norte e Morada Nova. In: GIRÃO, Raimundo. **Efeitos da malária na vida sócio-econômica do Baixo Jaguaribe**. Editora Fortaleza, 1938. Biblioteca Menezes Pimentel – Seção de Obras Raras

<sup>26</sup> Sobre o Histórico das incidências de malária, desde os primeiros relatos dos gregos por volta de 550 a.C., bem como a trajetória dos serviços de controle da doença ver: MATOS, Mariana Ruiz. **Malária em São Paulo: Epidemiologia e História**. São Paulo: HUCITEC: Funcef. 2000.

<sup>26</sup> KENSKI, Rafael. *Ataque ao Mal dos Trópicos*. **Revista Super Interessante**. Edição 183. Dez de 2002. p. 60-65.

<sup>27</sup> KENSKI, Rafael. *Ataque ao Mal dos Trópicos*. **Revista Super Interessante**. Edição 183. Dez de 2002. p. 60-65.

<sup>28</sup> Apud Araripe Pacheco. **Malária**. In: [www.sucen.sp.gov.br/deoencas/malaria/texto\\_malaria\\_prop.htm](http://www.sucen.sp.gov.br/deoencas/malaria/texto_malaria_prop.htm)

Não obstante o registro histórico da malária importa-nos salientar que ainda não foi encontrada sua cura definitiva. Apenas meios profiláticos e remédios amenizam seus sintomas.

Segundo Rafael Kenski, a doença ainda mata por ano cerca de 1,5 a 2,7 milhões de pessoas no mundo, o que corresponde a aproximadamente uma vítima a cada 20 segundos. Nessa porcentagem, as crianças, as grávidas e as populações rurais são as mais atingidas. Em face dessa realidade assustadora, Hermando Del Portiro, biólogo da Universidade de São Paulo, afirma que a malária é *a doença parasitária mais importante do mundo*.<sup>29</sup>

Como podemos perceber a malária, embora seja uma doença bastante antiga na história, continua desafiando as autoridades políticas a tomar providências para exterminar, por completo, esse mal. Enquanto isso não acontece, ela permanece dizimando povos inteiros e instalando calamidades por onde passa.

Neste capítulo, analisaremos como a epidemia de malária instalou-se na região do Baixo Jaguaribe e que providências foram tomadas pelas autoridades públicas para erradicá-la. Como a população reagiu a tais medidas e quais estratégias utilizavam para sarar a doença.

---

<sup>29</sup> Apud KENSKI, Rafael. op.cit.

## 1.1 O *gambiae* prossegue em sua marcha célere

*Sei não, meu Deus, foi uma doença triste. Eu só ouvia falar; fulano ta doente, fulano ta doente, fulano ta doente... Sei bem o que foi aquilo não. (Francisca Ferreira de Lima)*

Herdeira de vários surtos epidêmicos, a população jaguaribana adentrou o século XX sujeita ao afloramento de novas pestes em virtude, sobretudo, da péssima qualidade dos serviços de saúde pública e da displicência com que o poder estadual tratava, principalmente, o interior do Ceará. Para termos uma idéia, em 1937, apenas 30% (trinta por cento) das verbas destinadas à saúde pública do Estado eram encaminhadas para atender as necessidades dos habitantes que residiam na região interiorana, sendo que estes correspondiam a 90% da população cearense da época.<sup>30</sup>

A falta de políticas públicas de saúde pode ser traduzida na ausência de ações estatais – federais, estaduais ou municipais – que visassem, através de programas de imunização, campanhas sanitárias, etc, preservar a saúde da população em geral.<sup>31</sup>

Até 1939, a cidade de Limoeiro, a exemplo de outros municípios localizados no Baixo Jaguaribe, não dispunha de hospital para atender os doentes impaludados, contando apenas com três farmácias e um médico para atender à população local.

Tentando suprir as carências de médicos, equipamentos e espaços adequados para acolher os doentes da malária, podemos perceber que, objetivando amenizar e sobreviver aos efeitos da doença, alguns habitantes do

---

<sup>30</sup> BARBOSA, José Policarpo. **História da Saúde Pública do Ceará: Da Colônia a Era Vargas**. Edições UFC, 1994. p.112.

<sup>31</sup> Sobre a questão das políticas de saúde pública no Brasil, principalmente durante a década de 1930, período analisado por esta dissertação, em especial, durante a gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde. Cf: HOCHMAN, Gilberto. *Reformas, Instituições e Políticas de Saúde no Brasil. (1930-1945)*. **Revista Educar**, N. 25, Curitiba, Ed. UFPR, 2005. p.127-141. Ver também: GOMES, A.C. (org). **Capanema: o Ministro e seu Ministério**. Rio de Janeiro: FEV/USF, 2000. Sobre a questão da saúde pública enquanto uma política a ser adotada, os movimentos sanitaristas, bem como as disputas travadas nesse campo. Cf: MERHY, Emerson Elias. **A Saúde Pública enquanto Política: São Paulo, 1920-1948. Os movimentos sanitários, os modelos técnico-assistencialistas e a formação e políticas governamentais**. São Paulo, Ed. Hucitec, 1992; COSTA, Nilson do Rosário. **Lutas Urbanas e Controle sanitário: origens das políticas de saúde no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1985.

Baixo Jaguaribe acabaram, também, por criar “hospitais” improvisados para atender o vasto número de pessoas atingidas pela febre intermitente.

Em matéria publicada no dia 28 de abril de 1938, o jornal *O Povo* relatava que, na cidade de Aracati, uma casa e um antigo grupo escolar transformaram-se em espaços cujo principal objetivo era socorrer a população enferma, mesmo de forma mínima - já que não contavam com uma estrutura física adequada e também não dispunham de recursos financeiros para tal empreitada. Esses espaços eram ocupados por diversas pessoas que buscavam desesperadamente algum auxílio que minorasse seus sofrimentos. Todavia, já não mais comportavam as caravanas de vítimas que chegavam, a cada dia, advindas de todas as partes da região jaguaribana.

Aracati 28 – A situação do Município continua cada vez mais alarmante, em face ao surto malárico, pois é vultoso o coeficiente dos casos fatais.

Estamos com dois hospitais improvisados completamente lotados, um para mulheres e outro para homens doentes, que, abandonando os lugares onde residiam, buscam a cidade ou são para ela transportados. Um dos hospitais é a casa do Sr. José Teobaldo e outro o antigo grupo escolar. No hospital das mulheres houve hoje uma morte. (...) No dia 25, por ocasião da missa de sete horas, chegaram seis mortos do lugar Volta da Mutamba onde o impaludismo tem multiplicado sua terrível ceifa. Volta da Mutamba dista cinco quilômetros da cidade. O lugar denominado Albuquerque é também um dos em que grassa aterradoramente a malária. À tarde vieram mais três mortos da Volta da Mutamba. No dia 26, à noite, chegou um caminhão cheio de doentes, vindos daqueles dois lugarejos.<sup>32</sup>

Precisamos enfatizar ainda que, embora houvesse uma grande demanda de pessoas doentes no município de Aracati, a manchete do jornal só faz referência à existência e ao trabalho de apenas dois profissionais da área da medicina: um médico e um acadêmico de medicina. Este último, segundo a reportagem, ficara responsável, sozinho, por atender à intensa demanda dos dois “hospitais” em razão do médico da cidade encontrar-se prestando socorro aos impaludados que não tinham condições físicas para se deslocar até à cidade, haja vista as distâncias que separavam muitas localidades rurais.

---

<sup>32</sup> *A Malária Continua a Dizimar as Populações do Baixo Jaguaribe – O Governo fornece Víveres e Medicamentos – mas o Combate à Seção reclama Providências Essenciais.* Jornal “O POVO” – Fortaleza - 28 de abril de 1938.

O médico Dr. Castro Meireles saiu da cidade, percorrendo o município, às 6 horas da manhã e voltou às 4 horas da tarde, sem almoçar. Os dois hospitais não comportam mais doentes. Vieram mais 10 doentes da Volta da Mutamba. O acadêmico de medicina José Calixto Neto está auxiliando o serviço hospitalar.<sup>33</sup>

Ao analisarmos os livros de óbitos do município de Morada Nova, uma peculiaridade nos chamou atenção. Referente ao ano de 1938, o livro de óbitos do cemitério de Nossa Senhora da Guia, localizado na cidade de Morada Nova, sede do município do mesmo nome, revela altos índices de morte no centro e na periferia da cidade, cujas causas são associadas à febre, sezão e ao paludismo, nomes que comprovam a incidência de uma epidemia de malária na cidade e no município de modo geral. No entanto, ao quantificar os registros de óbito do referido cemitério, referentes aos meses de agosto a outubro do mesmo ano, verificamos que os 122 assentos de óbitos não fazem referência à causa da morte, revelando, apenas, que a pessoa *faleceu sem assistência médica*. Vejamos um exemplo:

<b>Maria Norma Saraiva</b>	
Óbito 32	Aos 14 de setembro de 1938, às 18 <sup>1/2</sup> horas, no lugar “travessa Duque de Caxias” nesta mesma cidade de Morada Nova, faleceu sem assistência médica, a parvula Maria Norma Saraiva, com 6 meses de idade, filha legítima de Melquiades Rabello e Odete Saraiva Rabello. Foi sepultada no cemitério de Nossa Senhora da Guia. E para constar mandei lavrar o presente que assino: <i>Pe. Aluísio F. Lima.</i> <sup>34</sup>

Ainda durante o mês de novembro, os registros de óbitos não faziam menção às causas de mortes. Somente no mês de dezembro do mesmo ano, 1938, a malária volta a ser mencionada como causa dos óbitos na cidade.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> Jornal “O POVO” – Fortaleza - 28 de abril de 1938.

<sup>34</sup> Óbito 246. p.32. Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova de 10/04/1938 à 15/02/1941. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

<sup>35</sup> É importante ressaltar que, apenas o cemitério de Nossa Senhora da Guia, traz tais registros, nos demais cemitérios do município de Morada Nova, a causa dos óbitos é narrada normalmente. Os outros cemitérios do Município de Morada Nova são: Cemitério Barra do Sitiá, Cemitério de Areias Brancas, Cemitério de São Luiz de Gonzaga – Joazeiro de Baixo - Cemitério de Nossa Senhora do Livramento – Livramento - Cemitério do Chile – Chile - Cemitério do Socêgo e o Cemitério de São Sebastião de Bôagua.

Tais fatos nos levam a inquirir se a ausência do registro da causa da morte não seria uma tentativa de silenciar o número elevado de vítimas da malária naquele município. Por que até as pessoas do centro da cidade morriam sem a assistência médica? Elas não buscavam o auxílio, ou este era insuficiente para atender a grande demanda? Por que apenas o cemitério Nossa Senhora da Guia mencionou o fato das pessoas estarem falecendo sem *assistência médica*? Que tipo de assistência era dada à população doente? Tratava-se, como ocorria no início da campanha, através da distribuição de remédio ou alimentos a população enferma?

Sempre relegada e, na maioria das vezes, descrente quanto à verdadeira eficiência dos projetos assistenciais dos Serviços de Saúde Pública, boa parte da população do Baixo Jaguaribe tinha seus próprios métodos para erradicar a doença de seus corpos. Acrescente-se a essa conjuntura, a insuficiência no número de médicos na região jaguaribana. Todos esses fatores levavam as pessoas a buscar outros “profissionais” da saúde.

Segundo o Sr. Joaquim Cordeiro de Lima a sangria era, no sítio Volta<sup>36</sup>, em que residia, o método mais utilizado para sarar as doenças do corpo. Seu avô, única pessoa a praticar a sangria<sup>37</sup>, era considerado o médico da região, uma vez que o farmacêutico mais próximo de sua residência *morava com cinco léguas de distância*.

Nosso narrador relembra, com tristeza, a morte do avô que, *nunca teve uma dor de cabeça, nem negócio de dor de dente, morreu de malara*, um dia após ter dado uma sangria em uma moça atingida pela mesma doença. A “partida” do avô do “seu” Joaquim foi lamentada não apenas pela família, mas por todos os habitantes daquela localidade, uma vez que este nunca se negou a prestar socorro a uma pessoa enferma.

As pessoas quando se achavam doente, a conversa era: “Chame aí “Seu” Joaquim Cordeiro pra dar uma sangria”. Moça, ele sangrou um bocado. (...) Era o médico da região, era ele. Naquela região ali, de 2 a 3 léguas, chamava ele pra dar sangria. Tinha uns farmacêutico, mas

---

<sup>36</sup> Costumava-se chamar os pequenos povoados de sítios. No caso do Sr. Joaquim, o sítio Volta estava localizado no Município de São João do Jaguaribe.

<sup>37</sup> Segundo Mary Del Priore, desde meados dos séculos XVII e XVIII, sangria já era apontada como sendo um “*remédio para todos os doentes*”, pois retirava do sangue qualquer enfermidade. Segundo a autora, a origem dessa prática *perde-se na noite dos tempos*. Cf: DEL PRIORI, Mary. *Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino*. In: **História das Mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 2004. P. 97.

morava com 5 léguas de distância em São João do Jaguaribe. Lá mesmo na região, só tinha meu avô que fazia isso, não tinha outra pessoa. Meu avô morreu com 82 anos. Tinha uma moça lá que pegou a febre, tava se queimando de febre. Aí, mandaram chamar meu avô pra sangrar a moça... Foi lá. Quando a lanceta bateu na moça, o sangue vôo... aí, vêi simhora. Quando chegou em casa, já tava com febre. E a febre atacou, atacou, quando foi no outro dia, morreu. Era a febre da malara!<sup>38</sup>

Quando, em 1939, os profissionais representantes do Serviço de Malária do Nordeste chegaram ao Vale jaguaribano, puderam constatar o estado calamitoso dos habitantes da região, acometida pela fúria da peste palustre. O elevado número de indivíduos agredidos pelos sintomas da doença, sem um devido tratamento e ainda desprovidos de serviços hospitalares, os obrigou a organizar um tratamento sistemático visando atender, imediatamente, o exorbitante número de pessoas impaludadas.

De acordo com o relatório enviado pelos profissionais do SMNE ao Ministério da Educação e da Saúde, para além das dificuldades mencionadas no parágrafo anterior, até o ano de 1939, as autoridades políticas não haviam disponibilizado verbas, nem tão pouco profissionais, em número suficiente, para erradicar a malária da região do Baixo Jaguaribe.

Diante de tamanha calamidade, descaso político, e, acima de tudo, da necessidade imposta pela emergência de uma atitude que viesse minorar os efeitos do grande flagelo, a solução encontrada - melhor seria dizer "improvisada" - pelas autoridades sanitárias foi medicalizar os impaludados sem a formalidade de um diagnóstico clínico ou microscópico.

Embora os primeiros objetivos do Serviço de Malária do Nordeste fossem evitar a disseminação do *gambiae* e conseguir sua erradicação do Brasil, o problema da malária nas áreas infestadas era tão sério que o Serviço se viu obrigado a organizar o tratamento sistemático da população até que a redução no número de mosquito motivasse o desaparecimento natural da moléstia.

Visto não haver nem verba, nem pessoal, nem acomodação para hospitalizar os doentes, e ser a incidência da doença tão alta, resolveu-se tratar todos os casos da doença febril aguda sem a formalidade de um diagnóstico clínico ou microscópico.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Joaquim Rodrigues Cordeiro, 77 anos. Entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 03/11/2002.

<sup>39</sup> Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942). Fundação Rockefeller. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213. p. 91.



O mosquito transmissor da malária chegou à região Nordeste do Brasil no início da década de 1930, por meio dos navios franceses que estavam no Estado do Rio Grande do Norte e estabeleciam um comércio marítimo envolvendo a Europa, Brasil e Dacar, na África. Nesse período, registrou-se, pela primeira vez, a presença do vetor *Anopheles gambiae* no Ocidente.

Esse anofelino africano ainda trazia, como um de seus agravantes, o fato de se reproduzir de forma muito fácil, até em locais com pequenas alocações de água, como poços, cacimbas, vasos, potes, que existiam em abundância na região jaguaribana. Para além da fácil reprodução, o mosquito se caracterizava também por ser antropofílico, ou seja, só picava o homem. Invadindo e colonizando qualquer ambiente, o vetor transmissor da malária fazia suas vítimas a qualquer hora do dia.

O entomologista Raymond Shannon, após ter coletado milhares de larvas do mosquito transmissor da malária no Rio Grande do Norte, onde se encontrava trabalhando no Serviço de Febre Amarela, escreveu, em setembro de 1930, um telegrama à Fundação Rockefeller no qual declarava: *Encontrei gambiae em Natal. Pobre Brasil!*<sup>40</sup>. Shannon lamentava os perigos da doença e as dificuldades para conter o avanço de uma epidemia que já se mostrava iminente no início daquele ano.

Segundo a Fundação Rockefeller, a presença do *Anopheles gambiae* em solo brasileiro no início da década de 1930, representava uma ameaça não só ao Brasil, mas ao continente americano como um todo, pois se tratava de um dos mais eficientes vetores da malária no mundo.

Mesmo sob alerta dos sanitaristas, as autoridades federais e estaduais brasileiras não tomaram as devidas providências para conter o surto epidêmico de malária que se espalhou para além das fronteiras norte-riograndenses, atingindo, sem demora, a região do Baixo Jaguaribe, no Ceará.

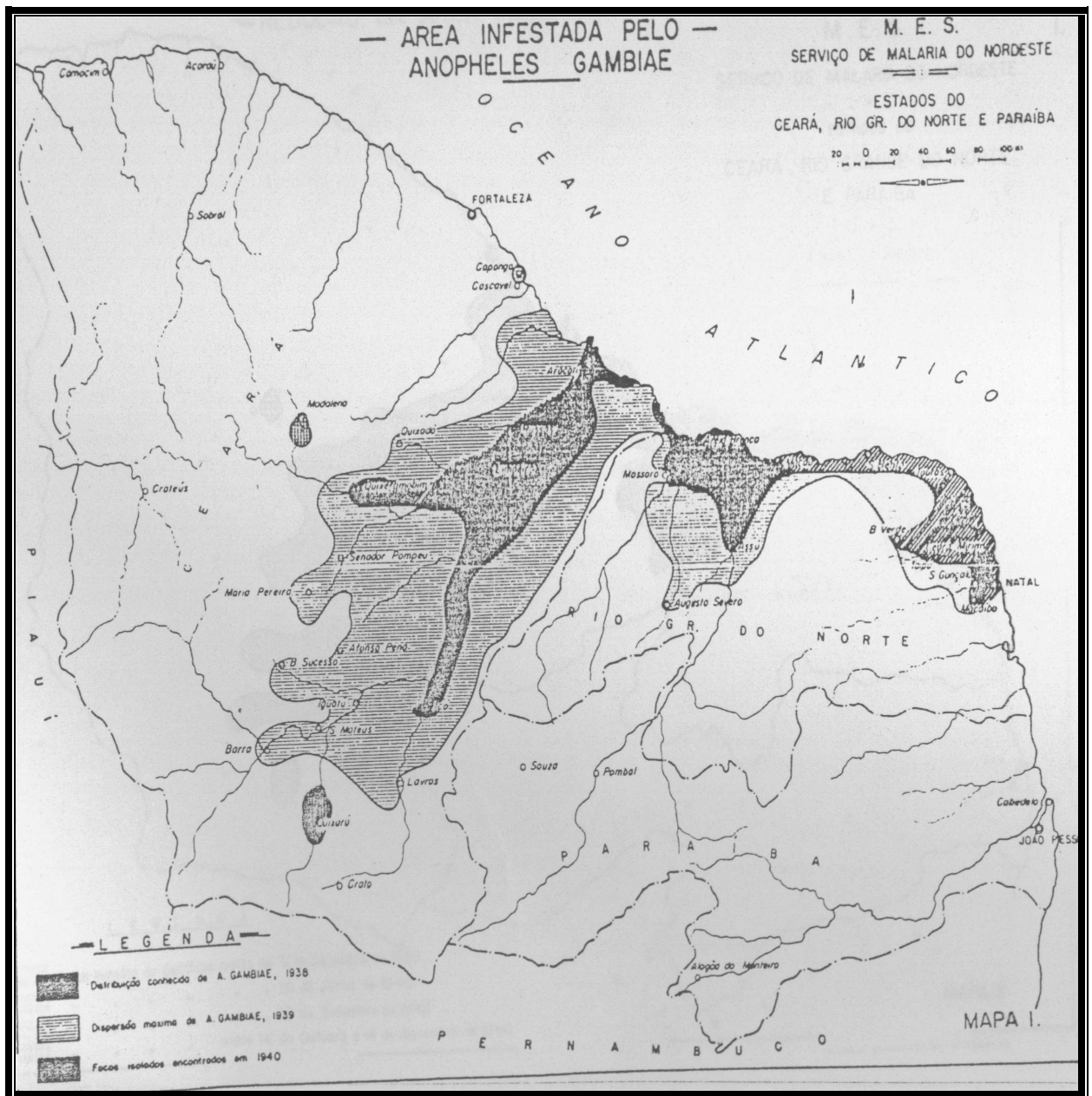
As ações empreendidas pelo Serviço de Saúde do Rio Grande do Norte fizeram com que as autoridades do Estado acreditassem que realmente haviam eliminado o *gambiae* do território potiguar. No entanto, o anofelino

---

<sup>40</sup> Raymond Shannon Apud. BENCHIMOL, Jaime Larry (coord). *O Combate ao Anopheles gambiae*. In: **Febre Amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2001. p. 168.

africano apenas retirara-se da cidade de Natal, passando a seguir o curso das águas através dos rios Apodi e Assú, atravessando, desse modo, a chapada do Apodi, atingindo as margens do Rio Jaguaribe, no Ceará.

**MAPA 1 - Regiões Atingidas pela Malária**



Fonte: Arquivo Fundação Rockefeller - Acervo Iconográfico do SMNE – Casa Oswaldo Cruz

Estima-se que a malária tenha atingido mais de 140 mil pessoas, levando a óbito um número calculado entre quatorze a vinte mil indivíduos nos dois Estados.<sup>41</sup> De acordo com Erney Camargo, *mais de 10% dos pacientes, sem imunidade e já debilitados pela fome, morreram por falta de tratamento.*

A população do Ceará era praticamente virgem com relação à malária, isto é, tinha imunidade nula contra a doença. Foi uma calamidade pública. Alguns números esclarecem mais que descrições. Para uma população de 250 mil habitantes, o Rio Grande do Norte registrou, em apenas seis meses de 1938, cerca de 50 mil casos de malária. Em vários povoados rurais e ribeirinhos, o número de casos rondou a casa dos 80 a 90% da população. A mortalidade foi altíssima, mais de 10% dos pacientes, sem imunidade e já debilitados pela fome, morreram por falta de tratamento. Dizem as crônicas e jornais da época que todas as famílias do Vale do Jaguaribe vestiram luto em 1939.<sup>42</sup>

A exemplo do alerta feito pelos sanitaristas da Fundação Rockefeller que trabalhavam no Rio Grande do Norte, o prefeito da cidade de União, Antônio Rocha Freitas, já no início do ano de 1937, denunciava aos jornais da capital cearense, as calamidades que se faziam presentes nas residências da população atingida pela moléstia em seu município.

No dia 06 de julho de 1937, o referido prefeito escreveu um telegrama ao Interventor do Estado, Francisco de Menezes Pimentel (1935-1945), no qual mencionava a incidência de uma epidemia de malária em União, chamando a atenção também para a falta de estrutura para atender os impaludados, pedindo, dessa forma, auxílio do Estado através do envio de medicamentos a serem distribuídos entre a população doente que morria à míngua sem nenhum atendimento.

Exmo. Governador Estado. Recrudescer epidemia impaludismo este município. Centenas pessoas morreram a mingua visto não poderem recorrer tratamento. Peço Vocenssia atender população mandando distribuir medicamentos pobreza. Saudações.  
[as] – Antônio Freitas – Prefeito<sup>43</sup>

<sup>41</sup> CAMPOS, A. L. V. de. *Combatendo nazistas e mosquitos: militares norte-americanos no Nordeste brasileiro (1941-1945)*. In: **História, Ciências, saúde – Manguinhos**, V. 3: p. 603-20, nov. 1998 - fev 1999.

<sup>42</sup> CAMARGO, Erney Plessmann *Malária, Maleita, Paludismo*. In: **Revista Ciência e Cultura**. Jan/Mar 2003, Vol. 55. Nº 1. [26-30]. p.26.

<sup>43</sup> Telegrama que, segundo o prefeito Antônio Freitas, foi publicado na íntegra no jornal O Povo. *O Impaludismo em União: Resposta ao Assistente da Diretoria de Saúde Pública*. 23/ago/1937.

A Diretoria de Saúde Pública do Estado, em resposta ao telegrama enviado pelo prefeito Antônio Rocha Freitas, encaminhou à União, doze dias depois, o inspetor Dr. Miguel Rodrigues de Carvalho e o laboratorista Dr. Mário de Assis, incumbidos da missão de realizar um *inquérito epidemiológico esclarecedor*. De acordo com o parecer dos profissionais, o estado sanitário daquele município era normal. Todavia, segundo o prefeito Antônio Freitas, esses profissionais permaneceram por apenas 2 horas naquela cidade, sem percorrer nenhuma comunidade ou visitar as residências onde havia pessoas acometidas pela malária.

Os membros da Diretoria alegavam que tinham esquecido as lâminas para realizar o exame microscópico. No entanto, o material necessário para os inspetores averiguarem a incidência da epidemia palustre, em União, foi encontrado, logo após a partida dos médicos, dentro de um caixote contendo medicamentos a serem distribuídos entre os impaludados.

Os medicamentos deixados pelos representantes do Estado teriam sido, segundo o prefeito, insuficientes para atender a grande demanda de pessoas atingidas pela malária naquele município e teriam se esgotado logo no primeiro dia de distribuição. Para além da exígua medicação, no dia seguinte à sua passagem por União, o inspetor Dr. Miguel Rodrigues telegrafou ao prefeito solicitando a devolução do material deixado naquela cidade.

Prefeito Municipal União,  
De Fortaleza, 19 – N. 24 – estando sendo providenciado medidas  
combate impaludismo ahi, peço ilustre prefeito devolver material  
que dei suas mãos.  
Agradece. Atenciosas Saudações.  
[a] Dr. Miguel Rodrigues, inspetor.<sup>44</sup>

O chefe do Serviço de Saúde Pública do Estado, Dr. Hider Correia Lima, em reportagem ao jornal O Estado, de 04 de agosto de 1937 alegava que os medicamentos eram injetáveis. Nesse caso, não poderiam ser manuseados por leigos. Alegava, ainda, o referido doutor, que, desde abril, o governo do Estado vinha combatendo o surto de malária com intensa quinização, com cerca de 136.000 comprimidos, a base de *quina*, distribuídos à população doente.

---

<sup>44</sup> Jornal O Povo – Fortaleza, 30/07/1937. *O Impaludismo em União: A Atitude Facciosa e Displícite do Governo. Fala a O Povo o Prefeito daquele Município.*

Todavia, o prefeito de União, Antônio Rocha Freitas, declarava no jornal O Povo que não se tratava de medicamentos injetáveis e alegava que muitas comunidades atingidas pela malária não teriam recebido qualquer comprimido. Dessa forma, a doença prosseguia em sua *marcha sinistra*.

Notem bem: o impaludismo a grassar desde abril e a Diretoria de Saúde Pública a mandar dois médicos a União em 18 de julho passado, para levantamento de um inquérito epidêmico esclarecedor. Não que se distribuísse algum quinino e este mesmo insuficientíssimo, desde abril, em Passagem de Pedras e até em Figueredo, mas outros lugares do município, também fortemente atacados nada recebiam. Só depois, muito tarde, é que chegaram os comprimidos, sempre em remessa tão pequena, insuficiente, que não davam para um só dia de distribuição. O resultado, a conseqüência fatal de tudo isso, é que diversos impaludados morreram à mingua e outros estão a morrer, desamparados que foram de tratamento no início da moléstia. Por outro lado, não se cogitou, como ainda não se cogita, de uma quinização preventiva as pessoas sãs! Continuam, assim, as populações do Baixo Jaguaribe impiedosamente açoitadas pelo flagelo, que já se estende, ameaçador, deste município para Russas. Prossegue a marcha sinistra.<sup>45</sup>

Como podemos perceber, apesar do alerta dos sanitaristas da Fundação Rockefeller e das denúncias publicadas nos jornais da capital, o Interventor Menezes Pimentel não levou a sério, de imediato, a incidência da doença nos lares jaguaribanos. O Secretário do Serviço Sanitário do Estado do Ceará, ao ser informado do surto epidêmico, ainda em 1937, classifica-o como sendo apenas um surto inocente de terçã benigna, grave, sem, contudo, ser assustador.

Ao iniciar o ano da graça de 1937, ou antes, alguma coisa, uma perigosa invasão palustre ameaçava a vida dos habitantes de União. Que fez nessa emergência a Diretoria de Saúde Pública? Olhou de soslaio, viu e não quis compreender. Duvidou. Moveu-se displicentemente.

(...) No auge da situação, cá nos mandou dois ou três médicos que aqui passaram à ligeira, num clarear de relâmpago em meio a tormenta, sem nada verem, nada examinarem. Um desses ilustres profissionais chegou a declarar, em entrevista ao próprio “O Estado”, que estávamos somente a fazer exploração política, que apenas se tratava de um surto inocente de “Terçã benigna”, e que

---

<sup>45</sup> Jornal O Povo,- Fortaleza, 03/05/1938. Op.cit.

“a situação certamente era grave, estando longe, porém de ser assustadora”.<sup>46</sup>

Jean Delumeau, ao analisar as epidemias ocorridas na Europa, durante os anos de 1.300 a 1.800, aponta algumas justificativas para a demora das autoridades políticas em reconhecer, de imediato, a incidência de um surto epidêmico, como estratégia para não assustar a população criando, assim, uma situação maior de pânico. Os procedimentos deveriam, portanto, ser cautelosos, de modo a esperar que a doença fosse, naturalmente, retardada. Por outro lado, receava-se que a epidemia pudesse interromper as relações econômicas. Uma vez declarada a peste, as autoridades deveriam tomar as providências cabíveis para erradicar o mal.<sup>47</sup>

Nos anos em que a malária grassou na região jaguaribana, foram visíveis as constantes trocas de acusações entre o prefeito da cidade de União, Antônio Rocha Freitas, através do jornal O Povo, e o Governo estadual, através, principalmente, do jornal O Estado. A Diretoria de Saúde Pública declarava que o Serviço Sanitário do Ceará estava sendo *benemerente* no que tange aos problemas sanitários do Estado.<sup>48</sup>

O jornal O Povo, por sua vez, apresenta várias reportagens nas quais o prefeito e também farmacêutico de União denuncia o descaso das autoridades estatais que não tomavam as providências cabíveis para erradicar, ainda em sua fase inicial, o surto epidêmico de malária que, na área urbana como na zona rural do município, já fazia suas primeiras vítimas.

O fato do prefeito de União pertencer ao partido de oposição ao Governo do interventor Menezes Pimentel fazia recair sobre ele a acusação de oportunista, de estar se aproveitando da ocorrência de um surto epidêmico de malária em seu município para fazer “exploração política”.

A epidemia de malária na região jaguaribana ganhou visibilidade em praticamente todos os jornais de Fortaleza: Correio do Ceará, Gazeta de Notícias, O Estado, O Nordeste e o jornal O Povo trazem constantemente reportagens descrevendo as calamidades, a crise econômica na região, as

---

<sup>46</sup> Jornal O Povo,- Fortaleza, 03/05/1938. “O Impaludismo em União – Rebatendo acusações e expondo fatos”. p.3.

<sup>47</sup> DELUMEAU, Jean. *Tipologia dos comportamentos coletivos em tempos de peste. In: História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.* Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 117-118.

<sup>48</sup> Jornal O Estado – Fortaleza – Agosto de 1938

notas de falecimentos, bem como as políticas estatais de combate ao impaludismo.

A exemplo da cobertura realizada pelos periódicos da capital cearense, o jornal *A Voz do Campo*, produzido pelas alunas da Escola Normal Rural de Limoeiro, também publicou algumas reportagens referentes à presença da malária entre a população limoeirense.

Em sua primeira edição, publicada em 15 de agosto de 1938, *A Voz do Campo* noticiava a visita que o Interventor do Estado, Menezes Pimentel, fez a algumas cidades atingidas pela malária na região jaguaribana. Segundo a reportagem, inúmeros impaludados foram esperar o Interventor em frente ao prédio da Prefeitura Municipal de Limoeiro. Embora a referida matéria não nos ofereça maiores detalhes, indagamos se a presença de pessoas atingidas pela malária em frente à prefeitura limoeirense, à espera do Interventor Menezes Pimentel, não seria uma forma de protestar e exigir, por parte das autoridades políticas do município e do Estado, ações mais eficazes para combater o grande mal que assolava a população na época.<sup>49</sup>

A preocupação com o avanço do surto epidêmico de malária na região jaguaribana era compartilhada por vários setores da sociedade cearense. Sensibilizado pelas notícias que chegavam todos os dias dos municípios vitimados pela malária, o Conselho Diretor do Rotary Club de Fortaleza convidou o Historiador Raimundo Girão para proferir, em 1938, uma palestra sobre os efeitos que a malária estava trazendo para a vida econômica e social da região jaguaribana, bem como apontar de que forma o Rotary poderia *colaborar com as autoridades públicas no sentido de minorar os efeitos desastrosos da terrível epidemia*.<sup>50</sup>

Em seu discurso, Raimundo Girão ressaltava a importância econômica da região jaguaribana, voltada, principalmente, para o cultivo do milho, feijão, mandioca, melancia, entre outros gêneros alimentícios que garantiam a subsistência camponesa durante os meses de verão. Aliada à agricultura de subsistência, o cultivo e venda do algodão e da cera de carnaúba compunham a base da economia do Baixo Jaguaribe.

---

<sup>49</sup> Cf: Jornal "A Voz do Campo", nº 1, Limoeiro do Norte, 15 de agosto de 1938.

<sup>50</sup> GIRÃO, Raimundo. **Efeitos da malária na vida sócio-econômica do Baixo Jaguaribe**. Editora Fortaleza, 1938. p. 1 Biblioteca Menezes Pimentel – Seção de Obras Raras.

Segundo Raimundo Girão, a malária atingiu, em muitas casas, quase todos os membros da família, prejudicando, desse modo, o trabalho agrícola na região, cujos reflexos já se faziam sentir nos mapas tributários dos diversos municípios vitimados pela malária e, por extensão, nos mapas tributários do próprio Estado.

A coletoria estatal da União, no primeiro semestre deste ano, não recolheu senão 67 contos de reis, quando em 1937, ano de inverno insuficiente no Jaguaribe, havia recolhido 174 contos. Limoeiro, 65 em relação a 160 do exercício passado, sendo de notar que as parcelas fortes do recolhimento dessas exatorias, como dos demais, resultam dos impostos ligados à safra do ano findo.

É idêntica a dificuldade da municipalidade: a de São Bernardo de Russas arrecadou, no aludido semestre, 48 contos de reis, num orçamento, plenamente exequível em condições normais, estimados em 124 contos. A União arrecadou pouco mais de um terço da sua receita prevista.

E todas as probabilidades são no sentido de uma grande diminuição de rendas no segundo semestre, porque, conforme ficou dito, há carência de braços que sacrificará, fatalmente, a produção, ainda que, no modo mais eficiente, resolva o poder público apressar o combate racional da doença.<sup>51</sup>

O historiador Raimundo Girão também fazia referência ao sertanejo jaguaribano, um homem trabalhador que, graças à doença, fora reduzido a um *corpo que treme e se sacode*,<sup>52</sup> deixando transparecer uma lógica difundida, desde o início do século XX, por sanitaristas, médicos e outros profissionais da área da saúde, que vinham chamando, de maneira intensiva, a atenção para a manifestação de surtos epidêmicos que acabavam contribuindo, diretamente, para diminuição do ritmo de trabalho das pessoas, colocando em risco os planos de progresso e desenvolvimento do país.

O espaço rural brasileiro, considerado por muitos como um lugar onde se concentravam as principais mazelas do país, necessitava de políticas públicas de saúde que fossem adequadas às suas carências. Tais medidas, por assim dizer, impediria que os planos que visavam tornar o Brasil uma nação desenvolvida fossem colocados em suspense. Era preciso, pois,

---

<sup>51</sup> Idem. p. 6 - 7.

<sup>52</sup> Idem. Ibidem.



urgentemente, programar e colocar em prática políticas de saneamento rural nos sertões.<sup>53</sup>

Ao finalizar seu discurso, Raimundo Girão conclamava a todos os rotarianos a articularem, junto às várias associações de classe de Fortaleza, um movimento de opinião com o objetivo de pressionar os poderes administrativos, tanto a nível estadual como federal, a tomarem medidas mais eficazes no combate à epidemia de malária que assolava a zona jaguaribana, em 1938. Era preciso, pois, arrebentar corretamente o elo que ligava a cadeia epidêmica constituída pelo mosquito, o homem doente e o homem são.

Costuma-se comparar a epidemia de malária a uma cadeia cujos elos seriam o mosquito, o homem doente e o homem são, e que, para exterminá-la, urge quebrar qualquer dessas argolas (...), pois o elo que está se arrebentando é o único que deveria persistir. Numa irrisão do destino, veja-se bem, o mal, na sua concepção medida, vai anular-se pela ausência absoluta do indivíduo sadio para ser infectado (...)  
Será o despovoamento. Desaparecerá, lentamente, o trabalho, a produção, a riqueza como expressão econômica, e a vida da região....<sup>54</sup>

Tratar as pessoas enfermas com remédios que, muitas vezes, eram quantitativamente insuficientes para atender a grande demanda, ou então distribuir mantimentos às famílias carentes que, debilitadas fisicamente, não tinham como exercer suas funções na lida dos roçados, longe de erradicar o mal, apenas prorrogava ainda mais o sofrimento daqueles indivíduos. O mosquito transmissor da doença continuaria se reproduzindo, expandindo a calamidade por lugares ainda não infestados, exterminando milhares de pessoas que não resistiam aos tremores intensos da febre intermitente.

As autoridades políticas precisavam urgentemente tomar atitudes mais eficazes visando erradicar a epidemia de malária no Baixo Jaguaribe, pois esta não poderia mais ser *olhada pelo prisma rotineiro dos auxílios e socorros clássicos*, ou seja, através de distribuição de víveres e medicamentos à

---

<sup>53</sup> Sobre as discussões acerca das políticas públicas de saneamento rural no Brasil durante a chamada "Era do Saneamento" intensificadas principalmente ao longo das primeiras décadas do século XX, conferir: HOCHMAN, Gilberto . **A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil**. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.

<sup>54</sup> Girão, Raimundo. Op. cit. p. 2.

população doente. Ainda segundo o discurso de Raimundo Girão, era *indeclinável o soerguimento das regiões entregues a fúria da epidemia cruenta*.<sup>55</sup>

A exemplo do discurso do historiador Raimundo Girão no Rotary Club de Fortaleza, o Pe. Otávio de Alencar Santiago deixou, em outubro de 1938, no livro de tombo da Paróquia de Riacho do Sangue, um relato no qual descreve o estado calamitoso tanto das famílias vitimadas pela malária, como das localidades atingidas pela epidemia, pois o mosquito transmissor da doença continuava sua *marcha célere* atingindo populações inteiras em comunidades que ainda não haviam sido infectadas em 1937, primeiro ano da epidemia:

Em 1937 alastrou-se pelas paróquias do Baixo Jaguaribe uma terrível epidemia: a malária, ceifando milhares de vidas, por toda a parte levando desolação, lançando o luto. (...) A medida que os meses se passavam, o terrível mosquito “Gâmbia” ou “Anofelis Castoli” subia o Jaguaribe implantando, por onde passava, o terror. Vimos passar de Limoeiro para São João e Tabuleiro d’Areia, daí para Volta da Barra e Castanhão – Que tristeza não se apoderou de mim quando chegou a meu conhecimento que a malária fazia em Poço Comprido as suas primeiras vítimas! E com que virulência ali não penetrou! Ao ter esta triste notícia, apressei-me em ir àquela terra onde verifiquei pessoalmente, os efeitos em tão poucos dias de penetração – o povo acabrunhado, sem ânimo, apavorado, sem meios para um conveniente tratamento, enfraquecido, sem necessária alimentação – De vez por outra, uma vítima. (...) Na Ilha Grande, onde existem, aproximadamente, 50 habitações nenhuma ficou sem a visita nefasta da malária. (...) E o mosquito marcha! Já passou para fazenda Bonita, atingiu a Barra do Riacho do Sangue, seguindo até Santa Rosa pelo Jaguaribe e marchando, célebre pelo Riacho, espalhando o pavor e penetrando na própria cidade.<sup>56</sup>

Embora o estado de calamidade pública fosse alertado por vários setores da sociedade civil, a campanha de erradicação da malária no Nordeste só se realizou de forma mais efetiva a partir da institucionalização do Serviço de Malária do Nordeste (SMNE). Como estava estruturado esse Serviço, bem como o trabalho de erradicação da malária na região jaguaribana, será o assunto abordado no tópico seguinte.

---

<sup>55</sup> Idem. p.9.

<sup>56</sup> Livro de Tombo 2 – Paróquia de Jaguaribama. 1937-1956. p.7. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

## 1.2. Serviço de Malária do Nordeste

*Não cabe dúvida que a invasão de *A. gambiae* ameaçava as Américas com uma catástrofe de tal natureza que as pragas ordinárias, conflagrações, inclusive a guerra parecem pequenas calamidades temporárias. Penetra literalmente a próprias veias do país e pode continuar prejudicando-o durante séculos. (...) Quando se escrever a História da Medicina deste século, o resultado da luta das autoridades da saúde contra esta invasão constituirá um dos capítulos mais interessantes. (Barder\*, 1939)*

Em face de tantas pressões, o governo de Getúlio Vargas, em parceria com a Fundação Rockefeller,<sup>57</sup> de origem norte-americana, resolveu tomar medidas mais eficazes para combater a epidemia de malária, criando, em 11 de janeiro de 1939, através do decreto-lei nº 1042, o Serviço de Malária do Nordeste (SMNE).

Destinado exclusivamente a conter o avanço do mosquito *Anopheles gambiae*, com um orçamento de dez mil contos de reis, sendo dois mil fornecidos pelos norte-americanos, essa empreitada se tornou um dos maiores investimentos na história das políticas de combate à malária do mundo, com dispêndios que se aproximavam dos 02 milhões de dólares, quantia considerada elevada para a época.<sup>58</sup>

---

\* Apud. BARBOSA, José Policarpo. **História da Saúde Pública do Ceará: Da Colônia a Era Vargas**. Edições UFC, 1994. p.127.

<sup>57</sup> A Fundação Rockefeller pode ser definida como sendo uma organização não governamental com fins beneficentes criada no ano de 1917, em Nova York, EUA. Tinha como um de seus principais objetivos promover pesquisas nas áreas biomédicas e nas ciências sociais. Alguns autores como Nilson do Rosário, vêem essa filantropia multinacional como sendo uma fachada para esconder os seus verdadeiros objetivos que advinham da “*necessidade do capitalismo americano de criar condições políticas e sanitárias para as inversões de capital*”. Tratava-se, portanto, de uma tentativa dos norte-americanos de expandirem a supremacia tanto no aspecto político como ideológico. Cf: COSTA, Nilson do Rosário. **Lutas Urbanas e Controle sanitário: origens das políticas de saúde no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1985. p.112. Sobre a atuação da Fundação em solo cearense antes do Serviço de Malária do Nordeste, ver: PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Epoque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 2 ed. Fortaleza. Fundação Demócrito Rocha, 1999.

<sup>58</sup> CAMPOS, A. L. V. de. *Combatendo nazistas e mosquitos: militares norte-americanos no Nordeste brasileiro (1941-1945)*. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, nov. 1998 -fev

Segundo Jaime Benchimol, o interesse americano em erradicar essa epidemia de malária se deve, primeiramente, ao medo de uma possível migração do anofelino africano. Também se justificaria pela própria conjuntura da época, ou seja, a ameaça iminente de deflagração do que viria a ser a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Pois, desde início do século XX, já se tinha a consciência de que as doenças infecto-contagiosas, como o impaludismo, foram responsáveis por um número de mortes e internações de soldados americanos maior do que em combate nos fronts de guerra. De acordo com Benchimol,

O risco do *Anopheles gambiae* se propagar pela Amazônia e alcançar o Canal do Panamá, numa conjuntura em que era iminente a deflagração da guerra na Europa e em que os estudos epidemiológicos apontavam a malária como a principal ameaça sanitária das forças beligerantes, levou os Estados Unidos a se interessarem vivamente pelo problema do Nordeste brasileiro.<sup>59</sup>

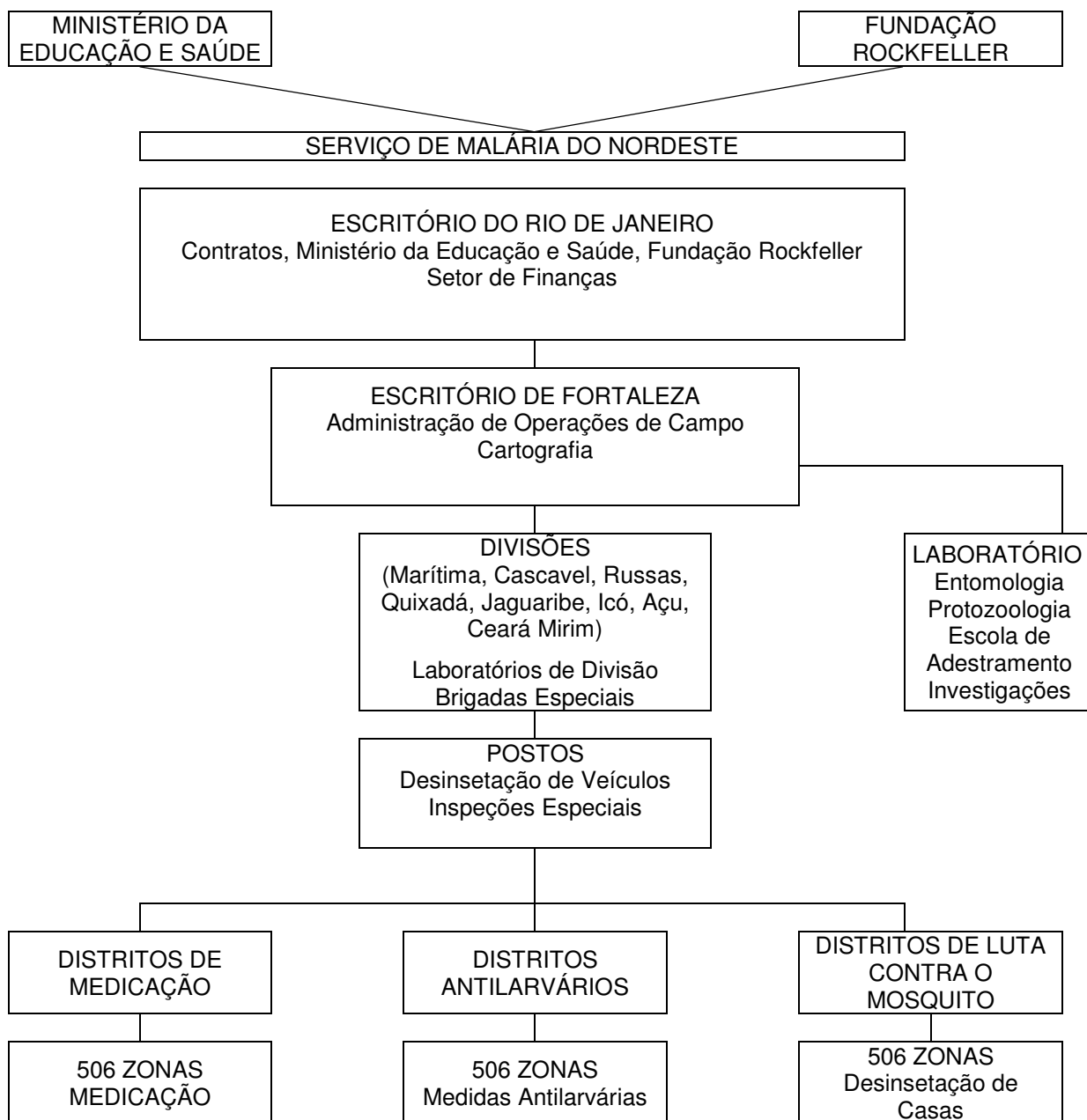
O Serviço de Malária do Nordeste seguiu a mesma estrutura organizacional que a Fundação Rockefeller vinha empregando no combate à febre amarela no Brasil. O SMNE operava livre de todas as restrições burocráticas, com fundo orçamentário próprio, pessoal treinado e constituído por uma equipe técnica administrativa refinada. Toda essa estrutura foi montada numa verdadeira operação de guerra para impedir a propagação do *gambiae* pelo território americano. Vejamos, então, como estava estruturado este Serviço.

---

1999 Vol. 3, N° 2: p. 603-620. Ressalte-se que as somas investidas nessa empreitada de combate ao *gambiae* é motivo de discordância entre vários autores.

<sup>59</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry (coord) *O combate ao Anopheles Gambiae*. Op.cit.p.169.

### ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO DE MALÁRIA DO NORDESTE (1939-1940)



A região jaguaribana passa, então, a ser pensada como um território doente, que precisava ser curado. Dessa forma, o SMNE delimita os espaços do Baixo Jaguaribe a partir das suas estratégias de cura. Em primeiro lugar, era preciso identificar e combater o mosquito tanto na sua fase adulta, ou alada, através dos expurgos nos domicílios e nos meios de transportes, como também na fase larvária, fazendo uso de um larvicida, *verde paris*, nos rios,

açudes, riachos, lagoas ou quaisquer locais onde houvesse aglomeração de água.

Depois, seria fundamental que se controlasse a disseminação do vetor, evitando, dessa forma, que o mesmo fosse transportado por vias terrestres através da locomoção de carros, carroças, entre outros meios de transportes; embarcações; ou, até mesmo, em aviões, migrando, assim, para locais ainda não infectados.

Vários postos de expurgos foram organizados em todas as estradas de rodagem e ferrovias. Todos os limites territoriais das áreas infectadas estavam sendo observados. Nenhum transporte deveria entrar ou sair do vale jaguaribano sem passar pela fiscalização, pelo olhar atento dos guardas da malária.

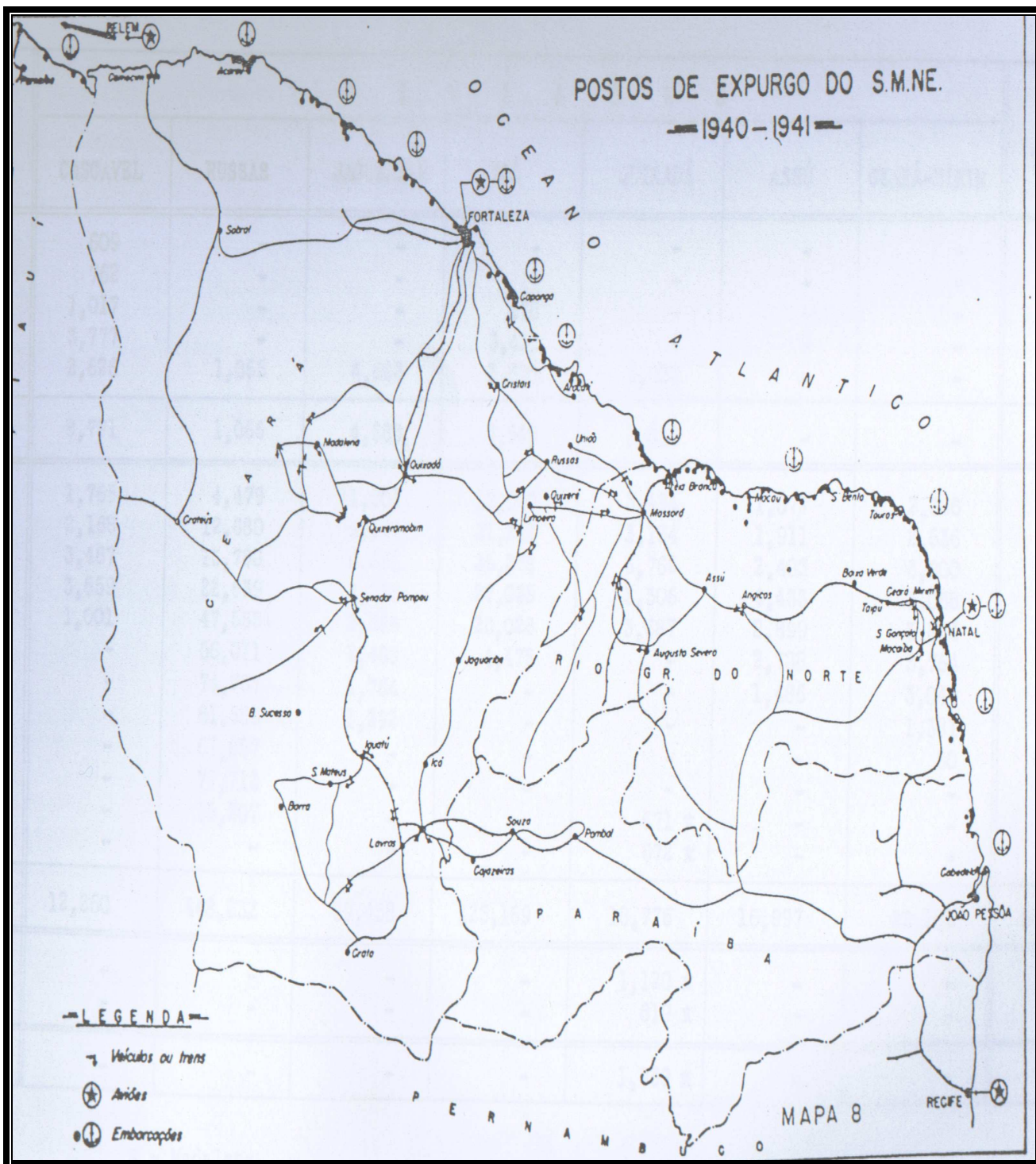
As zonas contaminadas pela fúria do *gambiae* estavam cercadas por 33 postos de expurgo e fiscalização. Estes tinham como principal objetivo inspecionar automóveis, carroças, motocicletas, animais, etc. Além dos 33 postos de expurgo e fiscalização, ainda existiam sete guaridas localizadas nas estações de trem. Segundo Frederico de Castro Neves, desde 1932, o trem já havia se tornado um dos principais meios de transporte terrestre do Ceará. As estradas de ferro cobriam boa parte das vias de acesso da capital cearense, constituindo-se, portanto, em uma das *principais rotas de comércio e de escoamento da produção agropecuária pelo porto de Fortaleza*.<sup>60</sup>

Para além dos meios de transportes terrestres, as vias aéreas e marítimas também possuíam profissionais do Serviço de Malária do Nordeste à procura dos mosquitos ou quaisquer outros indícios que dessem conta da possível presença do anofelino africano. Nenhum barco, canoa ou jangada estariam a salvo da fiscalização. Portanto, como podemos perceber, através do mapa 02, todas as vias de chegada e saída do Ceará estavam sob o alvo do olhar vigilante do SMNE.

---

<sup>60</sup> NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.p.105.

**MAPA 2 – POSTOS DE EXPURGO DO SMNE (1940-1941)**



Fonte: Arquivo Fundação Rockefeller - Acervo Iconográfico do SMNE – Casa Oswaldo Cruz

A seguir (foto 01), podemos ver a imagem do trabalho dos guardas expurgando um carro na localidade de Cristais, onde foi instalado um posto de expurgo. Localizado em uma estrada que ligava a região jaguaribana a Fortaleza, a finalidade do posto era evitar que os meios de transporte que

saíam do Vale transportando pessoas, rumo à capital cearense, levassem consigo o mosquito transmissor da doença. A preocupação residia, sobretudo, em proteger a cidade de Fortaleza do ataque do *gambiae*.

Ressalte-se, ainda que a política de proteção à capital cearense - tanto dos perigos acarretados pelas epidemias, como dos “incômodos” causados pela presença dos retirantes advindos do interior do Estado - representava uma ameaça para as propostas de progresso e desenvolvimento de Fortaleza - já era adotada desde o século XIX.<sup>61</sup>

### FOTO 1 - Posto de Expurgo do SMNE em Cristais



Fonte: Acervo Fundação Rockfeller – Fundo SMNE – Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz

Com o intuito de garantir a eficiência e a fiscalização do trabalho desenvolvido para combater a epidemia de malária, a região jaguaribana foi pensada e dividida de acordo com as três categorias de organização do Serviço de Malária: as divisões, os distritos - de medicação, antilarvários e de luta contra o mosquito – e, finalmente, o vale jaguaribano foi repartido em zonas de medicação, de medidas antilarvárias com verde paris e também em zonas de expurgos nas residências.

<sup>61</sup> Sobre o assunto, conferir artigos presente no livro. SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (org). **Seca**. Coleção Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.



A capital cearense, por ser um centro de vias aéreas, marítimas e terrestres em constante comunicação com as cidades infectadas pela malária, foi escolhida para ser o “quartel-general” do Serviço no Ceará. A cidade de Aracati - centro marítimo e uma das áreas cuja população foi mais atingida pelos infortúnios da epidemia - tornou-se a sede do Laboratório Central de identificação do mosquito.

Os funcionários que trabalhavam no laboratório central exerciam funções primordiais para que o Serviço de Combate ao mosquito obtivesse êxito em sua empreitada. Cada funcionário era responsável pelo treinamento de outros profissionais para que pudessem atuar no campo identificando o vetor da doença em todas as suas fases, realizando, também, estudos sobre as formas de reprodução, atuação e desenvolvimento do mosquito. Enfim, um verdadeiro “centro de inteligência” foi montado nos sertões do Baixo Jaguaribe. Para além das atividades citadas anteriormente, o laboratório deveria:

- 1- Treinar o pessoal de campo na identificação de larvas e adultos de *gambiae* e na aplicação de verde paris;
- 2- Fazer identificação de larvas e adultos de mosquitos enviados do campo;
- 3- Fazer pesquisas tendentes a aumentar a eficiência dos métodos de combate em uso;
- 4- Estudar a biologia do *gambiae*, não só em criações no laboratório como sob condições naturais;
- 5- Estudar a classificação e a biologia dos anofelinos brasileiros;
- 6- Examinar as lâminas de sangue colhidas durante os estudos epidemiológicos na região durante 1939, 1940 e 1941.<sup>62</sup>

Foi montada uma equipe que representava um verdadeiro esquadrão, numa operação de guerra contra o mosquito africano transmissor da malária. Cerca de 50 pessoas, entre médicos, guardas, laboratoristas e funcionários administrativos, vieram do Serviço de Febre Amarela trabalhar na região do Baixo Jaguaribe no Ceará. Em praticamente todas as cidades da região, foram instalados postos de coleta do mosquito e de distribuição de medicamentos.

A campanha de erradicação da malária foi dirigida pelos americanos Fred L. Soper e D. B. Wilson. Também faziam parte da equipe administrativa

---

<sup>62</sup> Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942). Fundação Rockefeller. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213. p. 53.

Shannon e Barber, do International Health Board. Os pesquisadores brasileiros Leônidas Deane e Maria Paumgarten lideravam o destacamento científico. Em meados de 1939, o SMNE contava com cerca de 4.000 pessoas trabalhando em toda região jaguaribana.

Homens, mulheres, jovens e adultos, após passarem por um processo seletivo e treinamentos, poderiam ser contratados para trabalhar no serviço de combate ao mosquito transmissor da doença. Alguns eram encaminhados para trabalhar nos escritórios, outros nos laboratórios, além dos que executavam funções nos trabalhos de campo. Vejamos a seguir um quadro, baseado no Relatório do SMNE, contendo as várias ocupações profissionais do corpo funcional desse Serviço.

<b>QUADRO 1 – Categorias do corpo funcional do SMNE</b>
Médicos
Secretários
Caixas
Estatísticos e auxiliares
Escriturários
Almoxarifes e auxiliares
Datilógrafos
Serventes de Escritório
Topógrafos e auxiliares
Auxiliares Técnicos
Microscopistas e auxiliares
Guardas Chefes Gerais
Guardas Chefes de Zona
Guardas Chefes Marítimos
Guardas Chefes Medicadores
Guardas Chefes Capturadores
Guardas Chefes Pesquisadores
Guardas Chefes Expurgo
Guardas de Zonas
Guardas Marítimos
Guardas Medicadores

Guardas Capturadores
Guardas Pesquisadores
Guardas Expurgo
Praticadores
Trabalhadores
Motoristas
Outros

Fonte: Relatório do SMNE – Casa Oswaldo Cruz - Fiocruz

Os funcionários que compunham o corpo funcional do SMNE, apesar de bem remunerados financeiramente, também eram alvo de constantes fiscalizações por parte de seus chefes.

Os microscopistas que trabalhavam nos laboratórios, por exemplo, estavam constantemente sendo alvo de vigilâncias. Essas pessoas ocupavam uma função essencial dentro do Serviço, já que eram responsáveis pela identificação dos mosquitos e larvas coletados durante a pesquisa de campo.

Segundo Jaime Benchimol, *para testar a vigilância do pessoal, de vez em quando Deanne colocava sorrateiramente uma larva do gambiae num dos potinhos de mosquitos que vinham do campo. Se o microscopista deixasse de perceber o inimigo, era suspenso; da segunda vez, perdia o emprego.*<sup>63</sup>

Ainda é importante ressaltar que, apesar das constantes pressões vindas dos olhares vigilantes dos chefes do Serviço de Malária e do trabalho árduo, várias pessoas viam, no trabalho do SMNE, uma opção para superar a crise financeira, já que o serviço as recompensaria com bons salários. Temos que levar em conta que, para além do bom salário, havia também todo um status que as diferenciava do restante da população. Afinal, elas eram responsáveis por erradicar o grande “mal” que aterrorizava a todos.

Tomemos, como exemplo, o caso do Sr. Manoel Carlos da Silva (hoje com 85 anos) que trabalhava como guarda no Serviço de Malária em Jaguaribe. As lembranças das cenas tristes, que seu trabalho o obrigava a testemunhar durante a lida diária, mesclavam-se com as recordações das amizades construídas, dos lugares até então desconhecidos, etc. Nosso

<sup>63</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry (coord). Op.cit. p. 173.

narrador fez questão de enfatizar que, além de seus honorários serem pagos pelo SMNE, o mesmo ainda recebia “gratificações” da população em geral.

Com o dinheiro arrecadado durante o tempo que trabalhava no SMNE, o Sr. Manoel da Silva conseguiu comprar uma casa. Aliás, segundo nosso narrador, foi graças a esse tempo de trabalho que conseguiu proporcionar à sua família uma condição de vida melhor.

O período em que trabalhei no Serviço de Malária, ganhei muita coisa. Tudo que tenho hoje, posso até lhe dizer, que consegui através do que ganhei naquele tempo. Posso dizer que, apesar daquela doença triste, foi muito bom pra mim. Além do meu salário que ganhava, que aliás era muito bom, ganhava, dos moradores que fazia amizade de um tudo: era carneiro, bezerro, galinha e sempre davam uma gratificação em dinheiro por fora também. Com o dinheiro que juntei, pra você ter uma idéia, me casei, construí minha casa e ainda sobrou uma coisinha pra mim.<sup>64</sup>

Podemos inferir, através da fala do “Seu” Manoel, que, mesmo sabendo que os guardas estavam sendo pagos para cumprirem suas obrigações de procurar a incidência do mosquito e erradicá-los, algumas pessoas, agradecidas e solidárias com os sofrimentos trazidos pelos trabalhos árduos daqueles profissionais, ou talvez, desejosos que dessem, em suas casas, uma atenção especial, ainda retribuía os préstimos doando animais de pequeno porte, feijão, queijo, leite, etc.

As famílias mais abastadas chegavam a presenteá-los com carneiros, bezerros, além dos que ofereciam dinheiro. Mesmo sabendo que se fossem descobertos poderiam perder o emprego, alguns guardas recebiam as “gratificações”.

Trabalhar na campanha de erradicação da epidemia de malária poderia, também, ser um instrumento de ascensão social, uma vez que a pessoa poderia elevar-se profissionalmente dentro do Serviço de Malária do Nordeste, assumindo cargos de chefia. Tal questão talvez possa justificar o fato de que alguns indivíduos abandonaram os antigos empregos em busca de trabalho no SMNE. O Sr. Adalto Odilon da Silva, que ocupava o cargo de

---

<sup>64</sup> *Manoel Carlos da Silva*, 85 anos, entrevista gravada na cidade de Jaguaribe em 15/07/2005.

estatístico da Prefeitura de Limoeiro, desistiu de seu emprego para ingressar, na função de guarda medicador, na luta contra o *gambiae*. Tempos depois, “seu” Adalto foi promovido a Guarda Chefe Geral.<sup>65</sup> De maneira geral, a implementação do SMNE foi responsável pela criação de uma nova demanda de trabalho em toda a região jaguaribana.

A comissão geral de combate à epidemia era formada por médicos, diretores, diretores assistentes, chefes de laboratórios, chefe de seção epidemiológica, diretor de divisão, guarda chefe geral, guardas chefes, etc. Segundo Lauro de Oliveira Lima, alguns desses profissionais chegavam a ganhar salários superiores aos de um prefeito da região.<sup>66</sup>

Para além dos cargos de chefia, citados anteriormente, existiam também os praças-de-pé fardados, popularmente conhecidos como “guardas da malária” ou ainda “mata-mosquitos” (foto 02). Havia também aquelas pessoas encarregadas de ajudar os guardas da malária. Segundo o Sr. Waldemar Pinheiro, guarda chefe geral do SMNE em Russas, essas pessoas eram conhecidas simplesmente como “trabalhadores”.

Por serem pessoas comuns da região, muitos guardas da malária eram treinados por agentes sanitários vindos de Fortaleza para ensinar-lhes a identificar o mosquito transmissor da doença em todas as suas fases.

**Foto 2 - Guardas da malária em frente ao posto em Limoeiro**

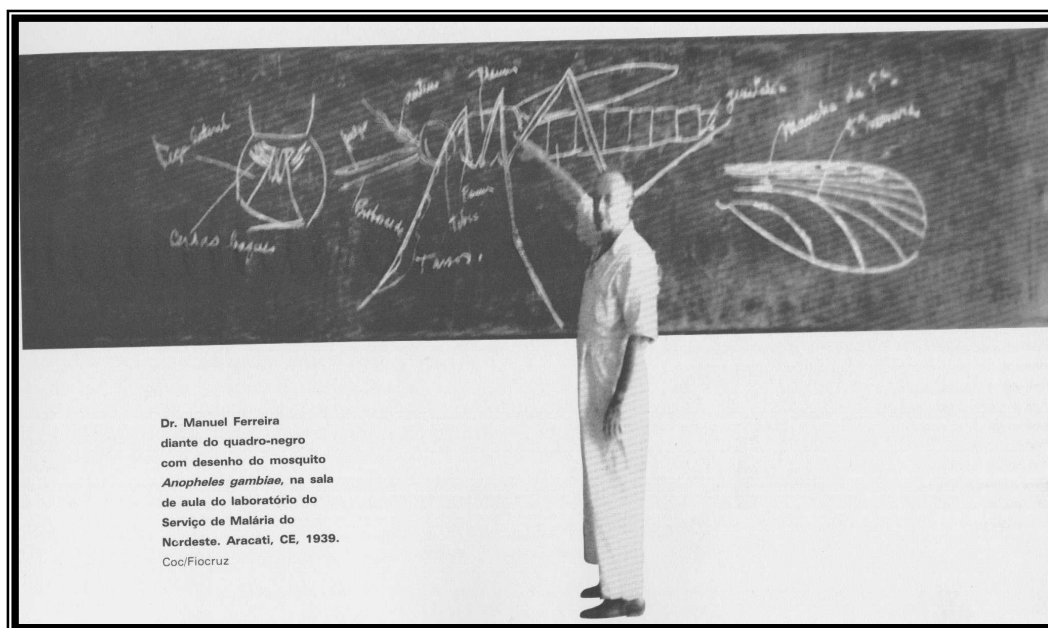


<sup>65</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Op.cit. p. 458.

<sup>66</sup> Idem. p. 457.

Algumas aulas foram ministradas na cidade de Aracati, pelo Dr. Manoel Ferreira (foto 03), no Laboratório Central do Serviço de Malária. O médico desenhou no quadro negro o mosquito *Anopheles gambiae*, esquematizando todas as suas partes para que os guardas pudessem melhor identificá-los e diferenciá-los dentre os milhares de mosquitos que habitavam a região jaguaribana.

### FOTO 3 – Aula no Laboratório Central do SMNE em Aracati



Fonte: Acervo Fundação Rockefeller – fundo SMNE – Casa Oswaldo Cruz - Fiocruz

O Sr. Waldemar de Sousa Pinheiro, 88 anos, ainda recorda dos termos técnicos ensinados durante as aulas que assistiu na cidade de Aracati. Ressalte-se também que o “Seu” Waldemar, após assumir o cargo de guarda chefe especial, também era chamado para ministrar aulas aos aspirantes à guarda. Nosso narrador fornece uma verdadeira aula de profilaxia e anatomia do mosquito transmissor da malária. O conteúdo da narrativa nos permite inferir sobre os conteúdos lecionados no laboratório central.

Eu comandava uma turma de...era seis guarda e seis trabalhadores. Às vezes , tinha outro guarda chefe que vinha com o auxiliar. Outra ocasião, às vezes, eu ia fazer treinamento de turmas, ensinando a eles assim: tudo o mais, como era que fazia e tal, tal...Agora, o mosquito, ele só dava em pequenos depósitos d'água. Água grande não podia, né? Agora, onde tivesse uma pegada de animal, assim, era arriscado ter. E o mosquito da malária também num dava em

água suja. Era água limpa. O transmissor era a *gambiae*. Interessante também era outra coisa, é que o mosquito macho num transmite nada pra ninguém, num suga ninguém, só a fêmea. Porque o macho, ele tem na próbosta dele, que é o que ele enfia na gente pra chupar o sangue. Tem a próbosta e no pé da próbosta tem duas pelezinhas que chama folíolos. Aí, aqueles folíolos vai abrindo e fechando e chamando o sangue, né? A fêmea, somente ela, suga o sangue. O macho, dizem até que, na cópula, o macho morre. Eu escutava isso lá no estudo deles. E a fêmea pode viver três, quatro meses. Pode também viajar três, quatro, cinco quilômetros pra poder dar cria. Sabe, o gâmbia era um mosquito bonito!<sup>67</sup>

De acordo com o relatório do SMNE, quando se iniciou o trabalho de erradicação do vetor transmissor da malária no Nordeste, grande parte dos médicos e técnicos brasileiros não sabiam diferenciar as espécies de anofelinos. No entanto, o exame prático de milhares de exemplares de mosquitos, tanto na fase adulta como larvária, preparou esses profissionais para reconhecer o *gambiae* a olho nu.<sup>68</sup>

Para além das aulas e do exame prático adquirido durante os trabalhos de campo, de acordo com o médico José Policarpo Barbosa, algumas pessoas que trabalhavam no Serviço de Malária do Nordeste recebiam um folheto intitulado *Distinção entre Anopheles gambiae e os Anófeles brasileiros nativos do Nordeste do Brasil*, para ajudá-los a identificar e classificar as larvas e mosquitos existentes na região.<sup>69</sup>

Não obstante o auxílio do folheto, indicando as diferenciações entre os mosquitos da região e o *gambiae*, fosse uma boa iniciativa, acreditamos que a prática e o exercício diário no trabalho de campo tenham sido realmente os maiores responsáveis pelo êxito no combate ao vetor da doença. Pois, como discorre Policarpo Barbosa, para além da ausência de infra-estrutura das regiões infestadas, um dos principais agravantes para o desenvolvimento das ações de combate à epidemia era, justamente, o baixo índice de escolaridade das pessoas recrutadas para trabalhar no SMNE.

A total falta de infra-estrutura das regiões infestadas dificultaram, em muito, a execução do programa: as estradas eram péssimas, principalmente nos períodos chuvosos; a grande quantidade de

---

<sup>67</sup> Waldemar Sousa Pinheiro, 88 anos, entrevista gravada na cidade de Russas. 07/04/2006.

<sup>68</sup> Relatório do SMNE. Op. cit. p. 53.

<sup>69</sup> BARBOSA, José Policarpo. Op. cit. p. 129.

peças acometidas pela doença em 1938, diminuiu a produção de gênero alimentícios, dificultando a permanência de tão grande contingente de homens mobilizados nessas regiões e o baixo nível de escolaridade das pessoas recrutadas também dificultava o treinamento para o desenvolvimento das ações.<sup>70</sup>

Aos guardas cabia a tarefa de esclarecer as pessoas sobre as formas de contágio da doença, bem como as maneiras de preveni-la. Para tanto, vistoriavam todos os cômodos das casas localizadas tanto na zona urbana como na zona rural, na tentativa de identificar e exterminar os focos da moléstia. É importante ressaltarmos, ainda, que a maioria dos domicílios era de taipa, constituindo-se num esconderijo perfeito para o mosquito na sua fase adulta.

Cada equipe de guardas ficava encarregada de visitar as mesmas residências com certa assiduidade, no mínimo uma vez ao mês, para evitar a manifestação do mosquito. Mesmo após o SMNE ter decretado que não havia mais a manifestação do *gambiae* no território jaguaribano, por segurança e precaução, a prática do expurgo nas residências permaneceu até, pelo menos, 1941. Estas, no entanto, ocorriam mais espaçadamente a cada três meses.

Enquanto um guarda efetuava o expurgo nas paredes com inseticidas, outro guarda ou trabalhador, utilizando um guarda-chuva retangular, amparava os mosquitos (Ver foto 04), identificava-os e, logo após, os encaminhava aos laboratórios para serem examinados, comprovando se o parecer do guarda estava correto ou não. Vejamos a descrição de como deveria ser realizado o método de captura do vetor da malária.

O método de captura primeiramente usado consistia em derribar os mosquitos com inseticida aplicada com bomba manual de ar comprimido e pistola pulverizadora, tipo Devilbiss, e em seguida colhê-los no chão. Este método era muito moroso e foi substituído pela aplicação de inseticida com bomba manual tipo "Flit", amparando-se os mosquitos com guarda-chuvas de pano branco, de forma quadrada, medindo um metro de lado. Para melhorar a eficiência deste último método adotou-se o método de procurar também os mosquitos diretamente no chão e sobre ou entre os móveis, nos lugares onde fosse impossível usar o guarda-chuva. Quando, depois da ausência completa de *gambiae* em uma região por mais de três meses, era suspenso o expurgo rotineiro das casas, as turmas de captura

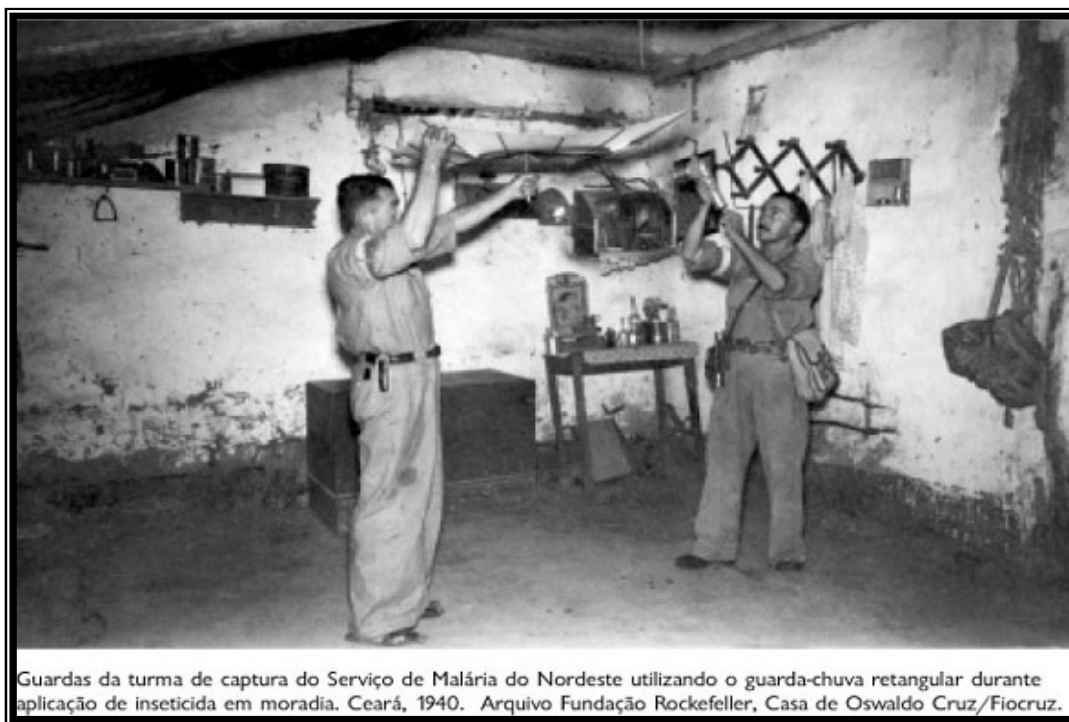
---

<sup>70</sup> Idem. ibidem.



continuavam seu serviço de sentinela para dar o alarme no caso de reaparecer o gambiae.<sup>71</sup>

**Foto 4 – Trabalho de expurgo dos membros do SMNE em residência**



Fonte: Acervo Fundação Rockefeller – fundo SMNE – Casa Oswaldo Cruz - Fiocruz

Utilizar pessoas da própria região para trabalhar no processo de erradicação da malária ajudava bastante na concretização dos planos de extermínio do vetor transmissor da doença, uma vez que se tinha a convicção do quanto às ações de combate ao mosquito e às suas larvas implicavam em um elevado grau de intervenção na rotina diária dos habitantes.

Ao chegar em alguma residência, os guardas deveriam esclarecer que tipo de trabalho executariam, sendo necessário que todos os membros da casa saíssem para que os guardas pudessem procurar o mosquito. Todos os cômodos da casa, bem como os utensílios que tivessem água depositada, tudo deveria ser minuciosamente vasculhado, examinado. Segundo Erney Camargo<sup>72</sup>, nem os vasos dos cemitérios e os potes contendo água benta

<sup>71</sup> Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942). Fundação Rockefeller. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213.p.26.

<sup>72</sup> CAMARGO, Erney Plessmann. *Malária, Maleita, Paludismo*. Op.cit.

estavam a salvo do olhar vigilante dos guardas da malária. Tudo recebeu sua dose de larvicida.

Margareth Rago nos lembra que, desde o início do século XX, os médicos e higienistas passaram a serem concebidos como autoridades necessárias e competentes com absoluto poder para vistoriar minuciosamente todas as habitações, incentivando o asseio e impondo, muitas vezes, autoritariamente, a execução de medidas higiênicas.<sup>73</sup>

Conscientes da “invasão de privacidade”, mas também convictos da necessidade de tal intervenção, os chefes do SMNE sabiam que seria de fundamental importância conseguir o apoio da população jaguaribana. Não se deveria incorrer no mesmo erro que instigasse um novo levante da população, como acontecera durante a implantação da campanha de vacinação obrigatória contra a varíola ocorrida no Rio de Janeiro em 1904, que desencadeou a chamada Revolta da Vacina.<sup>74</sup>

A Sra. Clara Reinaldo Maciel, residente na cidade de Russas, recorda uma das visitas que os guardas fizeram à casa de seus pais, na zona rural daquela cidade. Em sua narrativa, para além da descrição das atividades desenvolvidas pelos guardas da malária, podemos inferir como a população rural os recepcionava.

Eles chegavam com uma lanterna. Os potes, mandavam a gente cobrir os potes e tudo. Mas, às vezes, em algumas casas, eles encontravam larvas dentro do pote, derramavam, aí colocavam um pozinho. Eles botavam nos potes e onde encontravam água, nas lagoas, nos rios, onde tinha água, eles botavam. (...) Eles visitavam as casas. Os pobres andavam de pé, de cavalo... Aí, onde eles chegavam, aí, pediam pousada. A gente tinha que receber, dar alimento pros pobres. Alguns eram daqui, outros vinham de fora. (...) tinha os de fora que vieram ensinar o serviço, né? Mas aqui tinha que ter muito, porque tinha que andar nessa base toda. Quem tinha animal, andava de animal, outros coitados, andavam a pé.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> RAGO, Luiza Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil (1889-1930)**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1985. p.164.

<sup>74</sup> Sobre o assunto conferir: SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. Coleção Tudo é História 89. Editora Brasiliense, 1984. Ver também: CARVALHO, José Murilo de. **Cidadãos Ativos: a revolta da Vacina**. In: **Os Bestializados: Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª edição, 1996; PERREIRA, Leonardo. **As barricadas da Saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República**. São Paulo: Editora Perseu Abramo. 2002. (Coleção História do Povo Brasileiro).

<sup>75</sup> Clara Reinaldo Maciel, 79 anos, entrevista gravada em 23/02/2003 na cidade de Russas.

No entanto, como lembra o Sr. Waldemar de Sousa Pinheiro, guarda chefe geral do serviço na cidade de Russas, logo nas primeiras visitas, muitas pessoas se recusavam a receber os profissionais em suas casas. Então, cabia aos guardas esclarecê-las da importância do trabalho para erradicar a doença. Se caso a rejeição perdurasse, deveriam chamar as autoridades policiais. Segundo o Sr. Waldemar Pinheiro, houve casos de pessoas que fizeram uso de arma de fogo contra os membros do SMNE, que insistiam em executar o trabalho.

Teve caso de camarada atirar até em gente. Um guarda chefe, colega meu, lá em Lavras da Mangabeira, o sujeito atirou no guarda chefe, eu levei ele pro hospital. A denúncia foi pra Fortaleza, quando foi tal dia, chegou um trem especial, com a Força Federal. Pediram o endereço dele, foro buscar ele. E a conversa era a seguinte, diziam que ele era doido. Se fosse louco ia pro asilo, se num fosse ia pagar a pena, viu? Aí, assombrou o povo, aí respeitaram, né? Aí, ficaram respeitando. É porque o serviço tinha respeito mermo, num tinha conversa não. Qualquer coisa com o guarda, eles tomava providência. Aí então, a gente fazia o serviço até muito fácil. Era mais bem recebido, na primeira vez a gente... Mas, da segunda vez em diante, já recebia muito bem. Até auxiliava a gente, né? Tinha gente que recusava-se, né? Já tinha outos que ajudava. Pelo menos dava alimentação. Se o guarda chegava num canto, eles dava um almoço, dava janta, dava uma dormida, né? Então, tratava bem o guarda. E era muito bom. E era muito bem recebido. Aí, tinha aquele camarada que dava a recusa. Era um sujeito muito ignorante, demais! Mas ói, as autoridade ajudava muito também. Ajudava muito, as autoridade.<sup>76</sup>

A exemplo das residências, os guardas da malária também procuravam a incidência do mosquito transmissor da doença nos rios, açudes, poços d'água e lagoas da região. Tais espaços ficavam cobertos de verde-paris para evitar a reprodução das larvas, tendo em vista que o mosquito transmissor da doença se reproduz em água parada. De acordo com a Sra. Ana Felícia, os guardas também foram *consultar o Rio São Francisco*.<sup>77</sup> A fala da D. Felícia acaba por reproduzir um discurso da época, ou seja, todas as alocações de água representavam um perigo de contaminação, estavam, portanto, doentes e deveriam, assim como os humanos, ser tratadas para que o mosquito não pudesse se reproduzir levando, assim mais pessoas a morte.

<sup>76</sup> Waldemar de Sousa Pinheiro, 88 anos, entrevista gravada em 07 de Abril de 2006 em Russas.

<sup>77</sup> Ana Felícia de Araújo Chaves, 77 anos. Entrevista gravada na Comunidade de Jardim São José em Russas em 07/06/2002.

Embora fizessem questão de esclarecer que os larvicidas colocados nas águas não traziam qualquer prejuízo à saúde do homem, no relatório do SMNE encontramos referência a alguns guardas, por trabalharem diretamente com o verde paris, estavam apresentando sintomas de dermatite. Existem casos de funcionários que tiveram como causa de morte envenenamento, pois utilizavam o pó em grande quantidade e de forma errada, inalando altas doses do inseticida.

Diante dos casos de envenenamento, os chefes do Serviço trataram logo de instruir os trabalhadores de campo que jogassem o pó a favor do vento, evitando, dessa forma, que os mesmos continuassem inalando o preparado. No final de 1939, foram registrados 275 casos de intoxicação entre os guardas da malária.<sup>78</sup> A seguir (foto 05), podemos vislumbrar o trabalho de um guarda anti-larvário espalhando verde-paris em pó, num poço de irrigação.

---

<sup>78</sup> Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942). Fundação Rockefeller. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213. p. 101.

**FOTO 05 - Guarda Anti-larvário espalhando Verde Paris em Pó**



Fonte: Acervo Fundação Rockefeller – fundo SMNE – Casa Oswaldo Cruz - Fiocruz

O Sr. Joaquim Cordeiro de Lima, ou “seu” Quinca, como é mais conhecido entre os amigos, recorda o trabalho de drenagem realizado pelos guardas da malária na lagoa próxima à sua casa.

Tinha os guarda também das água, expurgando os beijo da água, lagoa, rio... Lá em nós, tinha uma lagoa muito grande. Eles passaram 15 dias lá, escavacando, tirando aquele lodo do beijo da água e botando para fora. Ficava aquele ceroto danado. (...) Tinha uns guarda que trabalhava no nosso trecho de lá, de 2 ou 3 léguas. Eles iam a cavalo. Era pra frente e pra trás, quando chegava no fim da linha, pra frente tinha outros. Foi um sacrifício pra gente esse negócio, dessa tal de malária.<sup>79</sup>

O Sr. Luiz Gonzaga de França lembra que a presença dos guardas da malária trazia uma nova dinâmica para os espaços que costumava freqüentar todos os dias. Através de sua fala, podemos perceber em que

<sup>79</sup> Joaquim Rodrigues Cordeiro, 77 anos. Entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 03/11/2002.

medida os espaços, considerados possíveis criadouros do vetor da malária, se tornava objeto do olhar vigilante e atento dos guardas. Segundo o “Seu” Luiz,

De manhã, ou mais ao meio-dia, ou de tarde, era compretim de home no beijo do ri. Era os guarda matando os foco. (...) O que subia de guarda, de gente... até as água pra se gastar era sacrificosa. Que você ia pro rio, fazer essa cacimba, pra tirar água, precisava intupi. Porque, se deixasse aberta, eles vinha e tacava petroli em todo canto, todo canto (...) Mas, se não fosse assim não tinha se acabado não. Tinha morrido muita gente.<sup>80</sup>

Para além das atividades de caça e extermínio do mosquito, alguns guardas também eram responsáveis por distribuir medicamentos à população atingida pela peste palustre, tentando, dessa forma, amenizar os sintomas da doença. A mesma equipe era designada para a função de esclarecer aos impaludados sobre o contágio e as formas de combater a moléstia.

O SMNE, extinto em 1942, ainda hoje é exemplo mundial quando as autoridades políticas se dispõem a tentar exterminar a malária. Erney Camargo cita o que, para ele, foram os fatores principais para o sucesso desta empreitada de combate à epidemia de malária:

Primeiro, o mosquito transmissor no Brasil era alienígena, não tinha raízes no país e mal conseguira se estabelecer em um segmento limitado e agreste do território, que não era o melhor possível para sua proliferação. Portanto, estava extremamente vulnerável. Segundo, seu controle exigiu dispêndios acima das disponibilidades de muitos países do mundo (US\$ 350 mil era muito dinheiro em 1938). Finalmente, a campanha antimalária exigiu determinação política incomum e a mobilização de técnicos e médicos até hoje sem similar no país.<sup>81</sup>

Vários autores são unânimes ao afirmar que a experiência brasileira de erradicação do mosquito causador da epidemia marcou *a história da malária ao introduzir na agenda sanitária internacional o debate sobre as possibilidades de erradicação da malária em uma perspectiva global*<sup>82</sup>, uma vez que, em fins da

---

<sup>80</sup> Luiz Gonzaga de França, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte. O Sr. Luiz Gonzaga faleceu no dia 02/10/2006 - fica o nosso agradecimento e a nossa homenagem a esse narrador por excelência.

<sup>81</sup> CAMARGO, Erney Plessmann. Malária, Maleita, Paludismo. **Revista Ciência e Saúde** Op. cit. p.28

<sup>82</sup> HOCHMAN, Gilberto, MELLO, Maria Teresa Bandeira e SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. *A malária em foto: imagens de campanhas e ações no Brasil da primeira metade do século XX. História, Ciência e Saúde - Manguinhos* vol.9 sup. 10 . Rio de Janeiro, 2002.

década de 1940, não se registravam mais focos da doença na região jaguaribana.

No entanto, ao visitar diversos municípios e entrevistar várias pessoas que foram atingidas pela malária, encontramos algumas peculiaridades e discursos, muitas vezes, contrários aos divulgados pelos “órgãos oficiais”.

### **1.3. Receitas e saberes no combate à malária**

*Aqui, a gente tomava chá amargoso, era pílula que davam (...) tinham injeção, mas, era tudo do mermo jeito. (João Barreto de Lima)*

Não obstante o trabalho de erradicação desempenhado pelo Serviço de Malária do Nordeste tenha sido considerado um “sucesso”, podemos perceber, através dos relatos orais, a tensão presente nos discursos com referência às formas como a malária foi sanada de seus corpos.

Assim como os rios, lagoas e açudes, os espaços de domínio privado eram igualmente entendidos como lugares de alojamento e de desenvolvimento do mosquito transmissor da doença. Em seu depoimento, o Sr. Luiz Gonzaga de França narrou-nos a maneira como foi surpreendido, em sua casa, pelos guardas da malária, que vieram aplicar-lhe uma injeção.

Mas, agora o pior que eu achei foi arranjar uns enfermero, umas pessoas, enfermero não, uma pessoa pro mode injetar o povo, né. Eu tava lá em casa, lá no Jaguaribe, quando chegou, chegou pela porta da cozinha, se eles chegam de outro jeito, eles não tinham me pegado. Eu nunca tinha tomado uma injeção, não. Mas, você me acredita que, quando eu vi ele preparando a agulha, parecia, assim, um pedaço de arame grosso. Mas, ele tacou aqui, parecia que ele tinha tacado um ferrão de ferradura. Era a primeira injeção que eu tomei. Mas, se eu vejo quando eles chegam... chegaram pela porta da cozinha. Pronto. Aí, pegaram eu.<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> Luiz Gonzaga de França, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.

A exemplo da casa do “Seu” Luiz, outras foram vistoriadas pelos profissionais do Serviço de Malária como sendo uma medida necessária para conter o surto epidêmico de malária. Todavia, mesmo sob o olhar disciplinador dos médicos e higienistas, a população local buscava seus próprios meios para se livrar das agruras causadas pela doença, burlando muitas vezes, o discurso vigente durante a epidemia.

Desde a primeira metade do século XIX, e principalmente durante a Primeira República, já se assistia, na política brasileira, a aliança do Estado com a medicina higienista, objetivando implementar estratégias para dar ao Brasil um status de modernidade. Para tanto, era preciso ordenar não apenas os espaços de domínio público, como também disciplinar a população em seus espaços privados. Segundo Margareth Rago, pela concepção dominante, os médicos e higienistas eram *autoridades necessárias e competentes para vistoriar minuciosamente a habitação e os bairros populares, incentivando o asseio e impondo autoritariamente a execução de medidas higiênicas*.<sup>84</sup>

Tomando como referência os depoimentos que foram colhidos durante a pesquisa de campo, é possível dizer que, assim como o Sr. Luiz Gonzaga, as pessoas, de um modo geral, apresentavam certa resistência aos medicamentos receitados para amenizar os sintomas da malária.

Tal resistência devia-se, certamente, ao fato dessas pessoas não terem por hábito a ingestão de remédios farmacêuticos, uma vez que tinham, por experiência, a manipulação dos chamados “remédios do mato”. Terem seus corpos tocados por uma agulha, que no dizer do Sr. Luiz Gonzaga parecia *um pedaço de arame grosso*, ou terem que engolir comprimidos de vários tamanhos e gostos amargosos representavam, para essas pessoas, certa violência contra seus corpos e costumes.

De modo geral, os narradores guardam na memória não apenas a nomenclatura dos remédios disponibilizados pelo SMNE, mas, também, os sabores e os efeitos colaterais que os mesmos deixavam em seus corpos.

---

<sup>84</sup> RAGO, Luiza Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar- Brasil (1889-1930)**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1985. p.164. Sobre o assunto ver também: SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, CECULT, IFCH, 2001. CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



A Sra. Ana Felícia Chaves, por exemplo, nos relata o quanto foi doloroso o primeiro contato que teve, aos dez anos de idade, com a medicação de combate à malária. D. Ana recorda que, até 1938, nunca havia ingerido um só comprimido. O consumo dos medicamentos, durante a epidemia, além de deixar um gosto horrível na boca, provocava vômitos. Nossa narradora relembra que, por várias vezes, se recusava a tomar as cápsulas, afirmando que *preferia morrer*, a ter de engolir tais remédios e sentir, novamente, seus efeitos colaterais.

O papai ia pra Limoeiro comprar remédio. Sabe o que era? (o remédio), quem descobriu foi o estrangeiro, América do Norte, eu acho que era. Sabe o que era: maralene, atrebina, plasmuquina e uns comprimidos desse tamanho, uns botão branco. Esse era só para adulto e quem fosse menino de 10 anos, era maralena, atrebina e plasmuquina. A maralena era verde assim, que quando você urinava, urinava verde, né? E a plasmuquina, a atrebina, era amarelinha, bem pequenininha. Bem cedo, cê tava tomando os botão. Amargava que só fel. Atrebina e a maralena, Ave Maria! Eu vomitava, porque nunca tinha tomado comprimido, nera? Aí, eu dizia: "Papai eu quero é morrer"! Eu tinha dez anos, tomando uns comprimidos daqueles. "Eu quero é morrer!"<sup>85</sup>

Apesar do estranhamento e da resistência de muitos sertanejos, a população residente em cidades como Russas, Limoeiro, entre outras, se dirigia até o posto de atendimento às pessoas afetadas pela malária, para receber, gratuitamente, os remédios com vistas a amenizarem os sintomas da malária. Segundo reportagem publicada no jornal *O Estado*, em 21 de abril de 1938, foram, no ano de 1937, distribuídos 354.251 comprimidos, além de 8.936 injeções aplicadas.<sup>86</sup>

O tio da Sra. Maria de Lourdes Santiago era proprietário de uma das três farmácias existentes no município de Russas durante a epidemia. Dona De Lourdes, como é mais conhecida pelos amigos e vizinhos, morava e trabalhava na mesma casa que servia de espaço para a farmácia de seu tio. Nossa narradora recorda a intensa movimentação existente naquela drogaria. Segundo ela, os funcionários tinham que trabalhar dia e noite e, mesmo assim,

---

<sup>85</sup> Ana Felícia de Araújo Chaves, 77 anos. Entrevista gravada na Comunidade de Jardim São José em Russas em 07/06/2002.

<sup>86</sup> Jornal *O Estado*. Fortaleza. 21/04/1938.

não conseguiam dar conta da grande demanda de pessoas que buscavam, naquele lugar, o alívio para o sofrimento em seus lares.

Era um movimento constante nas farmácias. Também, naquela época, só tínhamos três farmácias, mas tudo muito cheias de pessoas, de pessoas doentes. Era uma epidemia de febre alta e mil coisas. E então, morria muita gente. E aqui onde a gente trabalhava, trabalhava-se dia e noite porque era muita gente, muita gente, tudo faltoso. Tudo era uma coisa pavorosa! Não tinha nada que chegasse.<sup>87</sup>

No auge dos seus 93 anos, depositária de uma lucidez impressionante, a entrevista com a Sra. Maria de Lourdes Santiago teve suas peculiaridades. Testemunha ocular desse importante momento da história social do Baixo Jaguaribe, trabalhando para socorrer pessoas enfermas, convivendo de perto com o sofrimento de tanta gente, Dona De Lourdes deixou-se submergir em suas memórias, reencontrando, a cada lembrança, velhas emoções que, muitas vezes, não conseguiu traduzir em palavras. Em vários momentos da entrevista, me senti ávida por conhecer suas memórias, suas experiências. No entanto, ao contrário de outros entrevistados, preferiu deixá-las guardadas no rico baú de suas memórias, me fazendo, apenas, refletir sobre seus silêncios e olhares divagantes.

Em tudo que me narrava, Dona Maria de Lourdes fazia questão de reafirmar que a epidemia de malária provocou, no cotidiano de trabalho na farmácia, novas dinâmicas. Segundo ela, o povo vinha de todos os lugares para comprar medicamentos, aumentando, consideravelmente, o movimento no referido estabelecimento. Por várias vezes, altas horas da noite, mesmo estando doente da malária, nossa narradora foi acordada por pessoas que, desesperadas, buscavam ajuda para socorrer os impaludados que, quase moribundos, haviam ficado em casa dentro de uma rede.

Ninguém não descansava não, era trabalhando continuamente. Meu tio era médico. Ele passou dois anos de tormento. Ninguém tinha sossego. Era de dia, era de noite, era correndo pra um, era correndo pra lá (...) ninguém não descansava, não. E, além disso, ainda tinha que trabalhar doente, com febre ou sem febre, sempre dava conta do recado.

---

<sup>87</sup> Maria de Lourdes Ramalho de Alarcon Santiago, 93 anos, entrevista gravada na cidade de Russas em 17/09/2006.

Durante a entrevista, nossa narradora fez questão de enfatizar que, além dela e do tio, outras duas pessoas foram contratadas para ajudar no atendimento àqueles que buscavam o socorro na farmácia. Segundo D. De Lourdes, *nem dinheiro o povo não tinha*. Movidos pelo dever solidário, *por causa da consciência*, se recusavam a fechar os olhos para dormir, negando, assim, os pedidos clementes de tantos que se encontravam desprovidos de assistência médica e renegados pelas autoridades políticas. Muitos compravam fiado com a promessa de que, quando estivessem restabelecidos da doença, voltariam para efetivar o pagamento dos remédios comprados. Se a epidemia de malária por um lado provocou dores e sofrimentos, por outro estendeu, ainda mais, a rede de solidariedade e de confiança entre a população de modo geral.

Ficou foi fiado e não era brinquedo não. Logo eles não tinham saúde para tá trabalhando. E alguns passavam o tempo pelejando pra poder escapar. (...) O nosso trabalho era de dia e de noite, assim aparecesse. A gente não ia dormir e deixar as pessoas assim sem comprimido, não é? Não era atrás de dinheiro não, porque nem dinheiro o povo tinha. Era por causa da consciência, pra dar conta do recado.<sup>88</sup>

Mesmo desconfiando da verdadeira eficácia dos remédios comprados nas farmácias ou distribuídos gratuitamente nos postos de atendimentos criados nesse período, muitos chegavam a percorrer longas distâncias em busca do medicamento que garantisse o alívio para seus sofrimentos. De modo geral, havia uma constante movimentação de pessoas que buscavam auxílio nos postos, implantados em todos os municípios, para atender às pessoas atingidas pela epidemia.

A distribuição gratuita de medicamentos nos postos, principalmente durante o ano de 1939, visava o controle, por parte das autoridades do Serviço de Malária, sobre os indivíduos que, de fato, estavam recebendo os remédios.

A Sra. Clara Reinaldo Maciel residia na mesma rua do posto implantado na cidade de Russas. Podemos observar, através de sua narrativa, que, para além da intensa circulação de pessoas em frente ao posto implantado naquele município, as pessoas estranhavam o gosto ruim dos

---

<sup>88</sup> Maria de Lourdes Ramalho de Alarcon Santiago, 93 anos, entrevista gravada na cidade de Russas em 17/09/2006.

medicamentos. Segundo a narradora, ela própria encontrou uma maneira de amenizar o gosto ruim que os “remédios da malária” deixavam na boca. Toda vez que era obrigada a tomar o referido remédio, escondia na boca uma barrinha de doce no intuito de amenizar o gosto amargo do remédio.

Veio comprimido pra todo mundo. Era pra pobre, era pra todo mundo, podia ir buscar no posto. Lá mermo você tomava. (...) Ave Maria! Nós levava era umas barrinhas de doce pra enrolar, enrolar e engoli, que era muito amargoso, tinha que enrolar. Se não enrolasse, num engolia não. Eles num queriam não, mas, a gente enrolava escondido. – “Não, quando chegar no estômago, o doce vai e a atrebina fica.”. Aí eles: - “Não”! E a gente: “Não doutor, a gente não agüenta tomar isso não”. Deus me ajudava a tomar esse amargoso. E tinha outro grosso que parecia uma hóstia que chega a intalar na garganta, mas tinha que engoli. Tinha gente que tinha medo, mas era cheio lá, de manhã, de tarde e de noite, o pessoal ia lá toda hora.<sup>89</sup>

Diante das dificuldades de locomoção das pessoas que se dirigiam à sede das cidades e do número insuficiente de profissionais de saúde, os chefes do SMNE decidiram implantar um novo serviço a ser executado pelos chamados “guardas medicadores”. Eles ficariam encarregados tanto de distribuírem os remédios à população residente nas zonas rurais, como, também, de aplicar-lhes injeções.

Estes profissionais, mesmo sem ter uma formação médica, eram instruídos, durante o treinamento, a prescrever o quinino e a atebina, visando o tratamento eficaz da doença. As injeções só deveriam ser aplicadas nos casos mais graves de febre intermitente. Cada medicador, respaldado pelo discurso médico, recebia e carregava consigo uma tabela contendo as doses corretas a serem prescritas.

---

<sup>89</sup> Clara Reinaldo Maciel, 79 anos, entrevista gravada em 23/02/2003 na cidade de Russas.

Idades	Quinina (branca ou rosada)		Atebrina Amarela	
	Dosagem em gramas	Nº comp.* 0,25 gr.	Dosagem em gramas	Nº comp 0,10 gr.
0-4 anos	0,25 a 0,5	1 a 2	0,10	1
5-10 anos	0,75 a 1,00	3 a 4	0,20	2
13 anos e mais	1,25 a 1,5	5 a 6	0,30	3
Duração do Tratamento	Sete dias		Cinco dias	

\*Comprimidos

Fonte: Relatório do SMNE – Acervo Fundação Rockefeller – Fiocruz.

Sobre os funcionários do SMNE também pairava, constantemente, a ameaça do contágio da doença, principalmente nos que exerciam funções nas zonas infectadas. Em 1939, o índice de mortalidade entre o pessoal do Serviço chegou a 18,9%, registrando cerca de 330 casos da doença.<sup>90</sup> Diante desse prenúncio, todos os guardas e trabalhadores, mesmo a contra gosto, eram obrigados a fazer o tratamento, ingerindo os comprimidos em doses profiláticas com intervalos de seis dias de uma série para outra.

Os guardas chefes ficavam encarregados de distribuir e fiscalizar, pessoalmente, se a equipe, sob seu comando, composta normalmente por 12 homens, realmente estava ingerindo, corretamente, as cápsulas. Cada chefe deveria marcar, em uma tabela, se os guardas e os trabalhadores haviam tomado todos os dias, os “preventivos”.

O Sr. Waldemar Pinheiro recorda, contudo, que, não obstante fosse um desses comandantes, ele se recusava a ingerir os medicamentos de combate à malária, pois, segundo ele, os remédios, além do gosto ruim, causavam-lhe dores no estômago. Quando algum guarda o questionava se o mesmo não iria tomar os remédios, “Seu” Waldemar costumava responder que já havia ingerido as cápsulas, anteriormente.

O preventivo deles era fiscalizado por mim. O meu ninguém fiscalizava, não. Eu não tomava não, mas o guarda, ele tinha que tomar os comprimidos e eu marcar no papel. Era obrigado, mas eles tomavam. Eu dizia:

- Chega que ta na hora de tomar os comprimidos.

<sup>90</sup> Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942). Fundação Rockefeller. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213. p. 101.

Aí, eles tinha que tomar. (...) Às vezes, eu tomava também, mas, às vezes, eu dizia que tinha tomado o meu de manhã bem cedinho. Era ruim, dava uma dor no estômago.<sup>91</sup>

Ao contrário da população citadina que poderia dirigir-se aos postos de distribuição dos remédios, algumas pessoas que moravam na zona rural dos municípios tinham, muitas vezes, que comprá-los. Os guardas da malária não dispunham de remédios suficientes para atender toda a demanda da região. Então, os sertanejos tinham de adquiri-los nas bodegas em que compravam outros mantimentos de uso cotidiano. Como fez referência a Sra. Francisca Rodrigues de Almeida.

Antigamente, o pessoal chamava de bodega, nera? Só tinha apenas bodega. Uma bodega onde o povo comprava esse comprimido e, às vezes, também os guardas levava. Eles levava certa quantidade de comprimido, mas, as vezes, num dava, nera? Aí, o pessoal comprava. É como eu lhe digo, os guarda dava uma parte e a gente comprava o resto, lá onde a gente comprava as outras coisas. Olha, vinha ter farmácia em Russas. Russas era muito difícil, só quem tinha dinheiro pra pagar transporte. E, além do transporte, as pessoas não tinha dinheiro pra pagar.<sup>92</sup>

Outros, ainda, como a família da Sr<sup>a</sup> Francisca Cordeiro Oliveira, compravam os remédios prescritos contra a malária de um vendedor que passava na porta de sua casa: *Seu Melanias que vinha com remédio lá pra casa e a gente comprava e tomava.*<sup>93</sup>

Como podemos perceber, a epidemia de malária na região do Baixo Jaguaribe, nos anos de 1937 a 1940, constituiu-se num momento propício para tornar a população sertaneja consumidora dos medicamentos manipulados pelos grandes laboratórios.<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> Waldemar Sousa Pinheiro, 88 anos, entrevista gravada na cidade de Russas. 07/04/2006

<sup>92</sup> Francisca Rodrigues de Almeida, 76 anos, entrevista gravada em 22/10/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.

<sup>93</sup> Francisca Cordeiro de Oliveira, 87 anos, entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 25/05/2002.

<sup>94</sup> Ressalte-se ainda que, desde o início da década de 1930, já se tem notícia de campanhas publicitárias dos grandes laboratórios de produtos farmacêuticos, como a Bayer, (principal fabricante dos remédios de combate à malária) objetivando implementar, nas regiões interioranas do Estado do Ceará, o consumo de seus produtos. Cf: RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932.** Fortaleza; Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.p.71.

Apesar de haver, em toda a região do Baixo Jaguaribe, o incentivo ao consumo de tais medicamentos, podemos perceber algumas singularidades nos discursos produzidos pelos depoentes quando se referem aos métodos utilizados para fazer sarar a malária.

Alguns narradores, como o Sr. José Dantas Pinheiro, atribuem a cura da moléstia ao consumo dos remédios receitados pelos médicos, farmacêuticos e membros do Serviço de Malária do Nordeste. No dizer do nosso narrador, o medicamento era *muito do poderoso*:

É como eu lhe digo. Assim a doença ... você tomando os remedi, proprina, atrebina – era o melhor remédio, com dois a três dias, já tava mais ou menos em condição de fazer alguma coisa.<sup>95</sup>

Em sua narrativa, o Sr. Luiz Gonzaga recorda que, *antes dessa gente maior*, (fazendo referência aos membros do Serviço de Malária), as pessoas faziam chás de *raiz de mariço, canapum e delegado*. Contudo, foi *quando chegou o remedi, que melhorou muito*. Ainda segundo o nosso narrador, as pessoas tinham de tomar *um horror de comprimido. Era horríve*, lembra. Mas, *atalhou, com esse remedi, atalhou*.<sup>96</sup>

Entretanto, para muitos sertanejos, foram as práticas populares de cura que os fizeram sarar – receitas caseiras e uso de chás de ervas, por exemplo. Segundo o Sr. Joaquim Cordeiro, “seu” Quinca, foi o *remedi do mato* que curou sua família, pois os comprimidos receitados pelos médicos *num servia de nada*. Para ele, foi a ingestão sistemática do chá de canapum que o ajudou a superar os tremores da febre intermitente. Seu pai valeu-se de uma receita caseira em que misturava leite de pião com cachaça.

A família do “Seu” Joaquim, portanto, a exemplo de tantas outras, chegavam a duvidar da verdadeira eficácia dos remédios farmacêuticos e buscou, na própria natureza e nas receitas caseiras, o alento para seus males.

Nós, lá em casa, escapemos, mas escapemos divagá. E, graças a Deus, ficamos bom com remédio do mato. Pessoal, os médico e os farmaceuti que passava por lá dizia: “Tome isso, tome aquilo outo, tome esse comprimido num sei de quê.” Num servia de nada! Ficamo bom com leite de pião (...) papai comprou uma

<sup>95</sup> José Dantas Pinheiro, 83 anos, entrevista gravada em 27/05/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.

<sup>96</sup> Luiz Gonzaga de França, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, limoeiro do Norte.

cachaça, pôs de manhã no pião, quando acabar sangrou e tomou. Desse dia, ele não tremeu mais. Aí, quando foi no outro dia, começemo a senti os fri, foi lá, sangrou, ficou bom. E eu, era chá de canampum. Eu, quando começava a senti os fri, ia lá no beicho da lagoa, arrancava uns ôio de canampum, mandava fazer o chá, bebia e pronto.<sup>97</sup>

Dona Francisca Ferreira de Lima se emocionou ao lembrar de um velho, chamado por ela de “*Nosso Senhor*”, pois foi ele quem lhe ensinou um chá composto de nove ervas que, para a nossa narradora, salvou a vida de seu filho doente da malária. Este já havia tomado vários remédios farmacêuticos e não tinha melhorado.

Mandado por Jesus Cristo chegou um véi aqui em casa que eu disse que era *Nosso Senhor*.

– “Essa garotinha ta doente, ta pra morrer?”.

– “Ta quase é morto, é um garotinho”.

Ele já sabia dessa malara. Aí disse:

– “Que deram a ele”?

– “Demo foi remédio de farmácia, é que a gente num tem remedi aqui”.

Aí, só foi ele disse:

- “Já deram chá da ...?”

Inventou um chá de nove qualidade: maliça, bassorinha, toda qualidade de raiz. Eu disse;

- Eu sei lá, esse menino pegar esse chá.

(...) Ele mermo foi e arrancou. Aí, foi e fez o chá, adocei e dei. Ele [seu filho] tava com vinte e dois dias quem nem fungar dentro da rede, num fungava, quanto mais chorar. E, com esse chá, de madrugada, nós ouvimo ele gemendo, gemendo. Aí, o finado [seu esposo] disse:

- Chiquinha, isso é a esperteza da morte!

Eu, num tendo o que fazer, aí, dei o chá. Antes do dia amanhecer, dei outo. De manhã, dei outo e o menino cada vez melhor. Dou graças a Deus, hoje é um pai de família.<sup>98</sup>

Para muitos dos entrevistados, não foram os remédios farmacêuticos e nem muito menos os chamados “remédios do mato” que salvaram muitas

<sup>97</sup> Joaquim Rodrigues Cordeiro, 77 anos. Entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 03/11/2002.

<sup>98</sup> Francisca Ferreira de Lima, 87 anos, entrevista gravada na cidade de Palhano em 12/04/2003. A Sra. Francisca foi a única dos entrevistados que não fez menção, em sua narrativa, à presença dos guardas da malária na região. Segundo a nossa narradora, *se passo, eu num vi. Eu não ouvi falar que houve guarda, não*. O fato da Dona Francisca não recordar dos guardas, pode ser pelo fato da mesma, em decorrência do grande índice de pessoas infectadas, na comunidade de Palhano, com a malária, levou ela e o marido a optar por se mudar para uma localidade distante dali, com o intuito de proteger a família do mal. Este velho, ao qual se refere Dona Chiquinha, estava de passagem para a cidade de Canindé, onde iria pagar uma promessa. Seguindo viagem a pé, parou em sua casa para pedir comida e um abrigo.



vidas durante o período de vigência da epidemia, mas sim a ingestão de alimentos considerados proibidos. Segundo a Sra. Maria de Lourdes Pereira (Pretinha), o restabelecimento de sua família se deve, segundo a narradora, ao fato do seu pai não ter obedecido a “ordem” da dieta.

Muita gente morreu, morreu mais porque passava muita fome, porque não dava tempo comer (...) Aí papai foi disse: - “meus fio vão morrer é tudo de fome, que é uma dieta muito grande. Vai morrer é de fome”. Aí falava: - “Maria, bote feijão no fogo minha fia”. Botei feijão no fogo, adispois rapadura. Sabe o que ele comprava muito? Mocotó de gado. Quando ele trazia, chegava, eu picava e botava no fogo. Quando era de tarde, fazia o comer pra tudim. Tudim comia. Comia feijão com rapadura. Pronto! Alevantaram tudim, os fio levantaram tudim. (...) Ficaram bom de saúde, aí voltaram tudo a trabalhar bonzinho da saúde, mas porque os meninos lá de casa, quando era as cinco, seis hora, a janta: mocotó de gado, misturado com tripa e bucho. Butava, aí a negrada comia. (...) E era assim, mas graças a Deus ficaram tudo bonzinho.<sup>99</sup>

Assim como Dona Pretinha, a Sra. Maria Delfina recorda que, burlando a vigilância da própria família e o discurso médico, estava *iscundida na cozinha*, tomando caldo de feijão, quando um médico, entrando de surpresa pela porta da cozinha, lhe falou; - *Já ta tomando caldo de feijão, hein? Você faz bem. Só não coma a peia*. Todavia, buscando saciar sua fome, nossa depoente já havia *comido a peia todinha*.<sup>100</sup>

Ao contrário dos casos narrados anteriormente, muitas pessoas da região tiveram medo de desobedecer à ordem médica e seguiram as dietas à risca. Foi por isso que, de acordo com o Sr. Luiz Gonzaga de França, teve gente que *morreu de fome, pedindo comida*.

Menina olhe, viam se consultar lá no Limoeiro sabe o que o doutor dizia? Num era pra provar de comer, num era nem conversa provar de comer. Teve gente que morreu de fome, pedindo. Num dava porque o doutor proibiu. O doutor proibiu, num era pra provar, num era pra comer. Finado Raimundo Culino mermo era pedindo,

---

<sup>99</sup> *Maria de Lurdes Pereira*. Entrevista realizada na Cidade Alta – Limoeiro do Norte. 25/05/2002.

<sup>100</sup> *Maria Delfina de França* entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte. A Sra. Maria Delfina é aposentada, tem nove filhos e reside juntamente com seu esposo, uma filha e o genro na comunidade de Canto Grande distante 13 Km da cidade de Limoeiro do Norte. Ela é casada com o Sr. Luiz Gonzaga de França. Essa “peia” a qual se refere D. Delfina trata-se da “casca”, da película que envolve o grão de feijão.

pedindo, pedindo pro povo dar alguma coisa. Num dava porque a orde era do Doutor. (...) Ainda por Deus, que era uma doença que você podia comer o que quisessem. Em tudo quanto havisse, podia comer não tinha o que fizesse mal. Mas quando o Doutor chegou, não sabia de nada, botou uma dieta danada. (...) Morreu gente pedindo, mas não dava. Coisa medonha, Ave Maria!<sup>101</sup>

Para a Sra. Maria Tereza da Silva *muita gente morreu de fome*. Ela ao contrário, não se importando com as dietas, superou os ataques da malária comendo escondida em sua casa.

Ora se eu vou me importar com isso [referindo-se à dieta recomendada]. Aí, eu comia escondida, lá de casa nem sabia. Eu acho que foi por isso que tive pouca. Porque eu comia farinha seca. Os pessoal só comia se fosse escaldada. E a carne, num comia carne fresca, e eu comia lá na casa da velha [uma senhora com quem morava e trabalhava em sua casa]. Eu comia carne fresca na janta e no almoço. Comia feijão com farinha seca mermo e rapadura. Acho que foi por isso que tive malara mais fraca. Pois é, muita gente morreu foi de fome.<sup>102</sup>

Muito embora os anos de incidência da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe tenham sido marcados, também, pela fartura no campo, como será discutido no terceiro capítulo desta dissertação, o fato de muitas pessoas da região jaguaribana se recusarem a seguir a ordem médica, alimentando-se de tudo quanto lhes fosse possível, está diretamente associado às experiências vivenciadas em tempos de sofrimento tornado mais agudo pelas secas.

Como podemos perceber, o estudo sobre a epidemia de malária no Baixo Jaguaribe nos permite entrar no campo das tensões sociais e dos choques culturais, manifestados no “conflito” entre o discurso médico-científico e as práticas de cura resultantes da própria experiência/vivência sertaneja.

Sempre carente de equipamentos e de serviços de saúde pública, a população jaguaribana criava seus próprios métodos para perpassar os males provocados pela malária. Muitas vezes burlando o discurso médico, encontravam na própria natureza e nos alimentos tidos como “proibidos” a cura

---

<sup>101</sup> Luiz Gonzaga de França, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.

<sup>102</sup> Maria Tereza da Silva, 76 anos, entrevista gravada em 25/05/2002, na Cidade Alta, Limoeiro do Norte.

para seus males. No próximo capítulo, darei continuidade à reflexão acerca dos processos de cura da malária, enfocando, desta vez, a “medicina da alma.”<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> RODRIGUES, Claudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editorial, 1997.

## **CAPÍTULO II -**

# **Que Nosso Senhor de todos compadeça suspendendo este Castigo**

*Uma peste é um decreto de Deus, um castigo  
enviado por ele! (Lutero)*

Objetivamos discutir neste capítulo como a Igreja Católica, representada aqui pelos padres, teve importância capital para confortar e, de certa forma, apaziguar os ânimos da população sertaneja que via aumentar, a cada dia, o número dos que sofriam com os infortúnios trazidos pela presença da malária em suas residências.

As influências que o catolicismo exerce sobre os valores e crenças dos moradores do Baixo Jaguaribe são extremamente marcantes e, fundamentalmente, importantes quando pensamos em analisar suas ações e/ou reações cotidianas. Dessa forma, nos questionamos: Quais as ações desenvolvidas pelos padres? De que forma a doença também foi responsável por criar uma nova dinâmica para o cotidiano das práticas e dos rituais católicos? Quais as diversas justificativas, colhidas principalmente através dos relatos de memória das pessoas atingidas pela febre palustre, para o fenômeno da doença responsável pela morte de tantos habitantes?

Não podemos deixar de mencionar também que o elevado número de pessoas falecidas, ocasionava conseqüentemente modificações nos ritos de morte orientados pela Igreja Católica. Quais essas interferências e qual a importância desses rituais para os habitantes do Baixo Jaguaribe também serão objeto de nossa atenção ao longo do capítulo.

## 2.1 Caminhadas com Fé

Os relatos dos padres, presentes nos livros de tomo das cidades de União e Riacho do Sangue, nos instigam a pensar que os sacerdotes da região desempenhavam tarefas que iam além da ajuda espiritual. Exerciam também afazeres de cunho assistencialista, distribuindo alimentos e remédios para a população doente, ou ainda transformando os espaços reservados aos interesses religiosos, em hospital improvisado para atender às pessoas enfermas.

O livro de tomo da Paróquia de União nos dá a notícia de que, desde 1937, a Casa de São Vicente foi transformada em espaço para atender a enorme demanda de indivíduos atingidos pela febre intermitente que, desesperados saíam de suas casas, objetivando encontrar, naquele espaço, algum auxílio.

A Casa Vicentina era local de referência, onde as pessoas doentes buscavam também auxílio médico. Os habitantes do município também conseguiam ajuda material, pois havia uma sala reservada, exclusivamente, para armazenar os víveres, que chegavam da capital cearense com a finalidade de serem distribuídos entre a população necessitada.

Este edifício, em bôa hora construído, para atender as necessidades da pobreza local, necessidades de ordem temporal, moral e intelectual, oferecendo na sua parte interna seções para escola, despensário, sala de operação e cosinha, já vem, de certo tempo a esta parte servindo os interesses mais urgentes dos pobres. E foi assim que em 1937 quando o surto de malária calamitosamente reinante abriu suas portas para os infectados receberem a cura da medicina. E então, neste anno de 1938, vencido o pobre por crises diversas, avassaladôras solicitadas e chegados víveres de Fortaleza, recolhidos ao despensário do edifício para ali socorrer a pobreza carecida de recursos.<sup>104</sup>

Como podemos perceber, a Casa de São Vicente tornava-se um ponto de referência, um espaço de abrigo e socorro para tratar os impaludados. E mais, era o local onde as pessoas poderiam conseguir ajuda tanto de ordem espiritual como também material, já que boa parte dos alimentos e dos

---

<sup>104</sup> **Casa de São Vicente** – 1938, p. 8. In: Livro de Tombo – *Paróquia de União* – 1937. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

remédios, distribuídos entre a população carente de União, ficavam armazenados naquele local.

A escola de São Vicente transformava-se, assim, em um ponto de apoio para as pessoas aflitas, um lugar para onde os indivíduos deveriam se dirigir, caso objetivassem conseguir auxílio imediato. Em vez de procurar as autoridades políticas do município era, pois, aconselhável caminhar diretamente para aquele espaço em busca do “conforto assistencialista”, pois, lá conseguiriam os medicamentos, alimentos para a família, etc.

Na cidade de Limoeiro, os indivíduos mais necessitados poderiam recorrer aos “préstimos assistencialistas” da Igreja Católica dirigindo-se até o Dispensário dos Pobres de Santo Antônio, criado desde 1.900, com o objetivo de prestar assistência material à população carente. Esse dispensário era mantido através de donativos de pessoas de várias partes do município que doavam somas em dinheiro ou contribuíaam ofertando mantimentos. Normalmente, distribuíaam-se produtos de primeira necessidade; farinha, pão, feijão, leite, redes, sabão, etc.<sup>105</sup>

Para além deste relato, nos municípios de União e Limoeiro, encontramos referência, no livro de tombo da Paróquia de Riacho do Sangue, das atividades desempenhadas pelo Pe. Otávio Santiago que, assumindo papel de líder da sua paróquia realizou, por diversas vezes, viagens até a capital cearense, objetivando angariar, junto ao Governador do Estado e também ao arcebispo metropolitano, fundos para comprar mantimentos e remédios, que seriam distribuídos entre as famílias atingidas pela doença.

Em situação tão difícil, puz-me no campo da ação, ensinei o povo meios de preservação, fis drenagem no Riacho do Sangue, combati focos na cevencia do açude público, cercitei o pôvo a combater comigo o perigoso “gâmbia” – com dificuldade por motivo financeiro, empreendi uma primeira viagem a Fortaleza, já em fins de agosto e lá – bem sabe o trabalho – consegui um pouco de remédio – injeções e comprimidos – e uma carrada de mercadoria – trigo, araveta – carne – manteiga – leite – arroz – assucar – café – bolachas esta para distribuir com os pobres, além de cem contos de reis que o Arcebispo me deu para o socorro dos doentes, a

---

<sup>105</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1997. p. 438.

importância foi gasta na compra de gado que foi abatido em determinados pontos.<sup>106</sup>

Ressalte-se que não encontrei, nos outros livros de tomo, qualquer referência à incidência da epidemia de malária nas cidades jaguaribanas. Poucos foram os vigários que se preocuparam em deixar registros de suas experiências nesse período. Talvez porque a preocupação maior fosse atender a grande demanda de pedidos de auxílios e/ou porque essa não era uma prática muito trivial entre os párocos da região, haja vista não ser comum encontrarmos esses registros entre a documentação eclesiástica.

Quando nos referimos à procura das pessoas por um auxílio vindo dos sacerdotes de suas comunidades, precisamos ter em mente que a maioria dos municípios que compunham a região interiorana do Ceará sempre foi, de certa forma, relegada quanto às ações dos poderes públicos. Alguns padres, portanto, enquanto líderes de suas paróquias tornavam-se a referência, tanto política como espiritual para a maioria dos habitantes do Baixo Jaguaribe. Eram para os vigários que se voltavam todos os olhares e atenções quando qualquer mal ameaçava quebrar a “tranqüilidade” cotidiana.

De um modo geral, os párocos exerciam influências em todos os âmbitos das comunidades, nas quais se localizava sua igreja. Dessa forma, podemos compreender o trecho deixado pelo padre Otávio Santiago quando o mesmo encerrava seu registro, no livro de tomo da Paróquia de Riacho do Sangue, no momento em que deixava aquele município e era transferido para trabalhar em Limoeiro, pois, em fins de 1938, este município tornava-se sede da Diocese do Baixo Jaguaribe. Segundo o Padre Otávio, *Deus sabe com que pesar sou forçado a abandonar este povo sofrido quando todas as vistas se voltam para mim cheios de esperança.*<sup>107</sup>

A imagem de alguns padres me foi narrada como sendo a própria personificação do grande herói que, a despeito de todas as dificuldades de locomoção, enfrentadas durante o percurso das longas viagens, lutava bravamente contra os efeitos danosos da epidemia de malária.

---

<sup>106</sup> Livro de Tombo 2 – Paróquia de Jaguaritama. 1937-1956. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte. P. 8.

<sup>107</sup> Livro de Tombo 2 – Paróquia de Jaguaritama. 1937-1956. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte. P. 8.

Ao contrário de outras ocasiões, nos anos de incidência da doença, a população necessitava muito mais do conforto encontrado na ajuda espiritual. Sendo assim, os fiéis acabavam por exigir que os padres estivessem sempre munidos de perseverança, resignação e fé para, a despeito de todos os obstáculos, levarem o conforto às almas de todos aqueles que precisassem do consolo das palavras divinas em seus leitos de morte.

Tomemos, então, como referência a crônica, em homenagem ao Padre Mizael Alves de Sousa, escrita pela aluna do primeiro ano técnico da Escola Normal Rural de Limoeiro, Carmusina Monte Arrais, publicada pelo Jornal A Voz do Campo, em setembro de 1938, que transforma o vigário Mizael em um dos *heróis anônimos*, cujo poder era a *argamassa da fé*.

A ação benemérita deste sacerdote não parou aqui, mas teve ainda uma atuação direta e uma influencia predominante nos dias tristes que anuviaram a vida desta terra. Enquanto a malária ia disimando as choças infortunadas do sertanejo rude, era essa alma cheia de fé que, num arrôbo de amor despresava a si próprio para levar aqueles humildes lares o conforto de sua palavra dócil e bemfeitora. Embrenhava-se pelos carnaubais, onde dia e noite, enfrentando o perigo da moléstia procurava o doente combalido para levar-lhe o mais salutar dos remédios – a palavra de Cristo, o maná dos que, no deserto da vida, se prestam para a grande partida. Alma nobre e intrépida no caminho da renúncia individual, o Pe. Mizael é um os heróis anônimos que preparam a argamassa da fé que haverá de permanecer viva e palpitante em cada coração do povo brasileiro, enquanto no profundo céu brilhar a constelação magnífica do cruzeiro.<sup>108</sup>

É importante esclarecermos ainda que, apenas dois anos depois de ser consagrado padre, o sacerdote Mizael Alves de Sousa já exercia as seguintes funções e/ou cargos na cidade de Limoeiro: professor da Escola Normal Rural de Limoeiro, diretor do Educandário Padre Anchieta e presidente das Vocações Sacerdotais da Ação Católica.

Para além da crônica da Carmusina Arrais, o Sr. Elizeu Nogueira Maia nos relata as dificuldades dos sacerdotes para cumprir um dos seus principais ofícios e obrigação sacerdotal, ou seja, levar o conforto espiritual a todos os moribundos e/ou necessitados da palavra divina. “Seu” Elizeu exalta, com empolgação, o trabalho e o desprendimento do Padre Mizael, durante a

---

<sup>108</sup> Jornal A Voz do Campo, Ano I, Num 2. Limoeiro, 07/set/1938. **A Um Sacerdote.**



incidência da epidemia de malária, reforçando que, o sacerdote só sujeitava-se aos sacrifícios para confessar uma pessoa atingida pela febre porque *era uma alma caridosa*. Segundo ele, hoje em dia, os padres não se dispõem mais a fazer tantos sacrifícios em nome da fé e do conforto espiritual.

Nesse tempo, os padres faziam caridade, iam a cavalo confessar um moribundo com léguas. Um dia, eu ia visitar Joaquim de tio Chico, lá na Boa Esperança, que ele tava doente, aí, tavam esperando o padre. Quando eu cheguei ali junto do velho Luiz Quincó, aí, encontrei o padre Mizael que ia numa motocicleta, motorzinho grilo. Ia confessar Joaquim lá na Boa Esperança. Vinha de Limoeiro [o padre], né? Os padres faziam sacrifício. Hoje, acabou-se confessar doente, né?<sup>109</sup>

Faz-se necessário, nesse momento, que façamos uma pequena pausa na narrativa e chamemos atenção para o fato que, além do Pe. Mizael, em outubro de 1938, o município de Limoeiro contava, também, com a presença do Pe. Otávio de Alencar Santiago, recém-chegado da Paróquia de Riacho do Sangue, e o padre Macário. Este último, porém, fora atingido pela picada do mosquito transmissor da malária e estava impossibilitado de exercer suas funções sacerdotais.

Os limoeirenses só poderiam, então, contar com apenas dois párocos para atender os apelos de uma população que, em 1940, era composta por 28.140 habitantes, sendo que destes, apenas 2.954 moravam na sede do município. A maioria da população, 23.724 pessoas, residia na zona rural. Como podemos observar nos dados do Recenseamento Geral realizado em Limoeiro, na década 1940.

---

<sup>109</sup> Elizeu Nogueira Maia, 80 anos, entrevista gravada por Gerliane Gondim, no sítio Taperinha, localizado na cidade de Tabuleiro do Norte em 28/ago/2004.

<b>TABELA 2 – RECENSEAMENTO GERAL DE 1940</b>			
<b>Município/Distrito</b>	<b>Total</b>	<b>População Urbana</b>	<b>População Rural</b>
Limoeiro do Norte	28.140	4.416	23.724
Limoeiro do Norte (sede)	12.567	2.954	9.613
Alto Santo	6.645	381	6.264
Bica (1)	1.085	285	800
Jandoim (2)	4.110	417	3.697
Ibiciupeba (3)	3.733	383	3.350

1 – Atual Olho d'Água da Bica, Distrito de Tabuleiro 2- Atual São João do Jaguaribe

3- Atual tabuleiro do Norte

(Fonte: IBGE)

A par desses dados demográficos, podemos inferir que a preocupação dos padres em levar o conforto e amparo da religião católica à população sertaneja exigia, nos anos de incidência da epidemia, que os vigários estivessem, constantemente, deslocando-se para as comunidades do interior de seus municípios, uma vez que a maioria dos habitantes foi afetada pela malária e não podia mais realizar o trajeto até a cidade mais próxima para participar das missas e ouvir os sermões dos párocos.

Ao pesquisar as documentações eclesásticas do município de Morada Nova, um dos maiores em extensão territorial da região do Baixo Jaguaribe, só encontrei referência à atuação de dois párocos; o padre João Lobo e o padre Aluísio Ferreira de Lima.

Partindo da pesquisa que realizei nos registros paroquiais de óbitos e batismos, é possível afirmar que o padre Aluísio estava invariavelmente, durante o ano de 1938, sendo obrigado a se deslocar para as comunidades do interior, a fim de prestar os sacramentos da igreja. Algumas vezes, os padres chegavam a pernoitar em algumas fazendas e só retornavam para a sede do município dias depois.

Tomemos como exemplo, o itinerário do padre Aluísio, construído a partir dos registros de batismo da cidade de Morada Nova durante o mês de agosto de 1938. Através da tabela 3, podemos observar o dia, a localidade em que o padre se encontrava, sua distância do Município, bem como o número de batizados que foi realizar naquela data.

<b>TABELA 3 – Itinerário do Pe. Aluísio Lima no município de Morada Nova em Agosto de 1938.</b>			
<b>Dia</b>	<b>Números de Batismos</b>	<b>Localidade: Igreja/Capela/Oratório</b>	<b>Distância de Morada Nova</b>
2	2	Capela Barra do Sitiá	Sem Ref.*
3	1	Matriz	****
4	1	Matriz	****
7	2	Matriz	****
8	6	Oratório da Gangorra	18 km
13	1	Oratório “Ad. Instar” de Açude	Sem Ref.
14	13	Oratório “Ad. Instar” de Açude	Sem Ref.
15	17	Capela do Chile	33 km
18	3	Oratório “Ad. Instar” de Juazeiro	26 km
20	3	Capela de Pedras	20 km
21	6	Matriz	****
22	3	Matriz	****
24	1	Oratório “Ad. Instar” de Juazeiro	26 km
25	1	Oratório “Ad. Instar” de Juazeiro	26 km
26	3	Oratório “Ad. Instar” de Juazeiro	26 km
27	2	Oratório “Ad. Instar” de Juazeiro	26 km
28	6	Capela do Sitiá	Sem ref.
29	1	Matriz	****
31	1	Matriz	****

\*Sem Ref.: Sem referência

Fonte: Livro de Batismo da Cidade de Morada Nova em 1938.

Os padres da região tiveram seus trabalhos redobrados, nos anos da epidemia, principalmente, no concernente à execução dos cerimoniais que, segundo o discurso difundido pela Igreja Católica, deveriam ser cumpridos à risca para que as pessoas se tornassem “verdadeiras cristãs”.

O cumprimento dos ritos sacramentais - batismo, casamento, cerimonial fúnebre... - dava ao indivíduo a convicção da proteção divina, tanto durante sua morada no reino terrestre, como garantia também que Deus o concederia como graça um bom lugar no além mundo, quando viesse a falecer. Portanto, todos os rituais deveriam ser fielmente realizados dentro de uma ordem preestabelecida.

No entanto, o estado calamitoso e o próprio caráter virulento da epidemia exigiam que os vigários tivessem uma pressa maior para dar conta da efetivação de todos os rituais litúrgicos católicos.

As crianças, por exemplo, só garantiam a bênção e a purificação dos seus pecados, através do cerimonial do batizado, considerado o primeiro

sacramento e a porta de entrada para tornar-se um cristão católico.<sup>110</sup> Tinha-se a convicção, portanto, que um infante não poderia morrer pagão. No entanto, as primeiras vítimas da doença eram, justamente, os recém-nascidos, pois seus organismos, ainda em desenvolvimento, não tinham como resistir, por muito tempo, aos acessos da febre intermitente.

Os párocos precisavam, então, estar diariamente se deslocando para as comunidades do interior visando levar o conforto espiritual, através do batismo. A realização da cerimônia trazia alívio, principalmente, para os pais das crianças, que, embora estivessem sofrendo a dor da morte do filho, estavam convictos de que o destino daquele parvulo, em sua nova morada celestial, fora abençoado pela água do batismo.

Estabelecendo um diálogo entre os registros de batismos e os obituários do município de Morada Nova, durante os anos de 1937 a 1940, podemos ter indícios da trajetória percorrida, cotidianamente, pelos padres João Lobo e Aluísio Lima.

No dia 30 de julho de 1938, por exemplo, o Pe Aluísio viajou para Juazeiro de Baixo, distante 26 km da sede do município, onde realizou 12 batizados no Oratório Ad. Instar daquela localidade. Ressalte-se que, das 12 crianças que receberam os sacramentos, 5 vieram a falecer, meses depois, vencidas pelos tremores da malária. Dessas cinco parvulas, 4 feneceram no mês de setembro.

Dois desses registros, datados de 30 de julho de 1938, citados anteriormente, me chamam especial atenção; trata-se do caso das famílias do Sr. Abdias de Freitas Rabelo e do Sr. Luiz Antônio de Brito. Ambos, aproveitando a visita do Pe. Aluísio, à comunidade de Joazeiro de Baixo, batizaram seus respectivos filhos: Maria (1 mês de idade) e Francisco (16 dias de nascido). O trágico é que, as duas famílias celebraram a festa do batismo na mesma data e, dois meses depois, no fatídico dia 25 de setembro, ambas choraram a perda de seus dois filhos vitimados pela febre palustre. Vejamos os registros de batismos e os seus obituários:

---

<sup>110</sup> Sobre o significado do batismo difundido sobre a Igreja Católica. Cf: MORAES, Douglas Batista de. **Bem Nascer, Bem Viver e Bem Morrer: administração dos sacramentos em Pernambuco – (1650-1790)**. Dissertação de mestrado em História. UFPE. 2001.

<b>MARIA</b>	
<b>Batismo</b> <sup>111</sup>	Aos 30 de julho de mil novecentos e trinta e oito no Oratório Ad. Instar de público de Joaseiro solemnemente baptizei a parvula Maria, nascida na Freguesia de Morada Nova aos 15 de junho de mil novecentos e 38, filha legítima de Abdias de Freitas Rabelo e de Maria da Conceição de Freitas moradores nesta Parochia do Divino Espírito Santo. Foram padrinhos Juvenal de Freitas Rabelo e Maria Edina de Freitas. E para constar, lavrou-se este que assigno O vigário Pe. Aluísio F. Lima.
<b>Óbito</b> <sup>112</sup>	Aos 25 de setembro de 1938, às 17 horas, no sítio "Joaseiro de Baixo", Paroquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", a parvula, Maria, com 2 meses de idade, filha legítima de Abdias de Freitas Rabelo e Maria da Conceição de Freitas. Foi sepultada no cemitério de Juazeiro de Baixo. E para constar mandei lavrar o presente que assino. O Vigário - Pe. Aluísio F. Lima.

<b>FRANCISCO</b>	
<b>Batismo</b> <sup>113</sup>	Aos 30 de julho de mil novecentos e trinta e oito no Oratório Ad. Instar de público de Joaseiro solemnemente baptizei o parvulo Francisco, nascido na Freguesia de Morada Nova aos 24 de julho de mil novecentos e 38, filho legítimo de Luiz Antônio de Brito e de Laura Nogueira Rabêlo moradores nesta Parochia do Divino Espírito Santo. Foram padrinhos Raimundo Ermindo de Brito e Domitila Larciza Rabêlo. E para constar, lavrou-se este que assigno O vigário Pe. Aluísio F. Lima.
<b>Óbito</b> <sup>114</sup>	Aos 25 de setembro de 1938, no sítio "Joaseiro de Baixo", Paroquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", o parvulo, Francisco, com 2 meses de idade, filho legítimo de Antônio de Brito e Laura Nogueira Rabêlo. Foi sepultado no dia 26 no cemitério de Juazeiro de Baixo. E para constar mandei lavrar o presente que assino. O Vigário - Pe. Aluísio F. Lima.

<sup>111</sup> Livro de Batismo da Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/07/1938 e encerrado em 07/04/1940. Registro 57. p. 6.

<sup>112</sup> Óbitos do cemitério de São Luiz de Gonzaga - Joazeiro de Baixo. Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/04/1938 e encerrado em 15/02/1941. Óbito 25. p. 52.

<sup>113</sup> Livro de Batismo da Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/07/1938 e encerrado em 07/04/1940. Registro 62. p. 7.

<sup>114</sup> Óbitos do cemitério de São Luiz de Gonzaga - Joazeiro de Baixo. Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/04/1938 e encerrado em 15/02/1941. Óbito 10, p.52.

Embora não conste explicitamente nos registros paroquiais, acreditamos que outros recém-nascidos não puderam esperar a visita do padre e receberam os sacramentos do batismo de uma pessoa mais experiente da comunidade, haja vista as referências nos obituários de crianças que foram batizadas em suas casas no dia de seu falecimento, no entanto, não encontrei qualquer indício da efetivação desse cerimonial nos registros de batismos.

Tomemos, como exemplo, o caso da parvula Maria, na época com oito dias de nascida, filha do Sr. José Silvino Rabêlo e da Sra. Ana Maria Lima; de acordo com seu óbito, ela foi batizada em casa, momentos antes de falecer, no entanto, não encontramos, entre os registros de batismo de Morada Nova, referência à execução desse ritual.

<b>Maria</b>	
<b>Óbito 10<sup>115</sup></b>	Aos 09 de setembro de 1938, às 20 horas, no sítio "Joazeiro de Baixo", Paroquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", a parvula, Maria, com 8 dias de idade, <b>batizada em casa</b> ( grifo nosso), filha legítima de José Silvino Rabêlo e Ana Maria Lima. Foi sepultada no cemitério de Juazeiro de Baixo. E para constar mandei lavrar o presente que assino. O Vigário - Pe. Aluísio F. Lima.

Não obstante fosse comum encontrarmos, nos batistérios, a realização do cerimonial do batismo em fazendas ou em algumas residências, no dia em que Maria foi batizada e sepultada, os vigários, da cidade de Morada Nova, não consumaram qualquer ritual naquela localidade. Encontramos referência que os sacerdotes estavam na sede da cidade. Eles só dirigiram-se à comunidade de Joazeiro de Baixo nos dias 18, 24 e 26 de setembro daquele ano.<sup>116</sup>

Baseada nos registros de batismos e de óbitos, de 1938, é possível afirmarmos ainda que, nos dias 24 e 26 de setembro, os referidos vigários foram a Joazeiro de Baixo realizar cerimônia de batismo para as crianças da

<sup>115</sup> Idem. p.50.

<sup>116</sup> Livro de Batismo da Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/07/1938 e encerrado em 07/04/1940. Mês de setembro.

localidade e, no dia 26, o padre Aluísio se deslocou até as residências do Sr. Antônio Pereira Araújo<sup>117</sup> e também da Sra. Luiza Olália de Freitas<sup>118</sup>, objetivando levar-lhes o conforto espiritual dos Sacramentos da Santa Igreja para aqueles moribundos que vieram a falecer, no mesmo dia, vitimados pela malária.

A incidência da malária nos lares jaguaribanos trazia, deste modo, uma nova dinâmica para o cotidiano dos padres que eram obrigados a viajar, incessantemente, por diversas localidades para fazer cumprir os rituais católicos, levando, assim, o conforto espiritual às famílias da região. Às vezes, eles realizavam o mesmo trajeto com a finalidade de levar mantimentos e remédios à população enferma.

As calamidades trazidas pela doença forçavam os padres a percorrer longas jornadas, embrenhar-se pelos carnaubais, dia e noite, enfrentando o perigo da moléstia, atravessando rios, açudes... utilizando cavalos, motocicletas, canoas, ou quaisquer outros meios de transporte. Todos os sacrifícios, antes realizados pelos seus fiéis, em busca da palavra divina, a partir do momento em que se instalou a epidemia, foram transferidos para os sacerdotes. Os locais de pregação, portanto, deslocavam-se da sede de suas capelas, dos oratórios, das grandes fazendas, para as casas das pessoas enfermas.

Quando questionados sobre a epidemia, encontrei diversas explicações que os habitantes do Baixo Jaguaribe criaram para justificar a presença da peste naquele território. Vejamos, então, quais os argumentos utilizados pelos narradores.

---

<sup>117</sup> Óbitos do cemitério de São Luiz de Gonzaga - Joazeiro de Baixo. Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova, iniciado em 10/04/1938 e encerrado em 15/02/1941. Óbito 26. p. 53

<sup>118</sup> Idem. Óbito 27. p. 53.

## 2.2 - Deus castigava e o povo adoecia

*Encontrar as causas de um mal é recriar um quadro tranquilizador, reconstruir uma coerência da qual sairá logicamente a indicação dos remédios. (Jean Delumeau).*

Embora tenha sido realizada uma ampla campanha com o intuito de esclarecer as formas de contágio da malária, nos relatos de memória colhidos na pesquisa de campo, foi possível perceber também a coexistência de aspectos científicos e religiosos na explicação da doença e do grande número de mortes nos lares das famílias jaguaribanas.

Além dos jornais da capital cearense trazerem reportagens enfatizando as formas de contágio da malária bem como sua profilaxia, juntamente com as explicações dadas pelos guardas da malária que trabalhavam no SMNE (Serviço de Malária do Nordeste), encontramos referência, especificamente, a outras duas campanhas de esclarecimento realizadas na cidade de Limoeiro, que tinham como objetivo principal explicar à população sobre as causas e efeitos da febre palustre.

Em setembro de 1938, a elite limoeirense, desejando diminuir o estado de pânico que se instalara em toda a cidade, encenou, no Cine Teatro Moderno da cidade, a peça “O Mosquito da Malária”. O cordel *Fatos que Marcaram Limoeiro* faz menção à peça teatral de autoria de Hecílio Costa; todavia, para o memorialista e autor do cordel, a peça chamava-se “Muriçoca da Malária”. Segundo Irajá Pinheiro, *o cenário era sempre o grande rio, com a malária se alastrando até o mar.*

A peça “Muriçoca da Malária”  
Repercutiu em todo o Ceará  
A História de um momento tão sombrio  
Com malícia Hecílio Costa foi narrar  
O cenário era sempre o grande rio  
Com a malária se alastrando até o mar.<sup>119</sup>

Além da encenação da peça teatral, outras campanhas, com o intuito de sensibilizar a população no combate ao mosquito transmissor, foram

---

<sup>119</sup> PINHEIRO, Francisco Irajá. **Fatos que Marcaram Limoeiro**. Fortaleza; Edição do autor. 2003. p.7.



realizadas. O jornal *A Voz do Campo* publicava, em agosto de 1938, o resultado do concurso de frases, promovido pelas alunas da Escola Normal Rural de Limoeiro, sobre o surto de malária que assolara a região.

A frase vencedora da aluna Maria José Guedes trazia um histórico das devastações causadas pela malária desde os tempos das Cruzadas e conclamava a população limoeirense a combater o terrível mosquito antes que o mesmo causasse mais devastações nas terras do Vale. De certa forma, a frase convidava também as pessoas a questionar o fato da doença ser tão antiga e, mesmo assim, não ter sido exterminada por completo.

1º Lugar: A malária destruiu no tempo das Cruzadas quase toda Europa, e destruirá a nossa civilização se não a combatermos, devidamente, exterminando a sua causa, que é o mosquito. (Maria José Guedes – 2º ano secundário)

2º Lugar: Ou vencemos o anofeles ou ele nos vencerá. (Rosalba Oliveira – 1º ano secundário)

3º Lugar: Ser brasileiro e não combater a malária é não ter nenhum sentimento de patriotismo e fraternidade. (Antonieta Rabelo - 1º ano secundário)<sup>120</sup>

Ainda que não tenha sido a ganhadora do concurso, já que alcançou somente a terceira colocação, chamou-nos atenção especial a frase da aluna Antonieta Rabelo pela associação do ato de combater o mosquito transmissor da doença ao sentimento de patriotismo, tão difundido na época pelo governo do presidente Getúlio Vargas.

O ato de combater a malária, portanto, deixava de ser simplesmente uma ação preventiva e tornava-se também um “dever cívico”. Apelava-se assim para o sentimento patriótico da população do Baixo Jaguaribe. O forte apelo nacionalista faz parte de todo um contexto histórico vivenciado durante toda a década de 1930.

O historiador João Rameres Régis, ao realizar um estudo sobre as histórias de vida dos integralistas limoeirenses, ressalta que: *O nacionalismo, por seu turno, foi a temática mais presente nos ideários dos mais diferentes grupos sociais*

---

<sup>120</sup> Jornal “A Voz do Campo”, nº 1, Limoeiro do Norte, 15/ ago/ 1938. *Concurso*.

*em disputa, fossem aqueles que propugnavam, o Integralismo, o Comunismo, o Trabalhismo, ou o Catolicismo Social.*<sup>121</sup>

Além das frases citadas anteriormente, também foi publicada, na mesma matéria, a frase da aluna Santadinha Oliveira, do 2º ano primário, vencedora do concurso realizado entre as alunas do curso primário, - que se sobressaiu pela originalidade do espírito infantil: *A malária é mais pior do que bicho papão.*

Ao analisarmos a frase da Santadinha, podemos perceber que, para além do caráter original, sua associação entre a doença e “bicho papão” deixa transparecer todo um imaginário da época.

A malária, ao ser responsabilizada por todo estado desolador pelo qual estava passando a população limoeirense, tornava-se, assim, a própria personificação do grande mal que aterrorizava o imaginário infantil, ou seja, o “bicho papão”. O artifício utilizado pelos adultos para assustar as crianças e fazerem-nas refletir sobre suas más ações - um monstro que aparecia para castigar as crianças e separá-las do convívio familiar, dos amigos... - estava personificado, naquele momento, justamente nos feitos que a malária estava causando na vida das pessoas atingidas pela doença.

É importante salientar, contudo que não obtivemos informação acerca de nenhuma outra campanha de esclarecimento, a exemplo de Limoeiro, nos outros municípios da região do Baixo Jaguaribe em que realizamos entrevistas durante a pesquisa de campo. No entanto, é possível dizer, com base nos relatos deixados nos livros de tombos de algumas paróquias, que os padres da região também foram responsáveis por esclarecer sobre as formas de disseminação da malária. Como podemos perceber no relato do Pe. Otávio Santiago:

Em situação tão difícil [referindo-se às comunidades do município de Riacho do Sangue], puz-me no campo da ação, ensinei o povo meios de preservação, fis drenagem no Riacho do Sangue, combati focos na cevencia do açude público, cercitei o povo a combater comigo o perigoso “gâmbia”.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Cf: REGIS, João Rameres. **“Galinhas Verdes”:** memórias e História da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro do Norte – Ceará (1934-1937). Dissertação de Mestrado em História Social. UFC. Fortaleza, 2002. p. 38.

<sup>122</sup> Livro de Tombo 2 – Paróquia de Jaguaratama. 1937-1956. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte. P. 7.

Muitos depoentes procuraram explicar as causas da presença, sem controle da malária, na região jaguaribana, apoiados em aspectos religiosos. A Sra. Ana Felícia Chaves, por exemplo, lembra que seu pai atribuía o grande número de vítimas da doença à falta de reza por parte das pessoas. Segundo a nossa narradora, assim se referia seu pai: *É, vocês num reza. É por isso que aqui dentro de Russas tá morrendo gente, vocês num reza!*<sup>123</sup>

A região do Baixo Jaguaribe é fortemente marcada pela influência do catolicismo na vida de seus habitantes, através da disseminação de valores morais e culturais. Nesse sentido, inferimos que a associação entre malária e castigo divino, presente no conjunto dos depoimentos colhidos, tem origem, para além das narrativas bíblicas, por exemplo, em relatos como o deixado pelo Pe. Otávio de Alencar Santiago, no livro de tombo da Paróquia de Riacho do Sangue. Nesse mesmo relato, depois de narrar as conseqüências desastrosas que a malária causava entre a população jaguaribana, o referido vigário suplicava: *Que Nosso Senhor de todos compadeça, suspendendo este castigo, ou minorando sua provação.*<sup>124</sup>

Geertz nos chama atenção para as explicações provindas do senso comum que, segundo ele, parecem ser aquilo que resta quando todos os tipos mais articulados de sistemas simbólicos esgotaram suas tarefas, ou aquilo que sobra da razão quando suas façanhas mais sofisticadas são postas de lado. O autor ainda nos alerta para o fato que *a religião baseia seus argumentos na revelação, a ciência na metodologia, a ideologia na paixão moral; os argumentos do senso comum, porém não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo.*<sup>125</sup>

Portanto, ao associar a doença à falta de reza ou a um castigo vindo do Alto, os habitantes do Baixo Jaguaribe deixam transparecer, em suas falas, todo um contexto de crenças e valores morais nos quais estavam envolvidos culturalmente.

---

<sup>123</sup> Ana Felícia de Araújo Chaves, 77 anos. Entrevista gravada na Comunidade de Jardim São José em Russas em 07/06/2002.

<sup>124</sup> Livro de Tombo 2 – Paróquia de Jaguaratama. 1937-1956. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte. P. 7.

<sup>125</sup> GEERTZ, Clifford. *O senso Comum como um sistema cultural*. In: **O Saber Local. Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 3<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p.140.

De acordo com Maria Loyola, a doença, ao ser considerada um dos maiores problemas da vida, se torna um fenômeno que, ao escapar, em última instância, do controle do homem, se transforma em produto da cólera divina.<sup>126</sup>

Muitos indivíduos nem buscavam uma explicação científica ou então nem acreditavam na versão da mesma, pois tinham a convicção de que Deus, assim como fez com Jó, e estava registrado nos relatos bíblicos do Antigo Testamento, poderia, unicamente, estar testando sua fé e resignação, ao mesmo tempo em que punia a todos os pecadores que ousavam desafiar seu poder.

Para o Sr. José Gomes Nogueira, residente na cidade de Jaguaribe, a imagem da doença está relacionada a uma maldição que lançaram por sobre a população jaguaribana, uma vez que famílias inteiras desapareciam, membro a membro, sucumbidas diante dos tremores da malária.

Tinha um casa de um conhecido meu que morava na faixa de 12 pessoas doente. Aí, não cuidaram. Morreu tudim em menos de 3 dias. Rapaz num é bom nem falar, num sabe? Pra você ter uma idéia, num ficou um herdeiro pra contar a história, num ficou um herdeiro pra receber a herança, num ficou foi nada, só fechamo lá as porta e pronto. Num ficou pra ninguém. Aquilo era uma doença amaldiçoada. Ave Maria!<sup>127</sup>

A historiadora Mirian Falci observa que as doenças são, notadamente, marcadas por interrupções e rupturas. Alerta-nos também para o fato que, *se nascer, reproduzir e morrer são atos biológicos naturais, eles estão também imbuídos de condicionamentos sócio-econômicos, atitudes morais e comportamentos, influenciados por sistemas políticos religiosos.*<sup>128</sup>

A doença, portanto, ao significar a iminência da morte, do fenecer do corpo, leva, muitas vezes, os homens a buscar uma explicação para tanto sofrimento e, conseqüentemente, a questionar suas práticas e seus valores

---

<sup>126</sup> Maria Andréa Loyola. **Médicos e Curandeiros: conflito social e saúde** – São Paulo - DIFEL, 1984.

<sup>127</sup> José Gomes Nogueira, 79 anos, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício na cidade de Jaguaribe em 15/07/2005.

<sup>128</sup> FALCI, Miriam Brito. *Doença e Religiosidade*. In: LIMA, Lana Lage da Gama et. Alli. **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002. p. 133-144.

morais. Jean Delumeau<sup>129</sup> nos lembra que, não obstante as pestes sejam vistas como castigo de Deus, enraivecido com seus fiéis, os mesmos ainda mantêm a fé que o Ser Celestial os afastará da possibilidade da morte.

A presença da epidemia de malária nos lares da população do Baixo Jaguaribe me foi justificada, em alguns depoimentos, como sendo resultado de um castigo vindo dos céus, pois, o mesmo Deus que concedia graças milagrosas, livrando o homem de todos os males da terra, através da doença, também castigava seus fiéis pelos pecados cometidos e, ao mesmo tempo, avaliava sua fé.

A Sra. Maria Menezes de Aquino, moradora da comunidade de Mapuá no município de Jaguaribe, ressalta que, nos anos de incidência da malária quase perdeu sua fé. Em sua narrativa, nossa depoente enfatiza, ainda, o elevado número de terços que os membros daquele povoado realizavam em homenagem ao santo padroeiro da capela, Santo Antônio, pedindo que o mesmo advogasse em favor das pessoas da comunidade junto a Deus, para que aliviasse o sofrimento ocasionado pela presença da febre intermitente naquela localidade.

Todos os dias, relembra D. Maria de Aquino, as pessoas da comunidade se reuniam na capela local para rezar, pedindo a recuperação das pessoas enfermas e pela alma das pessoas falecidas. Quando todas as ações humanas para erradicar a doença de suas vidas já estavam se exaurindo, restava-lhes a esperança na fé da intercessão do santo padroeiro junto à misericórdia divina.

A gente passava por umas situações que só Deus podia dizer o porquê daquelas aprovações. Num sei não, era tanta desgraça que tinha hora que a gente só faltava perder a fé em Deus. Era assim; a gente, como aqui sempre foi uma comunidade pequena onde todo mundo se conhece, todo dia, a gente se reunia para rezar pelas pessoas que tavam doentes, num sabe? Já que, nós tinha dado remédio e tudo que tava ao nosso alcance e, mesmo assim, as pessoas não ficavam boas. (...) Foi um desespero medonho! Eu andei bem pertim de perder minha fé porque num é brincadeira não, a gente passou mais de dois anos nessa peleja. Todo dia era assim: de dia, dava remédio pros doente e, à noite,

---

<sup>129</sup> DELUMEAU, Jean. *Tipologia dos comportamentos coletivos em tempos de peste. In: História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.* Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

quando chegava da igreja, rezava mais ainda para os que tavam doente amanhecerem o dia vivo.<sup>130</sup>

As experiências vivenciadas pelos habitantes do distrito de Olho D'água da Bica, localizado a 24 km da cidade de Tabuleiro do Norte, durante a epidemia de malária, são marcadas por uma peculiaridade; de acordo com os mais velhos da comunidade, nenhum morador da Bica sucumbiu diante dos tremores intensos da febre intermitente, graças à profecia do padre Joaquim de Menezes e ao milagre do cruzeiro edificado naquela localidade, em fins do século XIX.

As histórias de vida das pessoas, que residem no povoado da Bica, estão intrinsecamente marcadas pela história religiosa. Ao longo do ano de 1881, o padre Joaquim de Menezes teria começado a sonhar com a imagem de Nossa Senhora da Saúde pedindo-lhe que edificasse uma capela em sua homenagem em um local revelado no sonho, cuja principal característica seria a presença de uma fonte d'água. Após algumas viagens realizadas nas serras cearenses, o pároco reconheceu, no povoado da Bica, o local revelado pela santa em seus sonhos. A partir de então, com a ajuda da comunidade, deu-se início à construção da capela.

Em 1882, por ocasião da celebração da primeira missa, o Pe. Joaquim mandou construir, também, um cruzeiro feito de pedra trabalhada que deveria se tornar um complemento da capela. No momento em que foi abençoar o monumento, o vigário, após banhar-lhe com água benta, profetizou: a partir daquele instante, enquanto o cruzeiro estivesse edificado naquele lugar, nenhuma epidemia se abateria sobre a população daquele lugarejo.

Desde então, os moradores mais velhos da Bica se encarregaram de manter viva a crença na proteção do cruzeiro. De acordo com o relato do memorialista Antônio Nunes Malveira, nenhum morador da Bica foi vitimado pela epidemia de malária, durante a década de 1930, graças ao milagre da profecia do padre e do poder do monumento sagrado:

---

<sup>130</sup> *Maria Menezes de Aquino*. 82 anos, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício no distrito de Mapuá, localizado no município de Jaguaribe, em 16/07/2005.

Quando o Cruzeiro estava concluído, o Padre Joaquim de Menezes, seu idealizador, benzeu-o e pediu ao povo que mantivesse sempre vivo aquele monumento religioso, parte integrante da igreja, pois, enquanto ele existisse a Vila jamais seria atacada por epidemia.

Em 1909, a bexiga se alastrou pelo São Bento, lugarejo vizinho, atacando a população, mas não atingiu a Bica. No final da década de 30, a malária dizimou inúmeras pessoas no Limoeiro e cidades próximas. Mais uma vez, o povo da Vila nada sofreu. E os mais velhos lembravam a mocidade a profecia do Padre e o cruzeiro continuava conservado na forma original.<sup>131</sup>

Os membros da comunidade de Olho D'água da Bica mantêm uma rede de convivência com o sagrado muito intensa, haja vista a romaria dos devotos da santa padroeira do distrito, Nossa Senhora da Saúde, ser uma das maiores do Ceará, em número de fiéis. Essas pessoas, portanto, construíram uma "lógica" com o sagrado que é resultado de suas próprias experiências de vida. O cruzeiro tornou-se um monumento que, para além dos aspectos físicos, simbolizava também a crença dos habitantes da Bica na proteção divina e na profecia do padre.

O cruzeiro foi mantido intacto no lugar em que foi construído, mesmo após a capela ter sido edificada em outros locais. Até que, em 1974, esse monumento de fé foi destruído para ceder lugar à construção de um bebedouro e ampliação do açude que abastecia a comunidade. Conta-se que, a partir de então, seus habitantes começaram a ser vítimas de diversas moléstias. Tal fato foi logo associado à profecia do padre Joaquim. Quatro anos depois, os habitantes da Bica construíram outro cruzeiro em outro local.<sup>132</sup>

Marc Bloch, em *Os Reis Taumaturgos*<sup>133</sup>, nos chama atenção para o fato de que o verdadeiro milagre só existe a partir do momento em que os membros da comunidade acreditam nele. Segundo o autor, o que realmente cria a fé no milagre é a idéia de que o mesmo deveria existir naquele lugar e naquele exato momento.

Não nos cabe, portanto, duvidar da veracidade da fé no milagre do cruzeiro, não interessa a mim, nesse momento, enquanto historiadora, verificar

<sup>131</sup> MALVEIRA, Antônio Nunes. *O velho sertão da Bica*. Rio de Janeiro, 1986. p. 23.

<sup>132</sup> Sobre esse assunto conferir: PINTO, Débora Kátia Maia. *A fonte milagrosa: fé, cura e purificação em Olho D'água da Bica*. In: **Propostas Alternativas** N 7. Fortaleza. IMOPEC, 2000. p. 34-38.

<sup>133</sup> BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra**. 3ª reimpressão. São Paulo. Companhia das Letras. 2005

se realmente faleceu ou não alguém da comunidade tendo como causa de óbito a malária, o que me chama atenção é a crença dos habitantes de Olho D'água no milagre profetizado pelo padre.

Mesmo após ter sido difundida a verdadeira forma de transmissão da malária, é possível perceber, em alguns depoimentos, certas peculiaridades quanto aos discursos de como a população jaguaribana nos justificava a presença da epidemia em suas residências.

Após narrar a forma como a doença é transmitida, bem como a estranheza que causou a versão de que a malária era transmitida por um mosquito, com aparência semelhante a uma muriçoca, um inseto cuja população sertaneja já estava acostumada a lidar diariamente e que, até então, não lhe causara nenhum mal, o Sr. Luiz Gonzaga de França chega a insinuar que a região do Baixo Jaguaribe poderia ter sido alvo de uma “sabotagem”. Alguém, que ele não quis mencionar o nome em seu relato, poderia ter soltado o mosquito na região.

Ave Maria, eu nunca tinha ouvido falar em malária. Só aqui, num tinha quem conhecesse, num tinha doutor nenhum, num tinha ninguém. Ninguém, ninguém conhecia. Adispos, veio essa pessoa lá de Fortaleza (...) Foi uma coisa precária que eu vivi na minha vida, a malara, mas, Graças a Deus, acabou. Agora o inseto era uma muriçoca maior que essa nossa aqui. Ela era maior e todo mundo conhecia ela. Ela era maior que a muriçoca daqui, a gambiae, era o nome dela. Eu num sei como é que uma coisa dessa vem pra cá, porque é um lugar muito longe aonde há isso. Vêi de avião, sabe que foi? Ou, pode mermo terem butado pra soltarem aqui.<sup>134</sup>

A fala do Sr. Luiz Gonzaga está embutida de todo um discurso bélico vivenciado também pela população jaguaribana da época que, para além dos relatos de sofrimento e morte trazidos pela malária, ouvia também os discursos da conspiração, da luta, vindos à tona através da concretização da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O Sr. José Gomes Nogueira relembra de uma brincadeira que costumava fazer entre os amigos quando eles começavam a sentir os sintomas da febre intermitente. De acordo com sua fala, antes da doença se alastrar de

---

<sup>134</sup> Luiz Gonzaga de França, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.



maneira desenfreada entre os moradores, eles costumavam insinuar que as pessoas sadias haviam contraído a malária porque estavam de “chamego” com algum doente, e este havia lhe transmitido os tremores da febre. No entanto, à medida que o tempo foi passando, os acessos, aparentemente isolados de surto da doença, foram se transformando em uma epidemia com danos incalculáveis. Dessa forma, a brincadeira, antes tão engraçada pelo seu caráter insinuado e irônico, foi perdendo sentido. Continuar com aquelas alusões seria o mesmo que zombar da aflição e do sofrimento alheio.

Eu me lembro até de uma brincadeira que as pessoas fazia nessa época. Era o seguinte: tava um rapaz aqui doente e uma moça que tinha um chamego lá com o doente e, se ela pegasse essa doença, tinha que se casar que era porque tinha andado se esfregando por aí. Era, dava confusão. Mais aí, foi que todo mundo tava pegando essa doença e não tinha mais graça aperrear as moça falando isso mais não. Aí foi que foram esquecendo essa brincadeira.<sup>135</sup>

Alguns sertanejos do Baixo Jaguaribe custaram a acreditar na versão científica de que a malária era transmitida por um mosquito e não “pegava” de pessoa para pessoa através do contato físico ou pelo ar, como a maioria das moléstias com as quais estavam acostumados a lidar no dia-a-dia e que tinham sintomas parecidos: febre alta, cansaço, dores no corpo... às vezes, chegavam, inicialmente, a comparar com as mazelas trazidas pelas gripes ou outros tipos de inflamações.

No entanto, à medida que as notícias e os sintomas da doença foram sendo difundidos entre a população jaguaribana, as pessoas logo passaram a diagnosticar e reconhecer, nos tremores intermitentes, o prenúncio da chegada da doença em suas casas.

O Sr. Francisco Otacílio Ferreira da Silva recorda que o medo de também ser contaminado pela doença fez com que a prática de fazer uma visita ao enfermo, dirigindo-se até sua residência para prestar condolências, foi praticamente abolida nos anos de incidência da malária. Não apenas pelo fato das pessoas estarem doentes e/ou terem de cuidar dos seus enfermos, mas, por conta também do receio de contrair a febre palustre.

---

<sup>135</sup> *José Gomes Nogueira*, 79 anos, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício na cidade de Jaguaribe em 15/07/2005.

Era uma coisa terrível essa doença. Nós quando ia pra casa dos vizinhos acontecia de num demorar uns dez minutim que a gente já começava a sentir as mesma coisas. Só bastava entrar no quarto que tava o doente. Parecia que pegava no ar aquela praga danada. Era d'um jeito que nós procurava até evitar aqueles que tavam doente. Era até falta de consideração, mas a gente num podia fazer nada não, porque quem ia arriscar de morrer só para agradar os outo, né?<sup>136</sup>

Podemos inferir, portanto, que havia na região jaguaribana, a coexistência de três explicações básicas, criadas para justificar o fato da população ser alvo de tantas mazelas: uma difundida pelos eruditos, outra pela multidão anônima e a terceira mencionada, ao mesmo tempo, pelo grupo e pela igreja.<sup>137</sup>

Mesmo guardando o sentimento de fé no poder divino, o sofrimento e a morte se fizeram presentes diante de toda a população jaguaribana. Foram raras as famílias que não ficaram enlutadas por causa da febre intermitente. Em virtude, pois, da grande incidência de mortes, questionamos: como a população do Baixo Jaguaribe lidou com o fato da morte se transformar em presença constante no cotidiano da região?

A grande incidência de pessoas, diariamente, ceifadas pela malária me levou a pensar no evento da morte, nas possíveis modificações nos rituais fúnebres e no papel desempenhado pelos padres na assistência espiritual aos moribundos e às suas famílias em geral.

### **2.3 "Pobre Povo *in-extremi*"**

*Que pesadelo a vida em uma cidade  
onde a morte vela junto de cada porta.  
(Jean Delumeau)*

Não resta dúvida que o número crescente de mortes, durante a epidemia de malária (1937-1940), provocou também o que poderíamos chamar de uma nova ritualização da vida e da morte.

---

<sup>136</sup> Francisco Otacílio Ferreira da Silva, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício no distrito de Mapuá, Jaguaribe, em 15/07/2005.

<sup>137</sup> Cf: Delumeau, Jean. Op. Cit.

A grande incidência de pessoas diariamente ceifadas pelo “mal” me levou a pensar, dentre as diversas modificações que a malária trouxe para o cotidiano local, nas alterações nos rituais fúnebres; o que significava para a população sertaneja tais práticas? Como as pessoas lidaram com o fato da morte estar visitando constantemente seus lares?

Segundo a crença católica, a realização de todos os rituais de morte seria de fundamental importância para garantir que a alma do finado alcançasse um bom lugar no Além. Era preciso, pois, fazer cumprir todas as etapas do cerimonial fúnebre.

A morte ideal não deveria ser solitária. Logo após o falecimento do corpo, era fundamental a presença das pessoas ao redor do defunto protegendo-o com rezas e realizando os rituais que o levariam até o cemitério - sua última morada. Acreditava-se, portanto, que a assistência espiritual, como parte dos ritos fúnebres, garantiria ao falecido uma vida melhor no além-mundo.<sup>138</sup>

Em abril de 1939, o vigário da Diocese de Limoeiro, Pe. Otávio Alencar Santiago, escrevia uma carta ao Monsenhor Otavio de Castro, na qual mencionava que, em decorrência do grande índice de vítimas da malária em Limoeiro, não sobrava tempo para desempenhar outra função, a não ser confessar os moribundos – momento em que o enfermo confia ao padre suas culpas, pedindo absolvição de todos os pecados cometidos buscando, portanto, a certeza de que partiria purificado para o plano celestial. O vigário Otávio Santiago encerrava sua carta com a seguinte súplica: *Que Nosso Senhor nos proteja porque o que será do pobre povo sem o abençoado conforto da religião, “In Extremi”*.

Quase não temos tempo para outra coisa, o nosso trabalho é todo de confissões de moribundos. Que “gambíae” terrível! Ri dos médicos, de seus guardas e da pobre engenharia sanitária. O padre Macário há sete dias não celebra, abatido, vencido pelo valente animalzinho. Eu e o padre Mizaél ainda não recebemos os beijos mortíferos da “Castolis”, mas esperamos, a cada instate,

<sup>138</sup> Sobre a problemática da morte não podemos deixar de mencionar os trabalhos de: ÁRIES, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. Do mesmo autor Cf: **O Homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. Vol I. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. RODRIGUES, Claudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editorial, 1997.

depor as armas, também vencidos. Que Nosso Senhor nos proteja porque o que será do pobre povo sem o abençoado conforto da religião, “In Extremi”. Contudo, ainda trabalhamos no Palácio<sup>139</sup>. Avalie agora, o que não se passa, com outros padres, em pleno domínio do terrível “anofelis”.<sup>140</sup>

Em seu relato de memória, a Sra. Clara Reinaldo Maciel nos faz inferir acerca do cotidiano dos padres Aluízio e Vital que, mesmo enfrentando longas distâncias, em meio a toda sorte de dificuldades, procuravam atender aos pedidos de extrema-unção daqueles que se achavam vitimados pela malária na zona rural do município de Russas. Segundo a nossa depoente, muitas vezes, Pe. Aluízio *chegava alta noite, debaixo de chuva*. Mesmo assim, os padres não conseguiam dar conta da demanda.

O Pe. Aluízio, no tempo da malária, rodava muito. Ele era junto do padre Vital. Aí, ele ia dar extrema-unção, ia confessar. Mas, era muita gente e ele era só, né? Às vezes, ele ia a cavalo, o povo vinha trazendo um cavalo para ele ir, porque ele num tinha. As pessoas vinha trazendo um cavalo para levar o padre.<sup>141</sup>

O jornal *O Povo*, do dia 20 de abril de 1938, também nos relata que, ao sair da cidade de Russas para socorrer um moribundo com os sacramentos da Igreja, Pe. Vital encontrou, em meio ao caminho, um homem que estava se dirigindo à cidade com o objetivo de comprar uma mortalha para sepultar sua sogra. Segundo a reportagem, esta pessoa era a única de sua casa que ainda não havia, de todo, sucumbida ao ataque da malária.

O vigário Padre Vital, com uma dedicação de apóstolo, fora atender a um dos chamados para confissão. Em viagem, avistou um pobre homem que tombara sobre um lamaçal, à beira da estrada.

Socorrendo-o, o bondoso sacerdote constatou que se tratava de um acesso de impaludismo. E soube que o infeliz era o único de sua casa que se conservava com saúde e por isso viera até a cidade comprar uma mortalha para sua sogra. No caminho, a moléstia o atacara daquela forma traiçoeira e impiedosa.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> O palácio ao qual se refere o padre trata-se do Palácio Episcopal, que, na época, estava sendo construído para servir de sede e morada do bispo na recém-criada Diocese do Vale do Jaguaribe, localizada na cidade de Limoeiro.

<sup>140</sup> FERREIRA NETO, Op.cit p.274.

<sup>141</sup> Clara Reinaldo Maciel, entrevista gravada na cidade de Russas em 23/02/2003.

<sup>142</sup> Jornal O Povo 20/abril/1938.

João José Reis, ao analisar os rituais fúnebres no Brasil durante o século XIX, nos chama atenção para o fato que vestir o falecido com uma mortalha do santo de sua devoção, tem a ver com a crença de que o santo intermediaria sua viagem rumo ao plano celeste. De acordo com o autor, a escolha da mortalha significava;

(...) Uma ressurreição do desejo da graça junto a Deus, especialmente com a mortalha dos santos, que de alguma forma antecipa a reunião a corte celeste. Ao mesmo tempo em que protegia, com a força do Santo que invocava, ela servia de salvo-conduta na viagem rumo ao Paraíso. Pode-se até pensá-lo como uma espécie de disfarce do pecador. Seja qual for o ângulo, ela representa a glorificação do corpo em benefício a glorificação do espírito, uma das evidências mais fortes da analogia que se fazia entre o destino do cadáver e o destino da alma. Vestir o cadáver com a roupa certa podia significar, se não um gesto suficiente, pelo menos necessário à salvação.<sup>143</sup>

Para além da escolha da mortalha, chamo atenção para outro objeto lembrado por vários depoentes, importantíssimo, dentro do cerimonial do rito fúnebre: a vela. Nos momentos finais do enfermo, era costumeiro colocá-la em sua mão, pois se acreditava que a luz emanada da vela serviria para iluminar o percurso do espírito do moribundo até o momento de sua chegada ao reino do céu.

A Sra. Maria Delfina recorda que todo mundo no Canto Grande teve malária e mais, na residência de um tio seu *morreu cinco pessoa num mês, só na casa dele*. Transtornada com tamanha desgraça que se abatera em seu lar, sua tia dizia que *o mundo tinha se acabado*, pois em sua casa faleceram *dois fio, uma nora e o marido. Morreu sem vela, amanhecia morto*.<sup>144</sup>

Segundo a Sra. Edméia Gondim *quando morria uma pessoa sem vela, às veze, o pessoal fazia um bicho medonho. Achava que não ia se salvar porque foi sem vela*.<sup>145</sup> O Sr. Elizeu Nogueira Maia relembra que, no momento da morte, a

<sup>143</sup> REIS, João José. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.p. 297.

<sup>144</sup> *Maria Delfina de França* entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.

<sup>145</sup> *Edméia Maia Gondim*, 79 anos, entrevista concedida a Gerliane Gondim, na cidade de Tabuleiro do Norte em 27/ago/2004.

pessoa falecer sem a luz emanada pela vela era inadmissível, uma vez que o escuro significava a própria representação do mal, no escuro, *era as trevas*.<sup>146</sup>

Ainda de acordo com o “Seu Elizeu”, nos momentos finais do moribundo, quando não havia um padre por perto ou não dava tempo do mesmo chegar para abençoar a passagem do enfermo, através dos sacramentos da igreja, outra pessoa, depois de colocar uma vela na mão do doente, deveria proferir algumas palavras para ajudar o enfermo em sua travessia. Tais dizeres serviriam para que a alma do finado fosse bem acolhida em sua nova morada. Segundo o *velho* narrador, alguns professavam: *Jesus, Maria, José minha alma vossa é*.

Os assentos de óbitos, encontrados na Diocese de Limoeiro do Norte, testemunham o caráter virulento da epidemia de malária na região do Baixo Jaguaribe durante os anos de 1937 a 1940.

Os registros referentes ao município de Morada Nova indicam que, em 1938, a malária foi responsável por mais de 96% (noventa e seis por cento) do total de óbitos que deram entrada no cemitério de São Luiz de Gonzaga, de Juazeiro de Baixo, localizado na zona rural de Morada Nova. Ou seja, dos 56 óbitos registrados no cemitério, de agosto a dezembro de 1938, 54 tinham como causa de morte a malária. Outro dado importante a ser salientado é que, das 54 pessoas falecidas, apenas 7 (sete) receberam os Sacramentos da Santa Igreja.<sup>147</sup> Isso nos leva a inferir a dificuldade que os padres da região encontravam para levar aos moribundos a última bênção, confortando, assim, tanto o enfermo, na hora da morte, como também seus parentes e amigos.

No que se refere ao município de Russas, os livros de óbitos referentes a 1938, ano de maior incidência da doença, registram 1.524 mortes. No ano anterior (1937), foram registrados 571 óbitos e, em 1939, 451 assentos de óbitos.<sup>148</sup> Se formos comparar, durante esses três anos de incidência da epidemia, foram gravados 2.546 fenecimentos dentro de um município que, em 1940, possuía 24.243 habitantes, um número de morte, portanto, bastante

---

<sup>146</sup> *Elizeu Nogueira Maia*, 80 anos, entrevista gravada por Gerliane Gondim, no sítio Taperinha, localizado na cidade de Tabuleiro do Norte em 28/ago/2004.

<sup>147</sup> Óbitos do cemitério de São Luiz de Gonzaga - Joazeiro de Baixo. Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/04/1938 e encerrado em 15/02/1941, p. 49-57.

<sup>148</sup> Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte – livro de óbitos nº 11 – Paróquia de Russas de 01/04/1933 a 29/04/1938. Ver também: Livro de Óbitos nº 12 – Paróquia de Russas de 01/05/1938 a 27/07/1939.

elevado. E, embora não conste nos registros a causa para tantos perceres, é sabido que o cemitério de Russas teve, no ano de 1938, suas dependências ampliadas por causa do elevado número de falecimentos em decorrência da penetração da malária naquele município.

Aliás, é importante ressaltarmos que, no que concerte aos registros de fontes oficiais, não há como calcular, se não em números aproximados, os índices de óbitos causados pela febre intermitente. O relatório do Serviço de Malária do Nordeste faz referência à ausência dessa documentação, afirmando que era *inteiramente impossível determinar para toda área infestada o número de óbitos causados pela malária transmitida pelo gambiae. Só em alguns centros foi possível obter dados, embora todos eles sejam por incompletos.*<sup>149</sup>

Referindo-se à cidade de Limoeiro, o Sr. José Pinheiro recorda que, em um só dia, ouviu o sino da igreja badalar 17 vezes, em virtude do anúncio das dezessete mortes ocorridas no município nesse mesmo dia. Quanto aos defuntos, estes eram conduzidos em redes até o local onde se realizaria o sepultamento.

Eu, nesse tempo era rapaizinho, vamos dizer. Aí, a população tinha dias que tinha nove pessoas numa casa. Tava todo mundo doente, sem ter quem desse um copo d'água aquele povo. E eu custei muito a pegar. Aí, meu pai dizia:

- Você tem que sepultar, ajudar a sepultar os pessoal, os mortos.

Eu saía, quando tinha um morto, que num faltava, todo dia tinha. Houve dia aqui que sepultaram-se, naquele tempo, badalava dizendo. Teve dia aqui que foram sepultado dezessete. E eu, meu negócio era ajudar a sepultar. Chegava às vezes em casa de pobre, ainda lembro, tinha a rede suja. Não tinha quem fizesse, num podia comprar caixão. Aí, a gente fazia uma armação de madeira: assim um quadrado e amarrava os punhos da rede e botavam o homem no ombro. Trazia e enterrava. (...) Eu fiz muito isso; até grade de madeira, de chegar e não ter quem fazer, eu fazer e amarrar. Morreu muita gente. Pra você ter uma prova disso, se enterrar dezessete no tempo que a cidade era relativamente pequena, né? Dezessete num dia! Não era de um canto só, não. Era do município todo. Vinha gente daqui, d'acucar, no fim do dia, deu dezessete. Só via era passar rede. Era, era uma doençona!<sup>150</sup>

<sup>149</sup> Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942). Fundação Rockefeller. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213. p. 56.

<sup>150</sup> José Dantas Pinheiro, 83 anos, entrevista gravada em 27/05/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.

Chamamos atenção em sua narrativa para o fato de que, para além da ausência de mão-de-obra para construir os caixões e atender assim a grande demanda, como nos lembra o depoimento do “Seu” Dantas, precisamos ter em mente que boa parte da população era desprovida de recursos financeiros para comprar esse objeto fúnebre; a solução, portanto, era improvisar uma armação de madeira e utilizar a rede.

A Sra. Maria Tereza da Silva recorda que, por diversas vezes, viu os cortejos fúnebres passarem em frente à sua casa carregando os corpos das vítimas da malária. Tal fato a deixou *assombrada* por muito tempo, pois, segundo ela, todas as vezes que se deitava para dormir *só se lembrava dos pessoal que passava. Parecia que eu via os pessoal passando.*<sup>151</sup>

Dona Maria de Lurdes Pereira, ou Pretinha como é mais conhecida pelos familiares e amigos, nos faz uma descrição de como eram realizados esses cortejos fúnebres, ressaltando a importância da presença das pessoas durante o percurso até o cemitério. Elas deveriam se juntar e acompanhar a comitiva fúnebre não só pelo dever de solidariedade para com o próximo, tratava-se, também, de um investimento para salvação de suas próprias almas.

Morreu muita gente da malara. Nesse tempo, era só no pau da rede que chamava. Sabe o que era? Fazia a rede e botava. Aí, cobria (o finado) com um lençol, bem enroladinho e com a mortalha. Aí, saía o povo tudim com o pau no ombro. Era quatro pessoa e aquele magote de gente. Quando chegava na frente, os outros tomavam de conta. Era desse jeito. Era trocando: uns levava um pedaço, outros levava outro e, assim, levava até chegar ao cemitério.<sup>152</sup>

Ao pesquisar no acervo icnográfico da Fundação Rockefeller, especificamente, no fundo intitulado Serviço de Malária do Nordeste, encontrei uma imagem (foto 6) que nos ajuda a imaginar como eram realizados os sepultamentos das pessoas que não tinham condições de ser transportadas para o cemitério dentro de um caixão.

---

<sup>151</sup> *Maria Tereza da Silva, 76 anos*, entrevista gravada em 25/05/2002, na Cidade Alta, Limoeiro do Norte.

<sup>152</sup> *Maria de Lurdes Pereira*. Entrevista realizada na Cidade Alta – Limoeiro do Norte. 25/05/2002.



A legenda da foto fazia referência a essas macas construídas com armações de madeira e rede que eram utilizadas para transportar as pessoas enfermas. No entanto, tomando como referência os relatos orais, acreditamos que a mesma estrutura servia tanto para transportar as pessoas doentes como aquelas que viessem a falecer.

**FOTO 6 - Maca para transporte de doentes**



Fonte: Acervo Fundação Rockefeller – Fundo SMNE – Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz.

Percorrendo muitas vezes longas distâncias até o cemitério mais próximo, debaixo de sol forte, passando por dentro d'água, o Sr. Luiz Gonzaga recorda o quanto se tornava difícil transportar os vitimados pela malária.

Eu saí do Canto Grande aqui pra Limoeiro, pra pegar no pau... Nesse tempo, não era caixão, tinha só aquele povo que podia mais. Tinha aquelas rede pra quando morrer um mais pobe, ou que só pra carregar defunto na rede, fazia uma grade de pau, aí, amarrava ela. Eu tive de pegar lá no Canto do Pião, lá no Canto do Pião no pau da rede. Sabe quem foi? Raimundo de Mudinha. Vim trazer pra cá, andar com pé no sapato, passar dentro d'água com o sapato, olhe que o Canto Grande não é grande,

mas é duas léguas pra nós chegar no sol. Se duvidasse, num chegava no cemitério.<sup>153</sup>

A Sra. Clara Reinaldo Maciel, que residia em frente à igreja matriz da cidade de Russas, relembra como a grande incidência de mortes pela doença causava modificações nos rituais fúnebres. Dona Clara presenciou, por várias vezes, a cena dos corpos serem carregados por animais e não mais pelas pessoas, já que *tinha casa que aduiciam todo mundo e num tinha quem socorresse uns aos outros*. Ainda segundo a narradora, *o clamor tomou conta da cidade*.

Houve caso de morrer três pessoas em uma casa. Daí, haver 3 enterros por dia. Não tinham mais condições de ser conduzidas por pessoas. Eram em animais: botavam os corpos assim num... aquilo que bota em animal? Naquele tempo era cambito. Aí, botaram esses corpos em cima. Ou então, botavam a rede num pau e duas pessoas conduzindo. Num tinham nem condições de fazerem caixão, nem de esperarem muito, porque morriam de manhã, de tarde e até de noite havia enterro. Antigamente, quando morria uma pessoa, tocava-se o sino. Nesse tempo, nem o sino tocava mais, porque era um clamor, uma angústia. (...) A igreja, quando no começo, batia o sino, a gente já sabia que: Pronto. Morreu gente! Nesse tempo, esse negócio de recomendação de missa com todos os paramentos, tinha, mas era muito difícil. Porque só tinha ele [referindo-se ao Pe. Vital]. Também porque todo dia passava defunto na igreja. Aí, nem batia mais o sino de tanta gente que morria.<sup>154</sup>

Em abril de 1938, foi publicada uma reportagem no Jornal *O Povo*, em que o correspondente do periódico na cidade de Aracati fazia referência ao elevado número de pessoas que estavam falecendo em decorrência da epidemia de malária que se alastrava por todas as comunidades daquele município - noticiava assim - a chegada de seis mortos, vindos da comunidade de Volta da Mutamba. Estes foram transportados até a igreja aracatiense e seus corpos chegaram, exatamente, no momento em que o padre da cidade

---

<sup>153</sup> Luiz Gonzaga de França, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.

<sup>154</sup> Clara Reinaldo Maciel, entrevista gravada na cidade de Russas em 23/02/2003. Nascida na comunidade de Bento Pereira, zona rural do município de Russas, D. Clara já residia no centro da cidade no período da epidemia de malária estudando e trabalhando no Patronato da cidade. Morando com uma sobrinha que, no seu dizer, *cria desde novinha*, D. Clara permanece solteira sobrevivendo da aposentadoria que recebe.

celebrava a missa das sete horas. Estas pessoas não resistiram aos tremores da febre intermitente.<sup>155</sup>

Não obstante a matéria registrar a chegada do corpo dessas seis pessoas falecidas da malária por ocasião da missa, chamamos atenção, novamente, para a fala da D. Clara quando nos relata que, para além da ausência do badalo do sino, anunciando que mais uma “ovelha do rebanho de Cristo” havia partido para a morada celestial, outro empecilho verificado, na cidade de Russas, referente ao cumprimento dos ritos fúnebres, dizia respeito à dificuldade - resultante da grande demanda de vítimas da malária - para a celebração das missas em homenagem à alma do falecido. Urge ressaltar igualmente a intensa movimentação que havia na igreja em decorrência da passagem do corpo do finado para que sua alma fosse encomendada.

A Sra. Maria Ogarita de Sousa narrou o que, na época, com onze anos de idade, pareceu-lhe uma cena cômica: um homem guiando um jumento que, ao mesmo tempo em que transportava um corpo de um defunto, vitimado pela malária, levava, também, uma carga de melão caetano.

Nós achava graça até do defunto. Um dia passou um, um pau assim, um jumento na frente, outro atrás e uns melão caetano em cima. Isso pra nós foi uma risadaria. Papai:  
- “Deixe de serem doida. Vocês são doida?”.  
Era a rede que carregava o defunto balançando e o melão caetano assim. Era no jumento, porque num tinha quem levasse. Uma pessoa levava, conduzia o jumento na frente. Porque não tinha quem levasse. Porque não tinha gente, o povo todo prostrado. Foi a coisa mais horrível do mundo. Ave Maria que aconteça outra epidemia daquela! Morreu muita gente, muita gente.<sup>156</sup>

Nos períodos de maior incidência da doença, tornou-se rara a presença de parentes e amigos para rezarem pela alma do falecido. A Sra. Maria Delfina de França, com apenas 13 anos de idade, viu-se obrigada a velar, sozinha, uma tia, porque seus pais também estavam doentes da malária e ninguém havia aparecido para fazer sentinela à defunta. No outro dia,

---

<sup>155</sup> *A Malária Continua a Dizimar as Populações do Baixo Jaguaribe – O Governo fornece Víveres e Medicamentos – mas o Combate à Sezão reclama Providências Essenciais.* Jornal “O POVO” – Fortaleza – 28/ abri/ 1938.

<sup>156</sup> *Maria Ogarita de Sousa.* 80 anos, entrevista gravada em 15/03/2006 em Russas.

relembra a narradora, apareceram dois homens que levaram o corpo de sua tia para o cemitério mais próximo.

Com 13 anos, eu passei a noite acordada com uma tia minha que morreu no dia de São Francisco. Ela morreu e não tinha ninguém. Era a lamparina acesa e eu passei a noite: Me deitava, ia lá onde tava mamãe – mamãe tremeu, passou a noite adoecida e papai também. Aí, foi eu que passei a noite com essa defunta. 13 anos, com idade de 13 anos eu passei por isso. Ela [sua tia] morreu de malara... De manhã, foi que apareceu dois home pra levar ela pro cemitério. Levaram ela na rede e enterraram.<sup>157</sup>

A população jaguaribana que vivenciava a epidemia produzia ao mesmo tempo um cotidiano de convivência com a morte múltiplo de experiência e significado. Se para D. Ogarita, ver o corpo de uma pessoa ser transportado por jumentos que também carregavam melões, foi motivo, na época, de “*risadaria*”, para a Sra. Maria Delfina, que velara sozinha uma tia durante a noite, a morte se tornava uma ameaça. Uma vez que seus pais também passaram a noite sob os efeitos dos tremores da peste palustre. A morte, portanto, adentrara pela porta da frente de sua casa e ameaçava fazer novas vítimas - ela poderia levar consigo seus pais, base de sua família. Já para o Sr. José Dantas, a lembrança da morte está associada ao sentimento de solidariedade para com o próximo, uma vez que seu pai o incumbira da missão de ajudar a sepultar os mortos.

Dona Edméia Maia Gondim relembra que, antes da chegada da malária, em Tabuleiro, cidade onde vive atualmente, as pessoas de uma forma geral, ao serem avisadas que falecera uma pessoa conhecida, tratavam logo de se dirigir à casa do finado: *inté se juntava muita gente* para velar o corpo do falecido. Segundo ela, *durante a noite, rezava umas pouca de vez. Aí, ajuntava aqueles pessoal. Todavia, quando foi em 37, que foi o ano da malaria, não tinha ninguém, que era todo mundo doente.*<sup>158</sup>

Ainda segundo a narrativa da D. Edméia, Leôncio Monteiro, uma das poucas pessoas que não foi afetado pelos tremores da malária, *saía procurando*

---

<sup>157</sup> *Maria Delfina de França*, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte. A Sra. Delfina é aposentada, tem nove filhos e reside juntamente com seu esposo, uma filha e o genro na comunidade de Canto Grande distante, 13 Km da cidade de Limoeiro do Norte.

<sup>158</sup> *Edméia Maia Gondim*, entrevista realizada por Gerliane Gondim, na cidade de Tabuleiro do Norte em 27/ago/2004.

*qualquer pessoa pra fazer, um meno, quatro pessoa pra ir carregando [referindo-se ao trajeto da residência do falecido até o cemitério local], porque não tinha vindo. Todo mundo doente.*

Através dos obituários, podemos perceber, ainda, o itinerário percorrido por algumas famílias da região com o intuito de sepultar as vítimas da epidemia. Muitas vezes, tiveram de andar várias léguas para deixarem seus amigos, parentes ou vizinhos na “última morada”. Nos registros de óbitos da cidade de Morada Nova, encontramos referências a pessoas, residentes em Limoeiro, Quixadá, dentre outras cidades ou localidades, que foram sepultar seus falecidos nos cemitérios de Morada Nova.

O Sr. João Batista de Sena, residente no sítio Feiticeiro, na Paróquia de Russas, teve que realizar, por duas vezes, com apenas 17 dias de diferença, o itinerário do sítio onde residia, na cidade de Russas, até o cemitério do Socêgo, em Morada Nova. A distância a ser percorrida não se assemelhava à dor da perda de seus 2 filhos, Messias Sena, com 1 ano e 2 meses de idade, e a Maria de Sena, com 3 anos. Ambos sofreram com os infortúnios dos sintomas da malária em seus corpos e não resistiram à doença.<sup>159</sup>

<b>Messias Sena</b>	
Óbito 14	Aos 12 de junho de 1938, às 9 horas, no sítio "Feiticeiro", Paroquia de Russas, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", o parvulo, Messias Sena, com 1 ano e 2 meses de idade, filho legítimo de João Batista Sena. Foi sepultado no cemitério de Socêgo. E para constar mandei lavrar o presente que assino. O Vigário - Pe. Aluísio F. Lima.
<b>Maria de Sena</b>	
Óbito 15	Aos 29 de junho de 1938, às 15 horas, no sítio "Feiticeiro", Paroquia de Russas, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", a parvula, Maria de Sena, com 3 anos de idade, filha legítima de João Batista Sena. Foi sepultada no cemitério de Socêgo. E para constar mandei lavrar o presente que assino.

<sup>159</sup> Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/04/1938 e encerrado em 15/02/1941. Cemitério do Socêgo, 1938. Óbitos 14 e 15. p. 79. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte. É preciso esclarecer que, nos obituários desse cemitério, durante o ano de 1938, não consta à informação do nome da mãe do falecido, indicando apenas o nome do pai.

Tais percursos percorridos por várias famílias podem ser justificados tanto pelo fato da proximidade das comunidades onde residiam com o cemitério das cidades vizinhas, como também, devemos levar em conta que muitas pessoas sepultavam seus parentes nas localidades em que nasceram e que, portanto, já tinham familiares inumados naquele “campo-santo”.

É importante ressaltar ainda que, em virtude do grande número de mortes em toda a região jaguaribana, muitas vítimas da malária não puderam, sequer, ser sepultadas no cemitério mais próximo, sendo, muitas vezes, enterradas no quintal ou em terrenos próximos às suas casas.

A foto a seguir faz parte do acervo icnográfico da Fundação Rockefeller no fundo Serviço de Malária do Nordeste. Ela foi registrada em 1938 em uma localidade, não identificada, no município de Russas. Trata-se de um cemitério de emergência, criado exclusivamente para sepultar os vitimados pela epidemia.

#### **FOTO 7 - Cemitério de Emergência na Cidade de Russas, 1938**



Fonte: Acervo Fundação Rockefeller – Fundo SMNE – Casa Oswaldo Cruz - Fiocruz

Segundo o Sr. Luiz Gonzaga de França, em São João do Jaguaribe um senhor, último sobrevivente da família, faleceu de malária e, três dias após seu falecimento, sua morte foi “denunciada” pelos urubus que sobrevoavam sua residência e, sem condições de ser levado ao cemitério mais próximo, o corpo da pessoa, já em estágio de putrefação, teve de ser sepultado em um local próximo à sua casa:

Que quando a malara começou... que quando a malara começou aqui, Virge Maria, era uma epidimia. Morreu gente, morreu gente até ali pelo Jaguaribe. Morreu hoje, passar amanhã, depois de amanhã, sem ter... ninguém andava nas casa dos outro não, que era tudo doente. Foram ver a pessoa morta desde ontonte, yma suposição que eu tô fazendo, num prestava mais, num servia mais pra levar pro cemitério pra pusição que é. Foi preciso tirar daí, aí levar e interrar, assim perto de casa. Cavar e interrar <sup>160</sup>

O Historiador Raimundo Girão, em discurso ao Rotary Clube de Fortaleza, tentava sensibilizar a elite rotariana sobre os efeitos que a epidemia de malária estava causando nos lares jaguaribanos. Enfatizava e descrevia as modificações nos rituais de morte, conseqüência do elevado número de vítimas e dos sepultamentos diários.

Atente-se para essa circunstância – os enterramentos verificados nos cemitérios distritais que talvez somem o dobro, nem tão pouco os daqueles, menos venturosos, a quem não foi dado o conforto espiritual sequer de uma oração e, quais brutos, foram encontrados mortos e insepultos à beira dos caminhos, ou se decompueram dentro de suas próprias moradas, derradeiros sobreviventes que eram de uma família cujos elementos haviam desaparecido, um por um, um após outro, numa sucessão macabra de queda dos corpos, roídos pelos hematozoários destruidores. Quadro destes repetem-se muitas vezes e não são produtos da fantasia ou do exagero, antes a expressão duma realidade cruel e dolorosa, que bem mostra ou fotografa o ambiente de côres carregadas de tisno que pês sobre aquele torrão flagelado. <sup>161</sup>

---

<sup>160</sup> Luiz Gonzaga de França, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.

<sup>161</sup> GIRÃO, Raimundo. **Efeitos da malária na vida sócio-econômica do Baixo Jaguaribe**. Editora Fortaleza, 1938. Biblioteca Menezes Pimentel – Seção de Obras Raras. P.5.

Edgar Morin<sup>162</sup>, ao analisar as relações que os homens estabelecem com o fenômeno da morte, alerta-nos para o fato que, desde os tempos remotos, a preocupação com o fenecer do corpo, especificamente, com o local de sua sepultura, servia como referência para distinguir o ser humano de outro animal irracional.

Uma das conseqüências do elevado número de indivíduos falecidos, durante a epidemia, foi justamente a “inadequação” dos locais para sepultarem as vítimas da doença, tamanha era a calamidade reinante em todo o Vale jaguaribano. As pessoas, de um modo geral, não conseguiam dar conta de transportarem os mortos para os cemitérios. Lembro também que, muitos desses “campos santos” não continham mais espaço para suportar a enorme demanda de mortos.

O “Seu” Luiz Gonzaga foi bastante enfático ao chamar atenção para tal efeito afirmando que, muitas vezes, ele e seus companheiros se sacrificavam para não deixar o defunto qual *bicho do mato*, com o corpo abandonado em um lugar qualquer.

Morreu muita gente Dona que, tudo doente, num iam interrar no canto próprio. Enterrava lá mermo nos mato, nas caatingas. Se juntava dois ou três, que num achava outro pra ir com essa pessoa, pra chegar lá, cavar buraco e botar dentro. (...) Ave Maria, foi o tempo mais feio que eu já vivi! Quando chegou a malária, quando começou, dentre dois, três dias, morriam 5 pessoas numa casa. Tinha até de acontecer, num tinha condição não, (...) pra não deixar que nem um bicho do mato, era pegar, levar pro mato e interrar em um canto.<sup>163</sup>

Essa preocupação em dar dignidade ao corpo do falecido, concedendo-lhe pelo menos uma sepultura, também foi alvo das atenções de Jean Delumeau, ao se referir às interferências causadas pela presença das pestes na Europa nos séculos XIII ao XVIII, o autor nos esclarece que *todos os elementos constitutivos de um rito de passagem devem transcorrer dentro de uma ordem e uma decência*. No entanto,

---

<sup>162</sup> Cf: MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1976.

<sup>163</sup> Luiz Gonzaga de França, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.



Em períodos de peste, como na guerra, o fim dos homens se desenrola, ao contrário, em condições insustentáveis de horror, de anarquia e de abandono dos costumes mais profundamente enraizados no inconsciente coletivo.<sup>164</sup>

A incidência de uma epidemia mexe de tal forma com o inconsciente coletivo e com a sensibilidade das pessoas que, sendo testemunha de inúmeras calamidades vivenciadas durante a malária, o Sr. Luiz Gonzaga, ao tentar encontrar uma resposta “racional” para tamanhos sofrimentos, só conseguia exclamar: *Ave Maria, a malara não é doença de gente não, é doença de bicho!*

À medida que o tempo passava, o número de vítimas da peste palustre também se tornava cada vez mais elevado e, conseqüentemente, dar dignidade ao corpo falecido, através de um funeral adequado, com pelo menos, velório, rezas e acompanhamento do cortejo fúnebre, tornou-se uma tarefa, árdua para os habitantes da região jaguaribana.

A ritualização da morte foi perdendo seu caráter sacro. As liturgias tão marcantes nos rituais fúnebres foram sendo abolidas, as pessoas, de certa forma, passaram a dar prioridade a outras atividades igualmente urgentes e necessárias. Ou seja, buscavam a própria sobrevivência e/ou davam preferência aos indivíduos que ainda estavam lutando para resistir aos infortúnios da malária em seus corpos.

Os efeitos das interferências nos cerimoniais fúnebres são extremamente danosos para o estado psíquico de uma população, pois são vistos como garantia de dignidade e segurança para os envolvidos no funeral – uma maneira de tornar a morte menos dolente. Jean Delumeau nos chama atenção para as conseqüências das modificações desses rituais em tempos de pestes,

Para os vivos, é uma tragédia o abandono dos ritos apaziguadores que em tempo normal acompanham a partida deste mundo. Quando a morte é a esse ponto desmascarada, “indecente”, dessacralizada, a esse ponto coletiva, anônima e repulsiva, uma população inteira corre o risco do desespero ou da loucura, sendo subitamente privada das liturgias seculares que

---

<sup>164</sup> DELUMEAU, Jean. *Op cit.p.123.*

até ali lhe conferiam nas provações dignidade, segurança e identidade.<sup>165</sup>

Os anos marcados pela presença da malária foram períodos de solidão forçada para a grande maioria de seus habitantes que viam as relações humanas tornarem-se conturbadas e os quadros familiares serem totalmente desestruturados.

Nos assentos de óbitos são freqüentes os exemplos de casamentos que foram desfeitos com a morte de um dos cônjuges, em alguns casos, com a morte do próprio casal, deixando filhos órfãos de pai e mãe. Deste modo, as pestes abalam as bases do inconsciente individual e coletivo.

O mês de dezembro de 1939 foi marcado pela dor pungente para os membros da família da Sra. Umbilina Maria da Conceição, 76 anos, e do Sr. João Martins de Sousa, 82 anos, moradores do Sítio Retiro no Município de Morada Nova. Às 19 horas, do dia oito daquele mês natalino, "Seu" João perdeu sua esposa vítima dos tremores intermitentes da malária. O sofrimento daquela família não estava encerrado, dois dias depois do falecimento da Dona Conceição, às 14 horas, o patriarca da família também sucumbiu aos efeitos da febre palustre.<sup>166</sup> Vejamos os registros de óbito do casal.

<b>Umbilina Maria da Conceição</b>	
Óbito 60	Aos 08 de dezembro de 1939, às 19 horas, no sitio Retiro, Paroquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", a adulta, Umbilina Maria da Conceição, com 76 anos de idade, casada que foi com João Martins de Sousa. Foi sepultada no cemitério de Livramento. E para constar mandei lavar o presente que assino. O Vigário – João Lôbo.
<b>João Martins de Sousa</b>	
Óbito 61	Aos 10 de dezembro de 1939, às 14 horas, no sitio Retiro, Paroquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", o adulto, João Martins de Sousa, com 82 anos de idade, viúvo de Umbilina Maria da Conceição. Foi sepultado no

<sup>165</sup> Idem. p. 125.

<sup>166</sup> Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova. Cemitério de Livramento, 1939. Óbito 60 e 61. P. 165-166. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

	cemitério de Livramento. E para constar mandei lavar o presente que assino. O Vigário – João Lôbo.
--	--

Segundo o relato da Sra. Ana Cordeiro de Lima, de 97 anos, gozando de impressionante lucidez, alguns pais afastaram seus filhos do convívio de casa com receio de que os mesmos fossem afetados pela doença. Dona Ana, com voz trêmula e olhos lacrimejados, procurava, em vão, palavras que pudessem descrever a dor de uma mãe ao ser informada que perdera dois filhos vitimados pela febre palustre no fatídico ano de 1938.

Também com a saúde debilitada por causa da malária, queimando-se em febre, nossa depoente não conseguiu levar adiante a gravidez que já entrava para os cinco meses. Olhando para o horizonte, como se estivesse revivendo a dor que sofrera, confidenciou-me: *Oh mulher, eu tive tanta pena. (...). Do jeito que eu tava, por Deus não ter visto. Era home, era um homizim.*

Dona Ana ainda se recuperava do aborto quando ficou sabendo que a *febre medonha* afastara de seu convívio diário, por um tempo, a filha mais velha, de cinco anos de idade. Ajudada pelo esposo Antônio, *segurando nas paredes*, dona Ana foi ver a filha que estava sentada *num batentizim da cozinha*. Segundo ela, sua filha Adeli olhou e fez um olhar *de murchar*. Tentando entender a atitude da filha, a mãe Ana questionou: *é porque eu não fiz caso de você há muitos dias?* Nesse momento, nossa depoente não conseguiu mais conter a emoção e, com a voz trêmula, tentava continuar a narrativa de como ficou sabendo que a malária também levava para longe mais um filho:

Quando chegava na hora do almoço... ela me chamava:

- Mãe, mãe..

Era pra mim ir buscar ela. E, eu tava tão doente que eu não vi... eu não vi ela doente. Aí, o finado [fazendo referência a seu esposo Antônio] se avexou. Aí, foi na casa do finado Zé, que era irmão dele, foi lá na casa desse irmão, aí levaram ela. Lá passaram a noite com ela. E, deixa que eu fui miorando... Vá buscar Adeli... E Antonhe dizia que tava na casa do parente. - "Vá buscar Adeli... você quer saber? Eu vou buscar minha fia". Ele disse: - "Vá não, que ninguém faz isso". Aí, quando foi um dia, (...)

- Acho que meu pai vem por aqui.

Aí, ele chegou e eu disse:

- Cadê que Antonhe disse que você trazia, você vinha trazer minha filha, e, você vem e nem trouxe?

Aí, ele só foi disse:

- A Senhora pode? Eu num podia buscar ela no céu!  
Olha, Antonhe encheu o zoio d'água. Pelo amor de Deus, a Maria morreu e vocês não me disseram? Pelo amor de Deus! E, o pai dele disse:  
- Se você tem sabido, a Sr<sup>a</sup> tinha ido tobém.  
Foi um sofrimento muito grande pra gente.<sup>167</sup>

Muitos outros casos ainda poderiam aqui ser narrados. No entanto, iremos apenas expor, com base nos registros de óbitos do município de Morada Nova, dois exemplos, dentre as inúmeras experiências de vidas e de mortes que encontramos nos obituários.

O caso do Sr. Antônio Vieira de Queiroz e de sua esposa a Sra. Idalina Vieira Chaves, que residiam no Sítio Retiro, em Morada Nova, chamou-nos especialmente a atenção. Num intervalo de apenas seis dias, durante o mês de dezembro de 1938, Antônio e Idalina tiveram seus dois filhos gêmeos, Manoel e Maria, com 10 meses de idade, vitimados pela malária.<sup>168</sup>

<b>Manoel</b>	
Óbito 42	Aos 15 de dezembro de 1938, às 6 horas, no sítio "Retiro", Paroquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malaria", o parvulo, Manoel, com 10 meses de idade, filho legítimo de Antônio Vieira de Queiroz e Idalina Vieira Chaves. Foi sepultado no dia 16 no cemitério de Nossa Senhora do Livramento. E para constar mandei lavar o presente que assino. O Vigário - Pe. Aluísio F. Lima.
<b>Maria</b>	
Óbito 44	Aos 21 de dezembro de 1938, no sítio "Retiro", Paroquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malaria", a parvula, Maria, com 10 meses de idade, filha legítima de Antônio Vieira de Queiroz e Idalina Vieira Chaves. Foi sepultada no dia 22 no cemitério de Nossa Senhora do Livramento. E para constar mandei lavar o presente que assino. O Vigário - Pe. Aluísio F. Lima.

<sup>167</sup> Ana Cordeiro de Lima, entrevista gravada em 23/02/2003 na cidade de Russas.

<sup>168</sup> Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova, iniciado em 10/04/1938 e encerrado em 15/02/1941. Cemitério de Nossa Senhora do Livramento, 1938. Óbitos 42 e 44. p. 62-63. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

O dia 19 de setembro de 1938 foi especialmente trágico para a família do Sr. José Silvino Rabelo e a sua esposa a Sra. Ana Maria Lima, residentes na comunidade de Juazeiro de Baixo, zona rural de Morada Nova, pois, nesse mesmo dia, o casal perdeu dois filhos vitimados pela febre palustre: João, com 4 anos de idade, e Maria, com apenas 2 anos. O casal sepultou seus dois irmãos no dia seguinte no cemitério de São Luiz de Gonzaga, em Juazeiro de Baixo. Vejamos os registros de óbitos dos parvulos.<sup>169</sup>

<b>João</b>	
Óbito 19	Aos 19 de setembro de 1938, às 17 horas, no sítio "Joazeiro de Baixo", Paróquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", o parvulo, João, com 4 anos de idade, filho legítimo de José Silvino Rabêlo e de Ana Maria Lima. Foi sepultado no dia 20 no cemitério de S. Luiz de Gonzaga de Juazeiro de Baixo. E para constar mandei lavrar o presente que assino. O Vigário - Pe. Aluísio F. Lima.
<b>Maria</b>	
Óbito 20	Aos 19 de setembro de 1938, às 17 horas, no sítio "Joazeiro de Baixo", Paróquia do Divino Espírito Santo de Morada Nova, Bispado de Limoeiro, faleceu de "malária", a parvula, Maria, com 2 anos de idade, filha legítima de José Silvino Rabêlo e de Ana Maria Lima. Foi sepultada no dia 20 no cemitério de S. Luiz de Gonzaga de Juazeiro de Baixo. E para constar mandei lavrar o presente que assino. O Vigário - Pe. Aluísio F. Lima.

Esses são apenas alguns dos vários casos que estão registrados nos livros de óbitos da cidade de Morada Nova. São, portanto, indícios de experiências de famílias inteiras que, residiam na região do Baixo Jaguaribe, nos anos de incidência do surto malárico, e tiveram seus parentes vitimados pela doença.

<sup>169</sup> Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova. Op.cit. Cemitério de São Luiz de Gonzaga, 1938. Óbitos 19 e 20. P. 51-52. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Como podemos perceber, a epidemia de malária alterou sobremaneira o cotidiano da população jaguaribana, modificando hábitos e ocasionando novas sociabilidades entre os habitantes da região, como sinalizamos através das interferências nos rituais de morte. Várias famílias ficaram enlutadas e sofreram a dor da perda de parentes e amigos. A morte tornou-se uma ameaça constante e visitou praticamente todos os lares jaguaribanos durante os anos de 1937 a 1940.

## **CAPÍTULO III - "Seca da Doença"**

*Inverno! Rasgam-se as nuvens,  
Já se alaga todo o chão....  
Aí, que tempo venturoso  
Nas campinas do meu sertão!  
Cai a chuva no telhado,  
O rio corre no prado,  
Solta alegre e berra o gado,  
Ouvindo o som do trovão!  
(Juvenal Galeno - Lendas e Canções Populares)*

Partindo da fala de uma narradora que se referiu ao período da doença como sendo anos representados pela "seca da doença", buscaremos entender que tipos de experiências estão imbricados por trás dessa classificação.

As imagens que historicamente têm sido produzidas pelos discursos que fazem a associação entre o sertão, seca, doença, dor e morte, foram paradoxalmente reveladas pelos depoentes ao se referirem aos anos de 1937, 1938 e 1939; anos de bons invernos em que a seca da doença plantou a morte e germinou o sofrimento nos lares da maioria da população do Baixo Jaguaribe.

As representações da fartura no campo, tão almejada pelo sertanejo, mesclavam-se, naqueles anos, com as imagens da fome e da morte trazidas, não pela seca, mas pelas experiências vivenciadas durante a febre intermitente.

Precisamos enfatizar que, embora sejam visíveis as modificações na vida das pessoas que residiam tanto nas cidades atingidas, como dos moradores das áreas rurais, optaremos por priorizar, neste capítulo, as interferências no espaço rural, onde se concentrava a maioria da população jaguaribana da época.

Cabe-nos ressaltar ainda que nem tudo era tremedeira, choro e vela durante o surto da febre palustre; para além dos sofrimentos, o convívio com a

doença despertou novos sentimentos, outras sensibilidades e foi responsável pela criação de novas profissões como os guardas da malária, os vendedores ambulantes de remédios, etc.



### 3.1 - Entre o calor da roça e o frio da malária

*Nessa época, o inverno foi bom que fazia gosto! Mas, por causa dessa praga infeliz, nós perdemos o roçado de feijão, perdemos o roçado de mi ... perdemos muita coisa, porque a gente não podia se levantar. Era medonha essa doença. Era medonha a malária! (Sr. Luiz Diógenes)*

*O tremor da malara, minha comadre, é um caso sério. Deixa o sujeito sem ânimo de abrir nem os olhos. Uma coisa horrível, mas vencemos! (Sr. José Dantas Pinheiro).*

O elevado número de pessoas falecidas, principalmente quando se instalam epidemias, como é o caso do surto de malária, leva ao que poderíamos chamar de uma desestruturação dos quadros familiares.

Essa desestruturação familiar acaba por interferir diretamente na rotina de trabalho dos habitantes do Baixo Jaguaribe, uma vez que, como nos lembra James Scott<sup>170</sup>, o trabalho do camponês está intrinsecamente ligado a unidade familiar.

Pai, mãe e filhos, todos os integrantes da família deveriam cumprir suas obrigações ajudando assim, cada um à sua maneira, com os afazeres exigidos no trabalho da roça. Olivenor Chaves nos descreve com propriedade o cotidiano do trabalho do camponês jaguaribano, durante a lida no roçado.

O processo pelo qual realizam o plantio é bastante simples. Em primeiro lugar, um camponês tendo por instrumento de trabalho uma enxada, vai cavando as covas. Acompanhando-o, quase sempre segue a mulher e os filhos que vão lançando as sementes dentro das covas e cobrindo-as com a terra que é empurrada com um dos pés. Planta-se freqüentemente o feijão, o milho, a melancia, o jerimum, a mandioca, o algodão... Encerrado o plantio, os camponeses ficam até o período da colheita fazendo o que eles chamam a limpa dos roçados. (...) A família constitui-se, pois, em uma unidade de produção fundamental, tendo em vista que as próprias necessidades impostas pelo viver no sertão reforçam os laços de solidariedade familiar.<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> SCOTT, James C. "Formas cotidianas da resistência camponesa". *Raízes*. Campina Grande: UFCG, v. 21, nº 01, p.10-31, jan/jun 2002.

<sup>171</sup> CHAVES, José Olivenor Souza. *Atravessando os Sertões: memória de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe*. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2002. p.83.

As modificações que a doença ocasionou no ritmo de trabalho dos habitantes do Baixo Jaguaribe foram responsáveis por uma série de prejuízos não apenas para a economia local, mas desencadearam também uma crise na arrecadação de impostos que afetou diretamente a economia do Estado do Ceará. Pois, como ressaltava a reportagem do Jornal O Povo de 1938, a epidemia de malária estava fazendo suas vítimas *numa zona agrícola das mais promissoras para a economia cearense*.<sup>172</sup>

Produzindo uma agricultura de subsistência ou de sequeiro, os camponeses do Baixo Jaguaribe cultivavam, normalmente, alimentos para abastecê-los durante os meses de verão, ou seja, aproximadamente de julho a dezembro.

Quando caíam as primeiras chuvas anunciando a chegada do inverno<sup>173</sup>, o agricultor juntamente com todos os membros de sua família, tratava logo de preparar a terra para, enfim, plantarem milho, feijão, mandioca, melancia, jerimum e outros gêneros alimentícios, objetivando garantir, mesmo que minimamente, o sustento e a alimentação da família até a chegada da próxima estação chuvosa.

Desde já, é preciso termos claro em nossa mente que, como afirma o sociólogo Alf Schwarz, a lógica do agricultor que produzia uma agricultura de sequeiro, como é o caso da maioria dos habitantes que residiam na região jaguaribana aos quais nos referimos, tem por finalidade *não a acumulação, mas a garantia da produção necessária à unidade familiar de produção e consumo*.<sup>174</sup>

Há ainda os que se beneficiavam da criação de rebanhos, alguns em grandes outros em pequenas quantidades, de gado, ovelhas, porcos, galinhas, vendendo os seus derivados. Era comum, mesmo para pequeno camponês, possuir e criar animais de pequeno porte nos quintais de suas casas. Tais criações garantiam-lhes alimentos como o ovo, o leite, a carne e ainda poder-se-ia utilizar também o couro do animal para confeccionar roupas, cadeiras, etc. O trato com os animais ainda exigia de seus proprietários muita dedicação

---

<sup>172</sup> Jornal O Povo, 1938. Reflexões de Ingênuos: a propósito da Malária.

<sup>173</sup> De um modo geral, no Nordeste brasileiro, a estação chuvosa é chamada de inverno e ocorre, normalmente durante os meses de janeiro a maio.

<sup>174</sup> SCHWARZ, Alf. *Lógica do desenvolvimento do Estado e lógica camponesa*. **Tempo Social: revista de Sociologia da USP**. São Paulo: 1 semestre, 1990. [75-114] p.88.

e trabalho, uma vez que era preciso alimentá-los, ordenhar as vacas, colocar água para beber...

Aliada à pecuária e à atividade agrícola, o camponês jaguaribano, da década de 1930, poderia, ainda, conseguir alguma renda para comprar roupas, calçados ou quitar alguma dívida na “bodega”, através do cultivo e venda do algodão considerado, por muitos, como “o *ouro branco do Ceará*”<sup>175</sup>.

Cidades como Limoeiro e Russas se destacavam no cenário econômico do Ceará com a produção da cera de carnaúba, produto bastante valorizado, inclusive no mercado internacional até a década de 1960. A cera de carnaúba servia como matéria-prima e era bastante utilizada principalmente pela indústria de cosméticos.

Raimundo Girão, em seu discurso aos rotarianos da capital cearense ressaltava, em 1938, a importância econômica da região jaguaribana para todo o Estado do Ceará, destacando a riqueza extraída das *carnaubeiras esguias, a árvore prodígio de que nada se perde e donde exsuda, tranqüila, a riqueza loira da cera maravilhosa que suporta com base firme, a economia e a prosperidade de grande parte do Nordeste*.<sup>176</sup>

O camponês jaguaribano utilizava essa mata ciliar de diversas formas; transformando através de seus trabalhos, palhas em bolsas, chapéus... enfim fabricavam artesanatos tanto para consumo doméstico como para a revenda. O dinheiro ganhado serviria para a compra de gêneros alimentícios visando, principalmente, o consumo familiar. A madeira extraída da árvore servia para construir suas casas. Até os frutos extraídos dos carnaubais eram alimentos consumidos por toda a família.

Da matéria-prima extraída dos carnaubais poder-se-ia produzir a vela, objeto bastante utilizado para iluminar os lares nas noites dos sertões. Muitas dessas velas serviram também para iluminar os caminhos dos espíritos das pessoas vitimadas pela malária durante as noites de sentinelas, ou foram, ainda, testemunhas das súplicas dos sertanejos aos céus, pedindo a melhora dos seus enfermos.

---

<sup>175</sup> Sobre a importância do algodão para o Estado do Ceará, conferir: SILVA, José Borzacchiello. *O Algodão na organização do espaço*. In: SOUZA, Simone. (coord) **História do Ceará**. Fortaleza. Demócrito Rocha, 1994. p. 81-92.

<sup>176</sup> GIRÃO, Raimundo. **Efeitos da malária na vida sócio-econômica do Baixo Jaguaribe**. Editora Fortaleza, 1938. Biblioteca Menezes Pimentel – Seção de Obras Raras. p.2.

Chamo atenção também para o fato que, os trabalhos nos carnaubais se davam, principalmente, nos meses de verão, portanto, o mesmo agricultor que trabalhava na roça durante a estação chuvosa, encontrava na extração e fabricação da cera de carnaúba, uma fonte para ajudar a renda familiar durante os períodos de estiagens.

Adriana Ribeiro de Lima, em seu estudo sobre a importância da cera de carnaúba para o município de Russas, ressalta que, em época de seca, a carnaúba se tornava uma “solução” para os infortúnios trazidos pelos prejuízos causados na agricultura.

Em período de seca, a carnaúba constituía-se, praticamente, na única fonte de trabalho da população rural, uma vez que esta se dedicava ao corte e coleta das palhas, tanto para obtenção da cera, como para utilizá-la como matéria prima na confecção de uma grande variedade de artefatos, como: a madeira para construções e as palhas para o fabrico de chapéus, bolsas, redes, cordas, peneiras, cestas, etc.<sup>177</sup>

O Sr. José Dantas Pinheiro, como legítimo filho de um dos “Senhores dos carnaubais”<sup>178</sup> de Limoeiro do Norte, trouxe em sua fala a lembrança da importância da cera de carnaúba para a economia da região jaguaribana no período da malária. “Seu” Dantas recorda que os afazeres remunerados dos carnaubais garantiam aos trabalhadores a certeza do dinheiro para o pagamento *dos fiados nas bodegas*.

Meu pai não era rico, mas tinha a vida independente. (...) Foi uma época que a riqueza da região era a carnaúba, a cera de carnaúba. Todo proprietário que tinha um pedaço de terra, vamos dizer de vinte a trinta braça de terra de carnaúba, podia passar o verão comprando nas bodega de gente rica, como Raimundinho do Misto e outros. Mas, que, quando cortava os carnaubal, dava três cortes, aí, vendia a cera e pagava tudo aquilo. (...) Muitos viviam de trabalhar nas terra dos carnaubal.<sup>179</sup>

<sup>177</sup> LIMA, Adriana Ribeiro de. **A Luz da Cera Ilumina os Sertões: a cera de carnaúba no Município de Russas (1930-2001)**. Monografia de graduação em História. UECE/FAFIDAM, Limoeiro do Norte, 2003.p. 11-12.

<sup>178</sup> Expressão usada pelo geógrafo Hidelbrando Soares, para definir a elite agrária que se formou com a produção da cera de carnaúba. SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e Reorganização do Espaço: A Rizicultura Irrigada em Limoeiro do Norte – Ce**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Geografia da UFPE. Recife, 1999.

<sup>179</sup> José Dantas Pinheiro, 83 anos, entrevista gravada em 27/05/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.

Todavia, a incidência da malária trouxe consigo várias modificações para o cotidiano do sertanejo jaguaribano que se refletiram diretamente na agricultura e na economia da região, uma vez que a doença minimizava a força física para a execução do trabalho dos camponeses, prejudicando, dessa forma, a produção agrícola, a lida com os animais, a colheita do algodão, assim como o processo de extração e fabricação da cera de carnaúba.

Os municípios, cuja maioria da população sobrevivia essencialmente da agricultura de subsistência estavam constantemente sujeitos a uma crise em sua economia, uma vez que a preocupação do camponês não estava firmada em uma lógica da acumulação, mas sim na garantia da subsistência familiar. Dessa forma, *o agricultor batalha constantemente em uma situação de subdesenvolvimento agrícola que o lançará numa catástrofe, ao menor acidente.*<sup>180</sup>

Esse menor acidente, ao qual se referiu Alf Schwarz, no caso da região do Baixo Jaguaribe, poderia ser sinalizado pela incidência da epidemia de malária nos lares da população jaguaribana. Pois, não obstante a doença incidisse de forma individual, ela também assumia um caráter coletivo, na medida em que atingia, em algumas localidades, 90% de seus habitantes.

Podemos afirmar, assim, que os tremores ocasionados pela febre da malária e o tempo dedicado aos cuidados das pessoas enfermas constituíam um dos principais responsáveis pela queda na produtividade do trabalho do sertanejo jaguaribano, gerando uma crise econômica com conseqüências sentidas, não apenas nas localidades atingidas, mas em todo o Estado do Ceará.

Antes porém de enveredarmos sob tais questões, acredito ser importante fazer uma pequena pausa na narrativa para descrever os sintomas da malária, principal causa apontada pelos narradores para a mudança no ritmo de trabalho; dessa forma, é essencial saber o que sentiram as pessoas diretamente afetadas pelos sintomas da febre palustre.

De acordo com Rita Barata, os principais sintomas da malária são: mal estar acentuado, dores difusas no corpo, perda de apetite, irritabilidade, sono agitado, sensação de cansaço intenso no corpo, seguido de acessos de febres intermitentes ou contínuas. Cada acesso, segundo a autora, *caracterizando-se por uma fase inicial de sensação de frio, náuseas, vertigens,*

---

<sup>180</sup> SCHWARZ, Alf. Op.cit. p. 88.

*cefaléia, calafrios, evoluindo até tremores intensos e generalizados com temperatura crescentes até atingir de 40 a 41° C, mantendo febre alta e calor intenso...*<sup>181</sup>

Em alguns momentos, durante as entrevistas, ao lembrarem dos acessos da febre intermitente, das sensações de náuseas, dos suores, dos calafrios, das tremedeiras que davam em seus corpos... os narradores tentavam tornar mensurável o sofrimento trazido pelos sintomas da doença através dos gestos. Ao buscarem, através de suas lembranças, rememorarem os agouros da malária, alguns confidenciavam parecer estar sentindo novamente *o frio que dava na espinha*.

Ao se referir aos acessos da malária, D. Ana Felícia de Araújo deixava transparecer toda a poesia presente em suas construções narrativas: é o frio no corpo e o fogo nos olhos.

A febre era medonha, você tava coberto aqui, parecia que num tinha pano. Parecia que tava saindo fogo nos olhos e o frio. Era interessante, viu. Cê tava aqui com o frio medonho e nos zói saía faíca de fogo.<sup>182</sup>

O temor da febre palustre trouxe uma nova dinâmica para o cotidiano dos habitantes jaguaribanos. Dona Clara Reinaldo Maciel recorda que a malária *dava um medo, um pavor*. A nossa narradora lembra que, na época da epidemia, até o amanhecer tinha um significado diferente. Assim que o sol despertava anunciando a chegada de mais um dia, a primeira coisa que Dona Clara pensava era: *Será meu Deus que hoje eu vou tremer? Porque é tão ruim que a gente só faltava morrer (...) num tinha nada que passasse aquele tremor, nem a febre.*<sup>183</sup>

Jacques Revel e Jean Pierre Peter nos chamam a atenção para o fato de que a doença é logo associada a uma experiência do limite, um limite que se caracteriza não apenas na identidade, já que o enfermo questiona suas ações, buscando uma justificativa para tamanha provação, mas deixa

---

<sup>181</sup> BARATA, Rita Barradas. **Malária e seu Controle**. São Paulo. Editora HUCITEC, 1998.

<sup>182</sup> Ana Felícia de Araújo Chaves, 77 anos. Entrevista gravada na Comunidade de Jardim São José em Russas em 07/06/2002. A poética marcante na narrativa da Dona Ana Felícia serviu-me de inspiração quando escolhi o título da minha monografia de graduação: **O Frio no Corpo e o Fogo nos Olhos: a epidemia de malária no Baixo Jaguaribe (1937-1939)**. Monografia de Graduação em História, FAFIDAM/UECE, Limoeiro do Norte, 2003.

<sup>183</sup> Clara Reinaldo Maciel, 79 anos, entrevista gravada em 23/02/2003 na cidade de Russas.

transparecer também o limite da linguagem que *não revela outra coisa senão a impossibilidade de dizer*.<sup>184</sup>

Para a grande maioria dos depoentes entrevistados, o sofrimento vivenciado durante os tremores da malária era uma experiência tão angustiante e ao mesmo tempo tão dolente, que os mesmos só conseguiam descrevê-los comparando diretamente a sensação e ao sentimento da morte. Era como se a doença pudesse se antecipar e assentasse a impressão da morte no vivo.

O Sr. José Dantas Pinheiro tentava, durante sua entrevista, nos descrever a impressão que sentia quando o frio na espinha anunciava a chegada de mais um acesso de tremeadeira. Para o “Seu” Dantas, a sensação experimentada logo após uma crise da doença está diretamente associada à impressão da chegada do limite de suas forças físicas, do esgotamento biológico. A malária deferia contra seu corpo a percepção da morte, seu organismo parecia ter sucumbido diante dos tremores da febre intermitente, embora tivesse a consciência de que ainda estava vivo.

Ah, minha Santa! Eu ainda tremi seis vezes. Olhe, você sacode todim, em tempo dos ossos sair das juntas. Um tremor tão forte de um jeito que deixa a gente, quando termina, assim, de estado de coma. Morto de olhos fechados (...) um frio tremendo! Dá isso.<sup>185</sup>

Em seu discurso, Raimundo Girão afirmava em 1938 que, o homem trabalhador da roça fora reduzido a um corpo que treme, uma vez que o mesmo não conseguia mais dar conta da demanda de trabalho que o aguardava durante todo o dia.

O homem, que ontem vibrava de energia e esforços no trabalho vitimado da apascentação dos rebanhos e do cultivo da argila negra dos aluviais, já agora é apenas um corpo que treme e se sacode, numa vibração estúpida, aos insultos incontidos do mal que o invadiu.

O seu organismo, na aparência “desengonçado e torto”, não se aquece mais ao calor da soalheira cotidiana, senão ao abrasamento da febre que o aniquila. O sertanejo reduz-se a um doente, a um inútil.<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> REVEL, Jacques e PETER, Jean Pierre. “O Corpo: o homem doente e sua História”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1995. p.144.

<sup>185</sup> José Dantas Pinheiro, 83 anos, entrevista gravada em 27/05/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.

<sup>186</sup> Girão, Raimundo. Op. Cit. p. 2.

A fala do Raimundo Girão segue uma lógica discursiva bastante discutida e divulgada em todo Brasil durante a primeira metade do século XX, na qual o conceito de saúde, para a maioria dos profissionais interessados nessa área; médicos, sanitaristas, intelectuais, está diretamente relacionado à capacidade do homem de executar suas tarefas diárias. Dessa forma, a lógica empregada era: o homem sadio é aquele que tem capacidade física de trabalhar, ou seja, mão-de-obra economicamente produtiva. O historiador Fernando Dumas Santos nos adverte para tal fato. Segundo ele,

Numa sociedade que tem seu dia-a-dia fortemente imbricado ao mundo do trabalho, é fácil ajuizar que esta noção esteja diretamente relacionada ao corpo e à capacidade de trabalho dos indivíduos: assim, estar com saúde é estar bem disposto para trabalhar. Em oposição, a doença faz com que a pessoa interrompa suas atividades rotineiras, e a sua gravidade é, geralmente, avaliada a partir do tempo de permanência dos sintomas e de algum comportamento “fora do normal” do doente.<sup>187</sup>

De acordo com a professora Leila Sollberger Jeolás do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, a manifestação das doenças vai de encontro a um dos principais valores da cultura ocidental contemporânea – a saúde, causando dessa forma *indignação, sofrimento e humilhação, pois o doente torna-se um ser socialmente desvalorizado*.<sup>188</sup> O enfermo era envolvido, dessa forma, por um discurso que o transformava em obstáculo não apenas para seus familiares, que precisam dedicar tempo e cuidado para com o mesmo, mas transforma-se também em um problema para a sociedade como um todo, na medida em que se tornava um ser improdutivo.

Frederico de Castro Neves nos chama atenção, em seu livro *Imagens do Nordeste. A construção da memória regional*, para o fato que, não obstante o trabalho esteja revertido de um caráter moralizante, o mesmo assume também um papel regenerador. Ainda de acordo com o autor,

---

<sup>187</sup> SANTOS, Fernando Sergio Dumas. *Trocas Culturais e saúde no médio Rio Negro*. In: **História Oral**, jul-dez. 2005 Vol.8, nº 2, [35-60] p. 47. Do mesmo autor indico a leitura de sua tese de doutorado, intitulada: ***Os caboclos das águas pretas: saúde, ambiente e trabalho no século XX***. Campinas, UNICAMP (Tese de Doutorado em História Social), 2003.

<sup>188</sup> JEOLÁS, Leila Sollebeger. *AIDS e Cultura: o HIV não é apenas um vírus sem más intenções*. In: **Boletim**. CLCH 24, Londrina, 1993/1. [61-71] p. 61-62.



Homens desacostumados ao rigor da labuta, ou que simplesmente se negam a trabalhar, são imediatamente enquadrados como párias, colocados à margem da sociedade oficial, transformando-se em objeto da filantropia ou da caridade e, portanto, em um peso ou carga para a parte ativa da sociedade do trabalho. Trabalhando, o homem se afasta dos vícios, das doenças e quiçá da miséria.<sup>189</sup>

As pessoas afetadas pelos sintomas da malária ficavam impossibilitadas de exercerem suas ações rotineiras. O dia-a-dia do trabalho no campo sofreu modificações drásticas em decorrência, principalmente, da invasão do *gambiae* nos lares jaguaribanos. Até atividades freqüentes do cotidiano da população rural como abastecer os potes de casa com água para beber, cozinhar, tomar banho ou para realizar outros afazeres domésticos, tornaram-se uma tarefa muito árdua para a grande maioria dos habitantes do Vale Jaguaribe.

D. Francisca recorda que todos os moradores próximos à sua casa adoeceram da malária e não havia ninguém que pudesse buscar água nos córregos, rios ou lagoas mais próximas. O pai da nossa narradora e uma tia, únicos que, naquele momento, haviam escapados do beijo do *gambiae*, em um ato de solidariedade, se dispuseram a ajudar os vizinhos enfermos.

Muita gente adoeceu, muita gente mermo. Ah, todo mundo ficou que num budesse botar água. Papai e uma irmã dele foi quem resistiu, custou mais a adoecer, foi quem butava água nas casa pra todo mundo por ali nas vizinhanças.<sup>190</sup>

A incidência da malária ou de qualquer outro surto epidêmico desperta múltiplos sentimentos nas pessoas que vivenciam essas calamidades; vai desde o desejo de fuga ou do isolamento na busca exacerbada pela própria sobrevivência e/ou de seus familiares, até a decisão de permanecer em seus locais de origem e ajudar o seu semelhante a enfrentar a doença.

A lembrança que a Sr<sup>a</sup> Ogarita de Sousa guarda da epidemia de malária é marcada pelas imagens dos atos beneméritos de seu pai e sua mãe diante das calamidades ocasionadas pela incidência da malária nos lares russanos. O pai dela era um marchante da cidade de Russas que, tocado pelo

---

<sup>189</sup> NEVES, Frederico de Castro. **Imagens do Nordeste. A construção da memória regional.** Fortaleza: SECULT, 1994. p.59.

<sup>190</sup> Francisca Cordeiro de Oliveira, 87 anos, entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 25/05/2002.

sofrimento dos indivíduos impaludados, decidiu doar comida para as pessoas que estavam doentes e que, infelizmente, não tinham condições de preparar o próprio alimento. De acordo com nossa narradora, todo dia seu pai fazia doação de um prato de comida para os enfermos. Ela e suas primas ajudavam na distribuição da comida. Segundo Dona Ogarita, *isso pra nós era uma folia, fazer prato de comida pra ajudar o povo.*

Tinha casa, que num tinha uma pessoa que se levantasse pra dar água o outro, tudo prostrado. Foi muito horrível. Morreu muita gente naquela época. A gente era menina, eu sou de vinte e seis, de vinte e seis, eu tinha doze anos. (...) meu pai era marchante, aí o quê que ele fazia; ele num mandava um pedaço de carne, ele mandava assim uma lombada de carne, pra minha mãe ficar na cozinha, fazendo comida, pra dá o povo. O povo tudinho, que num tinha sustância de trabalhar, nem de fazer nada, né? Dava dez hora, isso pra nós, era eu e três prima minha que morava em casa, Cecília, Delaide e Maria, isso pra nós era uma folia, fazer prato de comida pra ajudar o povo. Ah! Vinha tudinho, que era casa de marchante, ficava aqui tudinho aquelas pessoas... Papai fazia fila pra receber o pratinho de comida, porque em casa nem eles tinha, porque num podia trabalhar. E nem tinham substância pra fazer, já vinha se arrastando. De trinta e oito a quarenta foi muito inverno, mas o povo num podia fazer nada.<sup>191</sup>

Movidos pelo receio de um levante das pessoas enfermas, como se ouvira notícias há cinco ou seis anos durante a seca de 1932<sup>192</sup>, bem como pela compaixão, pelo respeito mútuo ou pelo próprio reconhecimento que a mazela também poderia atingi-los, o sofrimento do outro era como um espelho do que poderia vir a acontecer com qualquer um. O fato é que a lembrança da solidariedade marcou muito as falas dos entrevistados. Para Mirian Brito Falci, *a doença pelo seu imediatismo, por sua natureza inesperada compele esforços maiores de solidariedade, atenção e troca social.*<sup>193</sup>

Ao prefaciar o livro *As pestes do século XX: Tuberculose e Aids no Brasil, uma História comparada*, Ângela de Castro Gomes alerta-nos

<sup>191</sup> Maria Ogarita de Sousa. 80 anos, entrevista gravada em 15/03/2006 em Russas.

<sup>192</sup> Cf: NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. Sobre o cotidiano dos flagelados pela seca de 1932 e seus percursos até a chegada na capital cearense, bem como as medidas adotadas pelas autoridades políticas do Estado diante da multidão de imigrantes que, fugindo das calamidades em suas terras, buscavam auxílio e refúgio na cidade de Fortaleza. Conferir o trabalho dissertativo da Profa. Kênia Rios: RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932.** Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1998.

<sup>193</sup> FALCI, Miriam Brito. *Doença e Religiosidade.* In: LIMA, Lana Lage da Gama et. Alli. **História & Religião.** Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002. [133-144]. p. 143.

justamente para a questão da solidariedade afirmando que as pestes, tanto quanto sua capacidade de destruição, desencadeiam também um conjunto de ações beneméritas, ao solicitar dos homens o que eles têm de melhor.

As pestes, como já se observou, têm imenso poder de mobilização, o que é, aliás, compatível com seu poder de destruição. Por isso, são capazes de produzir inovações, desencadeando inusitados mecanismos de solidariedade, além de linguagens e símbolos comunicativos, despertando e solicitando dos homens o que eles têm de melhor.<sup>194</sup>

O mosquito transmissor da malária adentrara em muitos lares, atingindo famílias inteiras. Podemos tomar como referência a família da Dona Francisca Cordeiro de Oliveira composta, na época, por 11 pessoas. Ela, o pai, a mãe e os irmãos foram vítimas do beijo mortífero do *gambiae*.

Eu tive a malara, papai e mamãe também. Papai e mamãe tiveram muito doente. Ao final, foi nós todos lá de casa: nove irmão, papai e mamãe, onze. Todo mundo sofreu muito a malara, mas, graças a Deus, todo mundo contou a história.<sup>195</sup>

Ainda segundo Dona Francisca, sua família, antes da chegada da malária, já havia conseguido trabalhar na roça plantando toda a safra para abastecê-los durante o verão seguinte. No entanto, quando a febre intermitente adentrou em seu lar, foi graças à ajuda solidária de um tio, que não tiveram tanto prejuízo. O irmão de sua mãe, mesmo morando distante, no outro lado do riacho, solidário com o sofrimento daquela família, veio colher o restante do feijão e do milho que estavam se perdendo na roça do quintal de sua casa.

Ninguém num trabaíava não. Num podia. Nós já tinha a safra feita, segura, feijão e milho. Agora tinha um ti, que morava nouto setor lá do riacho, aí vinha. Ele foi quem colheu nosso feijão e milho, que nós já tinha muito. Nós já tinha parte em casa, disbuiado feijão e tudo. Aí, o resto ele colheu. Ora, se não fosse a ajuda dele, nós tinha perdido muita coisa.

---

<sup>194</sup> GOMES, Ângela de Castro. Prefácio. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo. **As Pestes do Século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma História comparada**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2005. p. 16.

<sup>195</sup> *Francisca Cordeiro de Oliveira*, 87 anos, entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 25/05/2002.

Logo após melhorarem dos sintomas da malária, o pai de Dona Francisca levou toda a família, 11 pessoas, para trabalhar na roça novamente. Dessa vez, era chegado o tempo da cotonicultura, precisavam apanhar o algodão que haviam plantado e já desfiava nos algodoeiros, anunciando o período da colheita.

A gente via nosso cercado encaroçaduzim de melancia. Quando nós mioremo, começemo a ir pro cercado apanhar algodão. Os algodão chega desfiavam, alvinho que era uma beleza! (...) Quando nós mioremos, que começamos a andar, nós ia pro algodão, apanhar algodão. Os algodão tudo disfiado. Mais nós ia, batia por cima das melancia. Nós comia que fartava. E graças a Deus, num fez mal não. Aí, já era no fim do inverno. (...) Nós já tinha colhido uma parte do feijão e do milho e ainda tinha feijão e milho todo virado. E aí, esse cunhado dele quem acabou de colher. Mais foi um ano de muita fartura.

Na residência da família da Sra. Maria de Lourdes Pereira, somente ela e seu pai, de uma família composta por seis pessoas, não ficaram totalmente acamados em virtude dos tremores da malária. Segundo ela, seu pai *teve mais foi pouca*. D. Pretinha então, com apenas dez anos de idade, se viu obrigada a acumular várias tarefas em sua casa. Nossa narradora além de assumir as tarefas e afazeres domésticos, precisava cuidar dos irmãos e da mãe que estavam enfermos, e ainda ajudar também seu pai na lida da roça.

Não obstante Dona Maria de Lurdes tenha tentado ajudar o pai a colher a safra do feijão, o mesmo não conseguiu dar conta de toda demanda de trabalho da colheita e perdeu boa parte da safra que havia cultivado naquele ano. As plantas, de um modo geral, ficaram apodrecendo no cercado, à espera que alguém as colhesse.

Papai teve a malara, mas foi fraco e eu num tive nadinha, graças a Deus! Papai trabaiva porque a dele foi bem fraquinha, num atrapalhou ele a fazer serviço nenhum. Era eu e papai, mas o resto era tudo na rede deitado – tudo com frio. E era aquele fuxico: fazer chá de uma coisa, um chá de erva cidreira, um chá de folha de laranja e dava a tudim. Era desse jeito: eu era a dona da casa que tomava conta de tudo. Foi um ano de grande fartura. Eu, quando ia pras banda do roçado pra apanhar feijão, eu quebrava era melancia lá e comia (...) Papai disse: “foi a felicidade! Maria num teve malara e tomou de conta dos irmão e da mãe, graças a Deus!” Quando era pra apanhar feijão, eu ia pro roçado, eu e papai, tinha vez que papai dizia: “ Não Maria,

você fique aí com sua mãe e seus irmão que eu vou só”. Papai apanhava um saco de feijão e voltava para casa.<sup>196</sup>

Em matéria publicada no jornal *O Povo* do dia 30 de julho de 1937, o prefeito do Município de União exortava as autoridades políticas do Estado do Ceará para a realidade da epidemia de malária na região jaguaribana, alertando principalmente para os prejuízos econômicos ocasionados pela incidência da doença.

(...) O atual surto de impaludismo, naquela zona, é muito mais grave do que se pensa. Rara é a casa de União, fora da cidade, onde não há um ou mais doentes. E na própria sede do município já se registram vários casos. O comércio e a lavoura vêm sentindo, por sua vez, as conseqüências do mal, pois grande parte da população está impossibilitada de exercer suas atividades normais.<sup>197</sup>

O comerciante russano José Fagundes Maia descrevia, durante a entrevista concedida ao jornal *O Povo* em abril de 1938, as calamidades presentes em sua cidade. O Sr. José Maia, além de enfatizar a displicência com que os poderes públicos estatais estavam tratando a gravidade da epidemia, destacava a crise que se instalara nos comércios das cidades, já que a maioria de sua clientela, residente na zona rural, fora atingida pela doença e não podia se deslocar até o centro urbano para fazer as compras do mês. De acordo com seu depoimento, nos lares pobres do município russano reinava a *mais impressionante miséria*.

Em Russas que é um município onde tenho casa de comércio, a população está vivendo dias de angústia. Não é possível descrever o que se passa no trecho compreendido entre Aracati e Morada Nova (...).

Até, então, as medidas oficiais apesar de tomadas, não eram proporcionais à extensão da epidemia. Os postos existentes estão muito aquém das necessidades coletivas.

Sou leigo em assuntos sanitários, mas o bom senso indica que, contando-se com milhares os doentes e estando em pleno inverno, quando é impossível aos impaludados viajar para os centros

---

<sup>196</sup> *Maria de Lurdes Pereira*. Entrevista realizada na Cidade Alta – Limoeiro do Norte. 25/05/2002.

<sup>197</sup> Jornal *O Povo*, 30 de julho de 1937. p.4.

urbanos, só por meio de visitas domiciliares poderá ser eficientemente atacado o mal.

Ao lado da doença, e como conseqüência desta – prosseguiu o nosso entrevistado – reina nos lares pobres, a mais impressionante miséria. Lares de 10, doze e mais pessoas, todas impaludadas, sem ter quem lhes preparasse um alimento, existe as dezenas.<sup>198</sup>

Os sertões do Baixo Jaguaribe, considerados umas das áreas mais ricas e promissoras para a economia cearense, tornavam-se, após a incidência da epidemia, em um espaço marcado pela doença. Um local que deveria ser evitado por todos.

Antes, porém de enveredarmos sob tal questão, consideramos importante frisar que, quando nos referimos à noção de espaço para a região jaguaribana, tomamos como referência a concepção de Michel de Certeau ao afirmar que os espaços são construídos a partir das relações sócio-culturais que estabelecemos neles. Dessa forma, pensamos os espaços como sendo lugares praticados.<sup>199</sup>

O jornal *O Povo* do dia 26 de abril de 1938, trazia estampado em uma de suas reportagens a notícia de que um grupo de estudantes da Escola de Agronomia, após uma visita à região jaguaribana, regressara de lá doente, corrompidos pelos tremores da febre palustre. A notícia da contaminação dos estudantes corroborava a representação de que a região jaguaribana se tornara um espaço dolente, caracterizado principalmente pela manifestação do mal intermitente, um lugar perigoso.

Soubemos pela manhã de hoje que uma turma da Escola de Agronomia que viajava com destino ao Baixo Jaguaribe dali regressou com vários estudantes atacados pelo impaludismo.<sup>200</sup>

Na mesma reportagem o periódico ainda noticiava que, em decorrência do alto índice de contaminação da doença, a empresa Sul-America resolvera suspender suas operações em todas as cidades jaguaribanas em

---

<sup>198</sup> O Impaludismo no Baixo Jaguaribe: as medidas foram deficientes para completa Erradicação do Mal... o Ex-prefeito de União é um Homem de Boa Fé e não injeta Segundas Intenções em seu justo clamor. Jornal "O POVO" – Fortaleza - 20 de abril de 1938.

<sup>199</sup> CERTEAU, Michael de. *Relatos de Espaço*. In: **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de Fazer**. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, p. 169-191. Conferir também do mesmo livro os capítulos: *Caminhadas pela Cidade p. 169-191 e Naval e Carcerário. P. 193-197*

<sup>200</sup> Jornal "O POVO" – Fortaleza - 26 de abril de 1938.

que atuava. Segundo a reportagem, a empresa *resolveu suspender suas atividades naquela zona, onde não serão realizados novos seguros até que se modifique o estado sanitário local.*

De acordo com Lauro de Oliveira Lima, os hotéis da cidade de Limoeiro quase fecharam suas portas por falta de hóspedes. As cidades atingidas pelo mal intermitente tornaram-se espaços considerados “malditos” que deveriam, portanto, ser evitados por todos. Segundo o autor, os operários que trabalhavam no trecho de construção da Transnordestina (atual BR 116) temiam se dirigir à sede do município limoeirense para receber as sopas que os alimentavam, com receio de serem contaminados pela doença.

Limoeiro ficou uma espécie de “cidade maldita” evitada mesmo pelos viajantes que passavam, na Transnordestina, a sete quilômetros do núcleo urbano. O comércio parou. Muitas cidades emigraram para Fortaleza. O Hotel Lucas quase fechou suas portas por falta de hóspedes. As sopas vindas de Mossoró faziam ligeira parada à porta do Hotel, mas os viajantes não desciam com medo da contaminação.<sup>201</sup>

O Pe. Otavio de Alencar Santiago, após realizar uma visita aos municípios invadidos pelo beijo mortífero de *gambiae*, descrevia no livro de Tombo da Paróquia de Riacho do Sangue, a crise econômica que se instalara na zona jaguaribana que sentia esse reflexo tanto na agricultura, como na indústria e no comércio dos municípios.

Era de fazer cortar o coração ver-se, por exemplo, a cidade de Russas e posteriormente Limoeiro, centros populosos e movimentados, de comércio bastante desenvolvido, com ruas inteiras fechadas ou abandonadas ou porque seus moradores foram vítimas fataes ou porque para escaparem à contínua ameaça procuravam outras terras.<sup>202</sup>

Assim como padre Otávio Santiago, Raimundo Girão também alertava os rotarianos cearenses tanto para a miséria reinante nos lares das pessoas enfermas, como para a crise na economia dos municípios que se instalara em virtude das pessoas estarem debilitadas pelos efeitos da malária e não poderem exercer seus trabalhos diários. Para além dessas questões, o

---

<sup>201</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1997. p. 456- 57.

<sup>202</sup> Livro de Tombo 2 – Paróquia de Jaguaratama. 1937-1956. p.8. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

conferencista alertou também para o processo de emigração que estava ocorrendo em todas as localidades da zona jaguaribana.

A casa é o silêncio, a choupana – a miséria crua, o ser humano – um resto de esperanças. A cera dourada permanece pó nos leques das carnaubeiras e a riqueza branca do algodão continua agarrada aos casulos. Nos pomares, os frutos apodrecem e os milharaes servem de repasto à passarada atrevida e chilreante.

As escolas estão fechando, porque os alunos morreram ou fugiram as fábricas não se movem, as fazendas abandonadas, os operários enfermaram, os vaqueiros se prostaram moribundos ou largaram o gado, entregando o pastoreio ao destino vago, ao léo.<sup>203</sup>

Vários habitantes abandonavam todos os seus bens materiais: casas, objetos pessoais, animais e terras em busca de um espaço que ainda não tivesse sido manchado *pelas nuvens negras do mosquito insano*. De uma forma geral, as pessoas que residiam nas áreas atingidas, tentavam fugir dos efeitos da calamidade. Muitos nem esperavam a doença adentrar em suas residências, trataram logo de buscar um abrigo seguro para seus familiares.

Frederico de Castro Neves nos lembra que, as várias experiências vivenciadas por gerações inteiras, ao longo dos períodos de secas, já credenciam o vaqueiro, o camponês tradicional e todos aqueles que habitavam *no meio hostil da caatinga*, a reconhecer o momento certo de retirar-se para outros ambientes. Sendo assim, as pessoas não precisavam vivenciar os primeiros sofrimentos para, seguindo seus instintos de sobrevivência, decidirem partir.<sup>204</sup>

O historiador Raimundo Girão continuava sua narrativa, aos membros associados do Rotary Clube da capital cearense, afirmando que esses sujeitos abdicavam de tudo que possuíam para fugir ao ataque da doença.

Procuravam fugir aos efeitos da calamidade, abandonando as suas culturas e fazendas em busca de outros municípios ou paragens outras, como os centros ou caatingas, cujos céus ainda não estejam manchados pelas nuvens negras do mosquito insano.<sup>205</sup>

---

<sup>203</sup> GIRÃO, Raimundo. Op.cit. p. 4

<sup>204</sup> NEVES, Frederico de Castro. Op. cit. p. 106.

<sup>205</sup> Idem. P. 5.



Dando seqüência em seu discurso, o conferencista alertava para o fato que esses indivíduos, ao procurarem a sobrevivência, buscavam refúgio primeiramente nas comunidades localizadas nas partes mais altas da região, em vez de emigrarem para a capital cearense. Segundo ele, as partes altas eram *o refúgio daqueles que não puderam emigrar para longe, para outras partes do Estado mais distantes.*

Para além da fraqueza orgânica que impedia os sertanejos de realizar a caminhada por longos percursos, precisamos cogitar também a possibilidade que, apesar das notórias e constantes notícias de mortes e das calamidades reinantes em todo o Vale, essas pessoas ainda guardavam, a esperança de que o surto epidêmico seria passageiro e logo poderiam regressar para seus locais de origem sãos e a salvo.

Na residência da Sra. Francisca Ferreira de Lima, não foi diferente. Segundo nossa narradora, a sogra dela, ao perceber que a febre da malária estava, pouco a pouco, dizimando inúmeras pessoas na região e já fazia suas vítimas na casa de sua nora, tratou logo de levar toda a família para uma casa distanciada da sede do distrito de Palhano, buscando isolá-los e driblar o restante do povo da picada insana do gambiae.

No tempo desse negócio (referindo-se à epidemia de malária), que quando eu adoeci, que era papai, era tudo doente por aqui, a minha sogra, lá onde ela morava ainda tava em paz, veio buscar eu pra companhia dela, do outro lado do rio. Ela veio buscar eu, o marido e a família toda pra lá.<sup>206</sup>

Ao contrário do processo de migrações desencadeado em tempos de secas ou enchentes<sup>207</sup> - quando as pessoas perdiam tudo ou quase tudo que possuíam, pelo fato da estiagem ter destruído, pouco a pouco, as paisagens e as plantações dos agricultores, ou ainda terem sido expulsas de suas casas por causa da invasão das águas - podemos perceber que os sertanejos jaguaribanos, no final da década de 1930, viam-se obrigados a abandonar não apenas seus lares e animais. Deixavam para trás também a fartura nos locais

<sup>206</sup> Francisca Ferreira de Lima, entrevista gravada na cidade de Palhano em 12/04/2003

<sup>207</sup> Sobre os processos de imigrações desencadeadas pela invasão das águas do Rio Jaguaribe nas cidades do Vale, em especial no município de Jaguaruana, conferir a dissertação de mestrado: SILVA, Kamillo Karol Ribeiro. **Nos Caminhos da Memória, nas águas Jaguaribe: memórias das enchentes em Jaguaruana-CE.** Dissertação de Mestrado em História Social. UFC. Fortaleza, 2006.

de plantações. Elas abdicavam de tudo que possuíam em nome da própria sobrevivência e/ou de seus familiares, fugiam principalmente para tentar escapar da ameaça da infestação da peste palustre.

A maioria desses indivíduos, no entanto, conservavam a esperança de que o terrível mal pudesse ser logo exterminado. Tal fato permitiria que eles pudessem retornar, no menor intervalo possível, para suas terras, suas casas, suas lidas diárias.

Os locais escolhidos para refúgio não deveriam ser muito distanciados dos pontos de referência, uma vez que essas pessoas ansiavam regressar, brevemente, para seus lares e finalizarem os serviços que ficaram por serem executados nas casas, nas fazendas, nos pastos, nos carnaubais, nos algodoeiros, na roça, etc., como ocorreu com a família da Dona Francisca, citada anteriormente.

Outra peculiaridade da epidemia de malária ocorrida no Baixo Jaguaribe nos anos de 1937 a 1940, é que esse surto, ao contrário das outras epidemias ocorridas no Ceará no século XIX, ocorreu em anos marcados por bons invernos. Tomemos, como exemplo, o quadro abaixo com os índices de precipitações de chuvas dos municípios de Aracati, União e Morada Nova desde 1915 até o ano de 1940.

Destacamos o fato que, 1915 e 1932 são períodos marcados pela manifestação de secas. Ressalte-se também que, os anos anteriores à chegada da epidemia de malária foram períodos com bons índices pluviométricos, fato como este nos permite pensar que havia um maior acúmulo de água nos córregos, açudes, lagos, riachos, e lagoas da região jaguaribana, ou seja, criadouros ideais para o mosquito transmissor da doença se reproduzir.

<b>Ano/Município</b>	<b>Aracati</b>	<b>União</b>	<b>Morada Nova</b>
1915	112	161	236
1916	657	641	661
1917	1428	1302	1314
1918	1077	843	679
1919	193	165	147
1920	975	918	681
1921	1583	1123	1066
1922	1195	904	1117
1923	778	568	623
1924	1703	996	1630
1925	585	367	840
1926	935	630	704
1927	750	617	620
1928	914	640	594
1929	1239	866	1304
1930	569	332	306
1931	576	531	707
1932	239	175	347
1933	850	778	704
1934	1120	1079	954
1935	1446	1170	1240
1936	371	496	501
1937	1397	738	753
1938	865	770	874
1939	878	604	467
1940	1270	932	1193

Fonte: Relatório do Serviço de Malária do Nordeste – Fundo Fundação Rockefeller – Fiocruz.

O Sr. Francisco Otacílio Ferreira da Silva, residente no distrito de Mapuá no município de Jaguaribe, relembra que, assim como ocorria anteriormente, sua família iniciou o ano pedindo ajuda aos céus para que o Ser Celestial lhes concedesse um bom inverno. Suas preces, realmente, foram atendidas e as chuvas caíram anunciando tempos de prosperidade. Todavia, junto com a água, veio também a invasão da febre intermitente em seu lar. Segundo “Seu” Otacílio, eles *rezava quase todo dia pro mode vim uma chuvinha e, quando veio, veio também essa praga do inferno que fez com que sua família perdesse quase tudo que havia plantado.*

Pra você vê, no ano que eu fiquei doente tinha sido um ano de muita fartura. Nós rezava quase todo dia rezando pro mode vir uma chuvinha e quando veio, veio também essa praga do inferno, que fez a gente perder quase tudo que a gente tinha plantado. Fazia era pena, a gente não agüentava se levantar da rede pro mode a gente ir pra roça apanhar o que nós tinha prantado. Se não fosse minha

mãe, eu acho que num tinha escapado era nenhum vivo lá em casa, porque ela quem dava de comer pra gente. Era ela quem ia buscar água no jumento com duas léguas [o correspondente a 12 Km] lá de casa. Ave Maria, se minha mãe tivesse ficado doente, com tudim do jeito que tava, tinha morrido era tudim. (...) A roça que a gente tinha prantado era: feijão, milho, batata, era tanta coisa eu dava era pena vê se perdendo, sem a gente poder fazer nada. (...) Foi triste demais! Eu me alembro como se fosse hoje. Deus me livre de uma doença daquela de novo.<sup>208</sup>

Segundo Ivone Cordeiro Barbosa, a agricultura de subsistência, por ser uma atividade extremamente dependente dos ciclos da natureza, leva o sertanejo a *ser condenado desde que entra janeiro, a viver com os olhos pregados no céu*.<sup>209</sup> Sendo assim, a chegada da chuva e a concretização de um bom inverno traduziam para o camponês um sentimento de esperança de uma boa colheita e a sensação de alívio, pois sinalizava, conseqüentemente, para uma melhor condição de vida.

Dessa vez, no entanto, como podemos perceber, a presença da água e a concretização dos pedidos e desejos de um bom inverno, se tornavam uma ameaça, um prenúncio da chegada da doença em áreas ainda não infestadas, já que o mosquito transmissor da malária se reproduzia até mesmo em pequenas alocações de água parada.

De acordo com o relatório do Serviço de Malária do Nordeste, o trabalho de erradicação do mosquito transmissor da malária foi extremamente prejudicado pelo fato da região jaguaribana ter sido alvo de boas precipitações de chuvas. Um ano com poucas chuvas, nesse caso, ajudaria bastante a exterminar o vetor da doença.

Embora uma época de seca tivesse auxiliado muito a campanha anti-gambiae, vê-se (...) que os anos de 1939 e 1940 foram justamente anos de boas precipitações de chuva em toda a área infestada, dificultando assim o trabalho de extermínio. A erradicação do gambiae foi conseguida apesar das condições meteorológicas e não favorecida por elas.<sup>210</sup>

---

<sup>208</sup> Francisco Otacílio Ferreira da Silva, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício no distrito de Mapuá, Jaguaribe, em 15/07/2005.

<sup>209</sup> BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: Um Lugar-Incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. p.124.

<sup>210</sup> *Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942)*. Fundação Rockefeller. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213. p. 56.

Antes do discurso dos membros do SMNE, encontramos, em meio à cobertura do Jornal *O Povo* de 1938, uma reportagem no mínimo curiosa. No dia 25 de abril de 1938, o prefeito do município de União, Antônio Rocha Freitas escrevia uma carta a esse jornal cearense, tornando público um desejo um tanto quanto “incomum” para um representante político. De acordo com o prefeito, diante do descaso das autoridades do Serviço de Saúde do Estado para com as mazelas presentes nos lares jaguaribanos, a única solução, para minorar o sofrimento da população, seria a chegada de dois anos de seca, só assim os focos da malária poderiam ser exterminados.

A verdade é essa nua e crua: deixaram as autoridades sanitárias pela sua negligência que o terrível mal de Laveran se tornasse endêmico nessa zona até então salubre do Baixo Jaguaribe. Já hoje, desgraçadamente, irremediável é a nossa situação. Só talvez um ou dois anos continuados de sêca, destruindo os focos palustres poderão erradicar o flagelo, saneando o Vale. E assim ficamos aqui, nestas várzeas, a pagar um novo tributo de dor, de sofrimento e de miséria.<sup>211</sup>

A cada precipitação aumentava o perigo do acúmulo de água. A presença da chuva, portanto, tornava-se, segundo o discurso das autoridades políticas, uma ameaça ou um prenúncio de que o mosquito transmissor da malária continuaria se reproduzindo e se expandindo por locais onde a doença ainda não havia se manifestado, fazendo novas vítimas. A água, considerada um símbolo da vida, da riqueza, da cura e da prosperidade,<sup>212</sup> representava, naqueles anos de proliferação da malária, um perigo, uma ameaça à vida dos habitantes dos sertões do Baixo Jaguaribe.

Os membros do Serviço de Malária do Nordeste, desde 1939, procuravam focos do *Anopheles gambiae* em todos os lugares em que houvesse águas empoçadas como é o caso da foto a seguir, tirada em uma plantação de milho no município de Russas naquela época. Até as pegadas dos animais eram objetos do olhar atento do Serviço de combate ao *gambiae*.

---

<sup>211</sup> O Impaludismo em União – Rebatendo Acusações e Expondo Fatos. Jornal “O POVO” – Fortaleza - 03 de maio de 1938.

<sup>212</sup> Sobre as várias significações da água, conferir o trabalho: ELIADE, Mircea. *As águas e o simbolismo aquático*. In: **Tratado da História das Religiões**. Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo. Martins Fontes, 1998. p.153-174.

Todas as plantações da região foram vistoriadas para evitar que o mosquito pudesse depositar em qualquer alocação rasa de água, os seus óvulos.

**FOTO 8: Membros do SMNE em plantação de milho em Russas.**



Fonte: Acervo da Fundação Rockefeller -Fundo SMNE - Casa Oswaldo Cruz -Fiocruz.

Através das falas das pessoas mais velhas que vivenciaram a doença nos anos de 1937 a 1940, podemos perceber que suas lembranças apontam para uma miscelânea de dois tipos principais de imagens criadas a partir de suas experiências no trato da malária: a fartura no campo e a impossibilidade de usufruírem tamanha sorte.

Algumas pessoas, mesmo doentes, tentavam trabalhar e colher o sustento de suas famílias, mas, infelizmente, muitos não conseguiam obter êxito em suas jornadas. Dona Maria Delfina de França recorda que a malária se intensificou principalmente nos meses de inverno. De acordo com sua fala, a doença aconteceu *no inverno. O feijão se perdia na roça. Teve gente que morreu enriba da ruma de feijão.*<sup>213</sup>

---

<sup>213</sup> *Maria Delfina de França* entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.

A narrativa da Sra. Maria Delfina nos remete a um tipo de imagem contrária a muitos discursos oficiais que fazem do sertão um lugar da fome, da imigração, da morte, espaço marcado pelo sofrimento, cuja principal responsável por essas calamidades sociais é a presença da seca.<sup>214</sup> D. Delfina nos convida, no entanto, a imaginar outros tipos de experiências vivenciadas nesse espaço durante os anos de 1937 a 1940: um sertão com chuva, inverno, fartura no campo, mas também lembrado pela dor e pela morte ocasionadas pela invasão da peste da malária em suas vidas.

Não foi a falta de chuva, portanto a causa apontada para os males da população jaguaribana, ao contrário, a fartura nos foi descrita em várias narrativas. No entanto, o trabalho e as colheitas ficaram prejudicados em decorrência dos acessos da doença.

A Sra. Francisca Ferreira de Lima, ao mesmo tempo em que nos concedia a entrevista, tecia também uma trança, confeccionada com palhas extraídas da carnaúba. Tive a impressão que, à medida que traçava os pontos e avançava em seu trabalho, tecia também sua “volta ao passado” e nos contava as histórias do tempo da malária. Foi sem nenhuma hesitação que nossa narradora classificou os anos da epidemia como sendo um período de “seca da doença”, já que o trabalho na roça e a colheita da safra foram comprometidos em decorrência da doença ter atingido grande parte dos membros das famílias jaguaribanas. Dessa forma, não havia quem exercesse o trabalho no campo.

Nesse tempo, não havia quase esse negócio de pranta, não. Foi assim, uma seca da doença pro pessoal. Os home, que era de trabalho, era doente, aqueles que não era trabalho, num tinham coragem de fazer o trabalho daquele doente e a coisa muito pouca, foi muito pouca a renda que deu pro prantador. Pra quem prantou, dizem que houve fartura, mas nós não fizemos nada. O meu sogro ainda fez uma prantagem lá do outro lado do rio, mas não podia ir com três filhos doente e a nora, só vivia no caminho da Taiçaba.<sup>215</sup>

A seca, para a maioria dos sertanejos, como bem observou Dona Francisca, não pode ser encarada, simplesmente, como um fenômeno natural

---

<sup>214</sup> Sobre os discursos oficiais das elites criados a partir da imagem e representação da seca, conferir: NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Op.cit.

<sup>215</sup> *Francisca Ferreira de Lima*, entrevista gravada na cidade de Palhano em 12/04/2003.

marcado pela ausência de chuvas, mas, como um fato histórico e social repleto de significações. Portanto, ao falar em “seca da doença”, Dona Chiquinha quer imputar à malária os sofrimentos experimentados pela população jaguaribana durante os anos de 1937 a 1940.

Dessa forma, para o camponês, a seca não significa apenas o rompimento do ciclo de renovação da natureza, mas tudo que venha drasticamente alterar a rotina de suas vidas. Compartilhamos, pois, com o pensamento de Olivenor Chaves quando se refere à seca como sendo um *acontecimento vário e múltiplo que nasce da própria vivência camponesa*.<sup>216</sup> O autor, partindo das narrativas das pessoas mais velhas da região jaguaribana durante os períodos de estiagem, ainda ressalta que:

Segundo a visão tradicional do fenômeno, a seca, por ser esse elemento de trauma para a natureza e para o próprio homem, causa inúmeras transformações não só na natureza, mas no próprio cotidiano do homem camponês, uma vez que o tempo da seca marca também o tempo do não trabalho.<sup>217</sup>

Não obstante, como podemos perceber nas narrativas, os anos de incidência da malária tenham sido lembrados também como sendo de bons invernos, os camponeses, de um modo geral, não tiveram a felicidade de usufruir a fartura do campo, pelo contrário, muitas plantas ficaram por ser colhidas nos roçados, uma vez que a doença, ao atingir, quase todos os membros de uma mesma família, acabava por prejudicar o trabalho de colheita da safra do ano.

Em um período de invernos regulares, a presença da malária acabou por prejudicar o trabalho agrícola na região. O agricultor, que antes tinha seu tempo marcado pelo calendário agrícola – pelo tempo de plantar, de limpar a roça e de colher -, passou a ficar submetido aos acessos da doença, alterando, assim, seu ritmo de trabalho.

---

<sup>216</sup> CHAVES, José Olivenor Souza. **Atravessando os Sertões: memória de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe**. Op.cit. p. 189. Para além da pesquisa do Prof. Olivenor Chaves ressaltamos também os trabalhos do Prof. Durval Muniz de Albuquerque Jr., pois nos fornecem importantes contribuições para analisar as formas como foram elaborados os discursos em torno do Nordeste e do sertão brasileiro. Cf: ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. Conferir também: **Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 a 1922)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP. Campinas-SP, 1988

<sup>217</sup> CHAVES, José Olivenor Souza. Idem. p. 212.



Precisamos ter claro em nossa mente que, a lógica do tempo para o sertanejo está diretamente relacionada às tarefas que o mesmo tem de cumprir ao longo do dia. Victor Leonard ao se referir ao tempo no sertão chega a afirmar que ali *o ritmo de vida é mais lento*.<sup>218</sup> Thompson nos fala com maestria que os pequenos agricultores não seguem os horários determinados pelos marcadores dos relógios, eles trabalham do amanhecer até o crepúsculo do dia seguindo uma *lógica da necessidade*.

Numa comunidade de pequenos agricultores e pescadores, cuja estrutura de mercado e administração é mínima, e na qual as tarefas diárias (que podem variar da pesca ao plantio, construção de casas, remendo de redes, feitura de telhados, de um berço ou de um caixão,) parece se desenrolar, pela lógica da necessidade dos olhos do pequeno lavrador.<sup>219</sup>

O Sr. Luiz Gonzaga de França recorda uma das muitas vezes em que, ao sair de casa com seus companheiros para apanhar algodão na comunidade do Canto Grande, zona rural de Limoeiro do Norte, sentiu os sintomas da doença, parando de trabalhar até que os tremores ocasionados pela febre intermitente cessassem.

Oi, a malara, nós saía pra apanhar um algodão assim perto. Quatro, cinco, seis, eu e os outro. Quando a gente chegava, assim, bonzim, bonzim, chegava lá, começava a apanhar. Aí, se a gente tivesse abaixado que fosse, aquele vento fri no corredor do espinhaço, corria aquele vento no espinhaço, chegava aquele fri, aquele fri desconhecido, que assim com dez minuto, dez a quinze era o mais que a gente começava a sentir aquele fri. Pronto! Já começava a tremer, era uma coisa medonha! A gente ia pro trabalho, eu mermo, ia catar esse algodão, chegava em casa assim, o corpo todo se balançando, todo se balançando. Era uma coisa medonha. (...) Foi o tempo mais precário que eu vivi na minha vida, foi no tempo da malara.<sup>220</sup>

A epidemia, além de causar a ceifa de milhares de indivíduos e deixar outros muito doentes, incidiu justamente em anos marcados pela boa estação chuvosa e pela fartura nas lavouras cultivadas. No entanto, a imagem

---

<sup>218</sup> LEONARD, Victor. **Entre árvores e esquecimentos: História social nos sertões do Brasil**. Brasília. Editora UNB, Pararelo 15. 1996, p. 313.

<sup>219</sup> THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p. 271.

<sup>220</sup> *Luiz Gonzaga de França*, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.

da prosperidade, descrita pelos narradores, estava envolta por matizes turvas em virtude, principalmente, da doença incapacitá-los de trabalhar. As pessoas, por conseguinte, foram obrigadas a ver suas safras, pouco a pouco, apodrecerem nos roçados sem, contudo, conseguirem usufruir de tamanhas riquezas.

Portanto, quando o Sr. Luiz Gonzaga de França classifica, em sua narrativa, os anos de incidência da malária como sendo um dos tempos mais precários de sua vida, o mesmo quer ressaltar o quanto à doença os obrigou a vivenciar experiências dolorosas.

De acordo com a narrativa do Joaquim Cordeiro, a peste malárica incidiu de forma mais acentuada justamente nos meses reservados para a colheita agrícola da safra do ano. Em razão disso, muitas culturas não puderam ser colhidas integralmente e apodreceram nos roçados.

Olha, antes da malara começar, nós trabalhamos. Plantemo o feijão, plantemo o milho, plantemo a mandioca e tudo mais. Quando a malara chegou, mais ou menos em abril, (...) as planta já tava, a gente já colhendo, né? Aí, ficou: quando no dia que a gente num trimia, ia pro roçado apanhar feijão, quebrava milho e trazia pra casa. E, quando foi ela atacou mais, foi mais pesada foi no mês de maio, junho foi pesado. Aí, quando passou maio, junho, aí foi geral. Mas, já tinha um bocado de milho e feijão em casa, e o restante, ficou lá no cercado mermo. Quando a gente ficou bom, ficou bom não, melhorou, foi no mês de outubro. A gente ia, quebrava um saco de milho e tava em casa. A época que quando dava o tremor, você ia tremer. Aí, quando melhorava, ia pro cercado.<sup>221</sup>

A população sertaneja vivia constantemente sob o jugo da instabilidade na produção de alimentos. Durante o período de incidência da malária, a doença esteve de mãos dadas com a fome, não apenas pelo fato de estarem enfraquecidos fisicamente e não poderem dar conta da demanda de trabalho nas plantações e, portanto, não conseguirem obter êxito na colheita da safra para alimentar as pessoas da casa, mas também por haver o receio por parte de alguns habitantes de ingerir certas comidas que viessem a intensificar os sintomas da moléstia, provocando assim mais sofrimento.

---

<sup>221</sup> *Joaquim Rodrigues Cordeiro*, entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 03/11/2002.

### 3.2 - Morro de malária, mas de fome não morro.

As dietas recomendadas pelo discurso médico, durante a incidência da doença, estiveram sempre presentes nos discursos das pessoas com as quais realizamos as entrevistas. A memória da fartura nos roçados e da fome nos lares, embora possa parecer absurda, revela faces opostas de uma mesma realidade.

A Sra. Francisca Rodrigues Almeida, que morava, na época do surto da epidemia, em companhia da irmã na comunidade de Pedras, localizada no município de Russas, recorda que a fartura se evidenciava não apenas no campo com a boa safra, mas, sobretudo através da caça de animais do mato e da pesca nos rios. D. Francisca lembra que seu cunhado saía para caçar com a ajuda de uma cachorrinha, e, aos sábados, *“você via a fartura de tatu, peba, preá, isso tudo salgado”*. Nossa narradora lamenta, contudo, não ter podido apreciar o sabor de nenhuma dessas caças, pois eram comidas consideradas “carregadas”.

Eu me lembro disso, ainda me lembro, meu cunhado era muito trabalhador. Naquela época, os pobre tinha muita fartura, tinha muito milho, feijão e muita caça. Eu [seu cunhado] possuía uma cachorrinha, essa cachorrinha viajava com ele, quando era dia de sábado, você via era a fartura de tatu, preá, peba, isso tudo salgado. Já tinha muita fartura, né?(...) Essas comidas assim, principalmente tatu, ninguém num comia não. Comia era o puro feijão, o gerimum, o peixe. Tinha muito peixe no rio. Ele gostava muito de pescar. A gente passava bem, pra mim, num passava mal não. Agora, devido essa doença, o pessoal tinha medo de comer comida carregada, como chamam, né?<sup>222</sup>

A fala da D. Francisca, para além da memória da fartura, remete-nos a uma questão interessante. Traz-nos referências aos próprios saberes populares acerca das doenças, que, muitas vezes, cerceiam o uso de determinados alimentos para as pessoas enfermas. Todos evitavam a ingestão das chamadas “comidas carregadas”, como se referiu D. Francisca, que conteriam determinadas propriedades responsáveis por intensificar os sintomas da doença. Esses alimentos eram conhecidos também como comida “remoza”.

---

<sup>222</sup> Francisca Rodrigues de Almeida, 76 anos, entrevista gravada em 22/10/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.

A carne de tatu, como lembrou nossa narradora, é um desses exemplos, assim como tantos outros alimentos que compõem o “cardápio” sertanejo, que eram terminantemente proibidos, durante a epidemia, não apenas pelos médicos, ou outros representantes do discurso científico, mas, também, pela crença e conhecimento popular desses alimentos.

Os habitantes, residentes, principalmente, nas regiões interioranas, são, normalmente, detentores de um conjunto de saberes que os credenciam a classificar, de imediato, os remédios, as doenças e as propriedades dos alimentos que costumam ingerir. A própria necessidade, as condições de vida e o contato com a natureza os possibilitam, portanto, acumular *saberes e experiências sobre as propriedades medicinais de elementos de origens mineral, animal e vegetal em interações culturais com a natureza.*<sup>223</sup>

De um modo geral, percebemos que a maioria das narrativas sinaliza para certa contrariedade entre os saberes médicos e os padrões culturais próprios da população sertaneja do Baixo Jaguaribe. Muitos desses profissionais da saúde desconheciam os hábitos alimentares desses sujeitos, proibindo-os de ingerir justamente as comidas que compunham sua base alimentar: feijão, arroz, farinha, melancia, etc. De acordo com as falas das pessoas mais velhas, todos esses víveres foram enfaticamente proibidos de serem consumidos, obrigando-os a seguir uma dieta que os forçaria diretamente a criar novos hábitos alimentares.

De certa forma, a fome e a desnutrição tanto quanto a doença fizeram sua ceifa nos lares jaguaribanos. A farinha - alimento extremamente consumido durante as refeições dos camponeses jaguaribanos - nos anos da malária, segundo a Sra. Ana Felícia de Araújo, não podia nem ser pronunciada. Feijão, então, *só se fosse passado numa tela*. O feijão, certamente o alimento mais consumido por todos os habitantes do Baixo Jaguaribe, indispensável, portanto, na mesa de qualquer família, rica ou pobre - a comida que dava “sustância” e ajudava a agüentar o dia inteiro de trabalho na lida do campo, segundo a fala da dona Ana, *era mermo que veneno pra matar*.

---

<sup>223</sup> SOUSA, José Josberto Montenegro. **Cultura e saberes Populares em Comunidades Rurais do Rio Jaguaribe, Ceará.** Dissertação de Mestrado em História Social. PUC. São Paulo, 2004.

Farinha, nem se falava em farinha. Aí, dizia que o pessoal morria mais era de fome. Pra você comer feijão num tinha quem... feijão era mermo que veneno pra matar. Ce tinha que passar na tela, num sabe? Tudo fazia mal! (...) tinha um velho que também sofreu muito, mais ficou bom – João Remígio, Raimundo Remígio, que teve na Amazônia, aí, passou a ensinar o que comer. Passar o feijão na tela, viu? Só aquele comoso, aquela pele rebojava, que aquela pele fazia mal. Quando acabar botava um pinguinho, uma carnezinha, e cozinhava, cozinhava, cozinhava... pra ficar só aquele caldinho que tirava daquele feijão gomoso. Tava morrendo gente até novinho.<sup>224</sup>

O Sr. Raimundo Nogueira Neto recorda que as listas receitadas pelos médicos contendo as objeções alimentares restringiam o consumo de vários outros alimentos. As listas limitavam tanto seus hábitos alimentares que os obrigariam a seguir e criar um novo mapa nutricional, uma nova “cartografia alimentar” sertaneja. Segundo o nosso narrador, a dieta era tão rigorosa que seria melhor *dizer o que a gente podia comer*.

Os caba dizia que a gente num podia comer carne de porco, nem carne vermelha. Aí, eles traziam um papel, um mapa, como se fosse uma receita, que o doutor receitava, uma dieta. Leite era assim: botava quatro litro de leite e meio de água, pra mode tomar. Era uma coisa medonha a gente só faltava era morrer tudo de fome. Aí, não podia comer carne de boi, melancia, maxixe, batata ... era mior dizer o que a gente podia comer que é mais fácil; era papa de farinha bem escaldada, o mingau da farinha; a carne de criação só se fosse salgada, escaldada e cozida, pra poder fazer o caldo, pra mode agente comer.<sup>225</sup>

Como podemos perceber, um organismo debilitado em virtude dos sintomas da malária, dos acessos da febre intermitente, dos tremores, associados ao esforço físico, cujo principal objetivo era dar continuidade ao trabalho na lida da roça para sustentar a família e/ou ainda tratar dos enfermos, acrescido de um corpo enfraquecido por uma má alimentação... Todos esses ingredientes faziam parte de uma receita fulminante que antevia um diagnóstico fatal para muitas famílias.

---

<sup>224</sup> Ana Felícia de Araújo Chaves, 77 anos. Entrevista gravada na Comunidade de Jardim São José em Russas em 07/06/2002.

<sup>225</sup> Raimundo Nogueira Melo, 80 nos, entrevista gravada no município de Jaguaribe em 21/07/2005.

A fraqueza orgânica e a desnutrição, hoje, são apontadas por muitos narradores como sendo responsáveis também por acelerar o processo de depauperamento do corpo durante a epidemia de malária. Segundo a Sra. Francisca Cordeiro de Oliveira, a dieta recomendada durante a doença, os obrigava a mudar os hábitos alimentares e ingerir alimentos que, segundo ela, *num dava sustança de nada*. Pelo contrário, *deixava o enfermo morrendo de fraco*.

Nada fazia mal aquela doença. No começo, dava uma dieta muito grande. Papai tinha muito fastio, num podia comer. E esses home lá de Morada Nova, Seu Melanias, Seu Almeida, que vinha lá em casa, diziam pra papai que não comesse e dizia que aquilo fazia mal. E papai dizia que “Na hora que pudesse comer, era farinha, era carne e farinha”. Aí, eles dizia: “ Ave Maria, que num comesse que fazia mal”. Papai dizia que: “não, na hora que pudesse comer um bocado, era farinha e carne”. E era mermo, papai nunca teve dieta com nada. Era uma dieta medonha pra ninguém comer. Era pra beber caldo de macunzar, essas coisas: calda de arroz. Dava sustança de nada! Como é que ia ficar bom? Nunca. Morrendo de fraco.<sup>226</sup>

Não obstante muitos sertanejos tenham tentado seguir as recomendações médicas, evitando a ingestão de certas comidas, ou criando novas formas de consumi-las, outros, no entanto, desobedecendo tal discurso, encontraram um jeito de burlar a ordem médica da dieta. Como é o caso narrado pelo Sr. Joaquim Cordeiro.

Na época da malara, a gente tinha fome, mas não podia comer. O povo dizia que num comesse, mas a gente saía ali, comia rapadura com massa de milho, com feijão. Ora, quando o pessoal mais velho, a irmã de papai, dava fé, a gente já tava de barriga cheia. (...) agora negocio de comer calda de arroz, tinha uma tal de amaizena pra fazer calda pra gente beber. Diabo ruim! Ninguém agüentava comer. A gente achava melhor a massa de milho com rapadura. A massa de milho dava sustança, dava sangue.<sup>227</sup>

O Sr. Elizeu Nogueira Maia, tentando saciar sua fome e a vontade de comer melão, recorda que, apesar da proibição, nosso narrador se dirigia ao cercado do vizinho e, mesmo com receio de ser surpreendido por alguma

---

<sup>226</sup> Francisca Cordeiro de Oliveira, 87 anos, entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 25/05/2002.

<sup>227</sup> Joaquim Rodrigues Cordeiro. Entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 03/11/2002.

pessoa que passasse por perto e fosse delatar aquela insubordinação a seu pai, mesmo assim, ele burlava o discurso e comia escondido de todos.

Morreu muita gente à míngua porque tinha uma dieta e não precisava de dieta, acho que nada fazia mal. Um dia eu comi um melão escondido lá na vazante de José Alves e Inácio ia passando. Aí, eu me escondo de trás num canto com medo de Inácio ir dizer a papai que eu tava comendo melão tando doente. Eu tive foi medo, mas não tive nadinha. Tinha um porco no chiqueiro, tinha umas melancias lá na vazante, pai tinha enterrado aquela lagoa e era mermo que uma vazante. Aí, a gente ia cortar melancia bem madurinha pro porco. Tão cheirosa! Podendo comer que não fazia mal não. Fazia mal era a dieta.<sup>228</sup>

A vigilância se fazia presente não apenas na presença constante dos guardas ou dos outros integrantes do Serviço de malária, uma vez convencidos de que certos alimentos realmente faziam mal, a própria família tratava de garantir a fiscalização dentro de suas casas. Cada passo do enfermo era vigiado para que o mesmo não desobedecesse às ordens e pudesse se recuperar mais rapidamente.

A Sra. Maria do Socorro Almeida recorda que seu pai e sua mãe revezavam as vigílias em sua casa. Todos estavam atentos a qualquer movimentação considerada estranha por parte dos filhos que estavam enfermos. Segundo D. Maria, mesmo durante a madrugada, seu pai não descansava, vigiando para garantir que ela e seus irmãos não comeriam escondidos as chamadas “comidas proibidas”.

Tinha que obedecer os guardas, porque era meu pai e minha mãe pastorando a gente dia e noite. Pra você imaginar como as coisas era, a gente tava dormindo, lá pra de madrugada, se um de nós, que tava na sala, se mexesse, meu pai perguntava logo: “Vai pra onde?” Se dissesse que ia urinar, ele se levantava só pra ver se a gente num ia era comer coisa proibida e, só voltava para casa, quando a gente terminava.<sup>229</sup>

O Sr. Joaquim Cordeiro lembra que, mesmo sob o olhar atento de suas tias, ele comia em casa escondido, embora tivesse a consciência de que tal

---

<sup>228</sup> *Elizeu Nogueira Maia*, 80 anos, entrevista gravada por Gerliane Gondim, no sítio Taperinha, localizado na cidade de Tabuleiro do Norte em 28/ago/2004.

<sup>229</sup> *Maria do Socorro Almeida*, 81 anos, entrevista gravada no município de Jaguaribe em 21/07/2005.

prática seria alvo de muitas broncas depois e poderia intensificar os sintomas da malária.

Dizia que comer melancia, girimum, comer melão era uma morte. Era mermo que meter o pau na cabeça. Nós ia pro cercado, chegava lá, cada melão maduro tinha lá no cercado. Nós metia a faca! Comia até encher a barriga. Se morresse, era aquela história: os pessoal que ficava enterrava. Aí, o outro comia mais do que aquele que tivesse morrido. Só tenho medo de fome! Ah, na malara a gente tinha fome, mas num podia comer. O povo dizia que não comesse. Mas, a gente saía ali, comia rapadura com massa de milho e feijão. Ora, quando o pessoal mais velho, as irmãs de papai davam fé, a gente já tava tudo de barriga cheia. Brigavam [suas tias] um horror porque a gente comia. Brigava um absurdo. (...) Uns morriam quase porque num tinha quem fizesse comida. Tudo doente. Tinha caso que as veze, tinha 3 ou 4 pessoas, só um não trimia. Aí, ia cuidar da comidinha para os outo. Aí, quando dava comida ao outro, tome malara!<sup>230</sup>

A penetração da doença nos lares jaguaribanos poderia ser apontada como uma das principais responsáveis pela mudança no cotidiano do trabalho camponês e, conseqüentemente, pelo mal da fome na região. O Pe. Otávio de Alencar Santiago ressaltava, em seu relato no livro de Tombo, que a malária fazia sua ceifa especialmente *entre os pobres por não poder a população trabalhar, em breve a fome veio agravar o problema de tal sorte que, mãos dadas, uma e outra calamidade, o número de vítimas teve que necessariamente aumentar.*<sup>231</sup>

Como podemos perceber, não obstante o discurso de que certos alimentos, quando ingeridos por aqueles que estivessem impaludados, poderiam intensificar os sintomas da doença e levá-las mais rapidamente ao óbito, em, praticamente, todas as narrativas, as pessoas preferiram se alimentar às escondidas, saciando a vontade de comer.

O medo de morrer de fome parecia maior que o medo da doença. Entre o óbito tendo como causa de morte a malária ou a fome, muitos elegeram a doença. Várias pessoas optaram por morrer de barriga cheia a sentir vontade de comer, ter o alimento em casa e não poder ingeri-lo. A narrativa do “Seu” Quinca nos é bastante emblemática nesse sentido, principalmente, quando o mesmo afirma que “só temia a morte de fome”.

<sup>230</sup> Joaquim Rodrigues Cordeiro, 77 anos. Entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 03/11/2002.

<sup>231</sup> Livro de Tombo 2 – Paróquia de Jaguaratama. 1937-1956. p.8. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.



A própria experiência social vivenciada por esses indivíduos e/ou por seus familiares, durante as devastações trazidas pela seca de 1932, trazia a tona novamente um conjunto de lembranças e sentimentos experimentados nesse período, em que a fome e a desnutrição eram uma das principais responsáveis pelos sofrimentos e mortes. Todos os acontecimentos vividos, ao longo dos períodos de seca, talvez os levassem a acreditar que morrer bem alimentado fosse mais digno.

Jean Delumeau no lembra que, o medo do camponês diante da possibilidade da fome se revela até mesmo na oração do “Pai Nosso”, quando o homem a referencia, logo nas suas primeiras súplicas, rogando ao Ser celestial que os concedesse o alimento de cada dia, na frase: “*o pão nosso de cada dia nos dai hoje*”. Segundo o autor, não era por acaso que, dentre suas obras de misericórdia, a igreja conclamava *alimentar os que têm fome*.<sup>232</sup>

Alimentar o organismo debilitado significava saciar umas das principais necessidades vitais do ser humano. O professor André Mayer, ao prefaciar a 11<sup>a</sup> edição do livro *Geografia da Fome* de autoria de Josué de Castro, apontava para o fato que o problema e o medo da morte por fome são tão velhos quanto à própria História da humanidade, uma vez que colocava em cheque a própria sobrevivência humana no planeta terra.

A fome - eis um problema tão velho quanto à vida. Para os homens, tão velho quanto à humanidade. É um desses problemas que põe em jogo a própria sobrevivência da espécie humana, a qual, para garantir sua perenidade, tem que lutar contra as doenças que a assaltam, abrigar-se das intempéries, defender-se dos seus inimigos. Antes de tudo, porém, precisa, dia após dia, encontrar com que se subsistir – comer. E esta necessidade, é a fome que se encarrega de lembrá-la. Sob o seu ferrão e para lutar contra ela, a humanidade aguçou seu gênio inventivo. Ninguém o ignora.<sup>233</sup>

Dessa forma podemos inferir como os habitantes do Baixo Jaguaribe, principalmente, a população que sobrevivia da agricultura de subsistência, receavam os efeitos maléficos ocasionados pela fome. Não parecia correto

---

<sup>232</sup> DELUMEAU, Jean. **Tipologia dos comportamentos coletivos em tempos de peste. In: História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.170.

<sup>233</sup> MAYER, André. *Prefácio à nova Edição.* In: CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço.** 11 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992. p. 11.

morrer de fome justamente quando Deus os abençoara concedendo o alimento de cada dia. Para alguns era preferível morrer de malária a fechar os olhos quando viam a dádiva da riqueza do pão sobre a mesa.

## **Considerações Finais - “Pois é, a malara, lá pra nós, foi um sucesso”!<sup>234</sup>**

*Mais o que é certo é que tudo  
passou e não volta mais (...)  
Exterminaram o Mal!  
(Sra. Maria de Lourdes Ramalho)*

Os anos marcados por incidências de surtos epidêmicos como é o caso da epidemia de malária, podem ser entendidos como elementos causadores de processos de desorganização social que se refletem não apenas na economia, mas, também em vários aspectos culturais da população atingida pelas pestes.

Ao nos determos sobre as experiências sociais durante a epidemia de malária pudemos inferir como os habitantes do Baixo Jaguaribe, objetivando minorar e/ou vencer os efeitos dessa desorganização, criaram inúmeras táticas que os possibilitaram sobreviver às mazelas ocasionadas pela presença da febre intermitente em suas vidas nos anos de 1937 a 1940.

A incidência da epidemia, portanto, ao mesmo tempo em que desestruturava o cotidiano dessa população, destruía vidas, também era responsável por despertar novos sentidos para o dia-a-dia dos sujeitos que a vivenciavam. Ela foi, ainda, a principal responsável por trazer uma nova dinâmica para os sertões jaguaribanos, além de inspirar novas sensibilidades no convívio com o próximo. Jacques Revel e Jean Pierre Peter nos alertam para o fato de que a doença *é quase sempre um elemento de desorganização e reorganização social.*<sup>235</sup>

A forma displicente como as autoridades políticas, tanto a nível estadual como federal, trataram a invasão da peste palustre, quando surgiam as primeiras notícias das calamidades reinantes entre a população, até o

<sup>234</sup> Esse é um trecho da fala do Sr. Joaquim Rodrigues Cordeiro, ao tentar tornar mensurável em palavras os efeitos e as mudanças que a epidemia de malária trazia para comunidade em que residia na cidade de Morada Nova. Entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 03/11/2002.

<sup>235</sup> REVEL, Jacques e PETER, Jean Pierre. *O Corpo: o homem doente e sua História*. Op.cit. p.144.

momento em que decidiram programar uma campanha realmente eficiente para erradicar o mosquito transmissor da doença, *Anopheles gambiae*, através do Serviço de Malária do Nordeste, permite-nos questionar, ainda, sobre as ações e medidas tomadas pelas autoridades político-administrativas em épocas de surtos epidêmicos.

Ressalte-se que o trabalho realizado pelo SMNE, ainda hoje, é considerado uma das mais competentes empreitadas de combate à uma espécie nociva de mosquito, uma vez que, desde então, não tivemos mais notícias da propagação do *gambiae* em território jaguaribano.

O estudo sobre a malária nos possibilitou, ainda, entrar no campo das tensões sociais e dos choques culturais, aqui manifestados no “conflito” entre o discurso da medicina científica e os métodos encontrados pelos habitantes do Baixo Jaguaribe para curar-se dos sintomas da doença. Pois, não obstante alguns narradores terem conferido sua recuperação à ingestão dos remédios farmacêuticos - comprados ou distribuídos gratuitamente pelo governo do Estado (em sua fase inicial) e pelo SMNE - outros encontraram a salvação para seus males na própria natureza, no consumo de receitas e chás caseiros. Existem, ainda, aqueles que atribuem à cura da doença ao fato de terem adotado alimentos considerados “impróprios” para serem consumidos por todas as pessoas acometidas pelo mal.

A presença da doença também interferiu nos aspectos culturais dessa sociedade, pois, ao modificar o cotidiano, tanto da população urbana como da zona rural, a malária alterava hábitos e ocasionava novas sociabilidades entre os habitantes da região, como podemos sinalizar, principalmente, através das interferências nos rituais fúnebres.

A mancha negra que, nos anos finais da década de 1930, cobria os sertões jaguaribanos, sinalizando a dor do luto, também estava revertida com cores alegres e ares de abonação, como nos mostraram as narrativas referindo-se a esse período como sendo também de fartura; nos roçados nos algodoeiros, nos pastos verdes, nas carnaubeiras esguias, etc.

O verde indicando a prosperidade, a fartura e o preto representado pelos incalculáveis números de pessoas que, não resistindo aos sintomas intensos da peste palustre vieram a falecer, foram tons sempre lembrados pelas pessoas mais velhas da região que se dispuseram a viajar novamente

por esse passado de experiências tão dolentes e ao mesmo tempo tão diversas.

As experiências vivenciadas, durante a epidemia de malária, foram lembradas e narradas de formas múltiplas; não obstante, tenhamos nos deparado com discursos que apontavam para um cotidiano marcado pela morosidade, pela dificuldade de se trabalhar nos campos cultivados - devido ao fato da doença ter atingido quase todos os membros da família, os impossibilitando, dessa forma, de executar suas lidas diárias -, esse espaço foi recordado, também, pela sua dinâmica e pela intensa movimentação: tanto dos membros do SMNE - que estavam em todos os lugares travando uma luta contra a fúria do mosquito insano - como também das incansáveis jornadas dos padres que, objetivando cumprir suas obrigações, tanto de ordem espiritual, como social, pois, enquanto “líder político” de muitas comunidades, viajavam léguas para levar, além da ajuda material, o conforto da palavra divina aos moribundos.

Não pretendíamos, contudo, reforçar o discurso do sertão enquanto um espaço da dor, da miséria, da fome, da morte. Ao contrário, quisemos enfatizar o quanto à região jaguaribana é um espaço múltiplo de experiências, um lugar heterogêneo constituído de muitos sujeitos com discursos diversos.

Através das falas dos narradores, dos registros de batismos e óbitos, dos noticiários dos jornais, dos acervos icnográficos e de outras fontes, observamos como os habitantes vivenciaram essa epidemia de formas distintas.

Para além da memória do sofrimento, tão lembrada e enfatizada por todos, ficaram marcadas, também, as lembranças da solidariedade, da luta pela sobrevivência... enfim, ainda há muito a ser ouvido, lembrado e discutido por todos aqueles que se dispuserem a interpretar as experiências sociais vivenciadas durante os anos de epidemias.

Certamente, não pudemos dar conta das inúmeras problemáticas que permeiam este acontecimento histórico, uma vez que o passado se mostra como uma fonte inesgotável de possibilidades. Além do mais, precisamos ter em mente que, ao falarmos de memórias, estamos também fomentando um outro assunto, no caso, o esquecimento, uma vez que, a memória está sempre passando por um processo seletivo e, no próprio ato da narração, o

entrevistado acaba, também, por selecionar aquilo que deve ser lembrado e revelado ao pesquisador.

Portanto, temos a absoluta consciência de que muitas histórias de vida e inúmeros acontecimentos vivenciados, durante a epidemia de malária, nos foram silenciados.

Decerto, não é possível tornar mensurável, através da escrita e das palavras, todos os sofrimentos daqueles que se viram obrigados a tolerar os infortúnios trazidos pela presença da febre palustre. Por outro lado, os gestos e as emoções, traduzidas muitas vezes em lágrimas, quando os entrevistados narravam às agruras desse período, nos fizeram perceber o quanto à doença marcou as histórias de suas vidas.

Várias famílias ficaram enlutadas e sofreram a dor da perda de parentes, amigos e vizinhos. Enfim, a morte tornou-se uma ameaça constante e visitou praticamente todos os lares jaguaribanos nos anos finais da década de 1930. E, embora o vetor causador da doença tenha sido vencido, ficaram, sem dúvida, marcas profundas na memória das pessoas que a experimentaram. Estas jamais esquecerão de um dos tempos mais difíceis que já vivenciaram em suas histórias de vida.

## FONTES

### ❖ Entrevistas

- ✓ **Ana Cordeiro de Lima**, 97 anos, entrevista gravada na cidade de Russas em 23/02/2003.
- ✓ **Ana Felícia de Araújo Chaves**, 77 anos. Entrevista gravada na Comunidade de Jardim São José em Russas em 07/06/2002.
- ✓ **Clara Reinaldo Maciel**, 79 anos, entrevista gravada em 23/02/2003 na cidade de Russas.
- ✓ **Edméia Maia Gondim**, 79 anos, entrevista concedida a Gerliane Gondim, na cidade de Tabuleiro do Norte em 27/ago/2004.
- ✓ **Elizeu Nogueira Maia**, 80 anos, entrevista gravada por Gerliane Gondim, no sítio Taperinha, localizado na cidade de Tabuleiro do Norte em 28/ago/2004.
- ✓ **Francisca Cordeiro de Oliveira**, 87 anos, entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 25/05/2002.
- ✓ **Francisca Ferreira de Lima**, 87 anos, entrevista gravada na cidade de Palhano em 12/04/2003.
- ✓ **Francisca Rodrigues de Almeida**, 76 anos, entrevista gravada em 22/10/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.
- ✓ **Francisco Otacílio Ferreira da Silva**, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício no distrito de Mapuá, Jaguaribe, em 15/07/2005.
- ✓ **João Barreto de Lima**, 86 anos, entrevista gravada na cidade de Palhano em 13/04/2003.
- ✓ **Joaquim Rodrigues Cordeiro**, 77 anos. Entrevista gravada na Cidade Alta, Limoeiro do Norte em 03/11/2002.
- ✓ **José Dantas Pinheiro**, 83 anos, entrevista gravada em 27/05/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.
- ✓ **José Gomes Nogueira**, 79 anos, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício na cidade de Jaguaribe em 15/07/2005.

- ✓ **Luiz Gonzaga de França**, 84 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte. O Sr. Luiz Gonzaga veio a falecer no dia 02/10/2006.
- ✓ **Maria Delfina de França**, 79 anos, entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.
- ✓ **Maria de Lourdes Ramalho de Alarcon Santiago**, 93 anos, entrevista gravada na cidade de Russas em 17/09/2006.
- ✓ **Maria de Lurdes Pereira, pretinha**, 73 anos, Entrevista realizada na Cidade Alta – Limoeiro do Norte. 25/05/2002.
- ✓ **Maria Ogarita de Sousa**. 80 anos, entrevista gravada em 15/03/2006 em Russas.
- ✓ **Maria Tereza da Silva**, 76 anos, entrevista gravada em 25/05/2002, na Cidade Alta, Limoeiro do Norte.
- ✓ **Waldemar de Sousa Pinheiro**, 88 anos, entrevista gravada em 07 de Abril de 2006 em Russas.

### ❖ Fontes Impressas

- ✓ **Relatório do Serviço de Malária do Nordeste ao Ministério da Educação e Saúde (1939-1942). Fundação Rockefeller.** Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213

#### ✓ Jornais

##### 1937

*O Impaludismo em União: A Atitude Facciosa e Displícite do Governo.* Jornal “O POVO” – Fortaleza - 30 /jul / 1937.

*O Impaludismo em União: uma carta do Prefeito daquele Município em resposta à “Gazeta de Notícias”.* Jornal “O POVO” – Fortaleza – 02/ Ago/ 1937

*O Impaludismo em União: resposta ao assistente da Diretoria de Saúde Pública.* Jornal “O POVO” – Fortaleza – 23/ ago/ 1937

##### 1938

*Concurso.* Jornal “A Voz do Campo”, nº 1, Limoeiro do Norte, 15/ ago/ 1938.

*Malária.* Jornal “A Voz do Campo”, nº 1, Limoeiro do Norte, 15/ ago/ 1938.



Visita Honrosa. Jornal "A Voz do Campo", nº 1, Limoeiro do Norte, 15/ ago/ 1938.

*O Impaludismo no Baixo Jaguaribe: as medidas foram deficientes para completa Erradicação do Mal... o Ex-prefeito de União é um Homem de Boa Fé e não injeta Segundas Intenções em seu justo clamor.* Jornal "O POVO" – Fortaleza – 20/ Abr/ 1938.

*A Saúde Pública e o Impaludismo* Jornal "O POVO" – Fortaleza – 22/ Abr/ 1938.

*A Malária Continua a Dizimar as Populações do Baixo Jaguaribe – O Governo fornece Viveres e Medicamentos – mas o Combate à Sezão reclama Providências Essenciais.* Jornal "O POVO" – Fortaleza – 28/ Abr/ 1938.

*O Impaludismo e a Saúde Pública.* Jornal "O POVO" – Fortaleza – 29/ Abr/ 1938.

*O Impaludismo em União – Rebatendo Acusações e Expondo Fatos.* Jornal "O POVO" – Fortaleza – 03/ Mai/ 1938.

*A malária no Município de União – Três Guardas Sanitários e Nenhum Médico – com Vistas ao Diretor da Saúde Pública.* Jornal "O POVO" – Fortaleza – 04/ Mai/ 1938.

*O Impaludismo em Morada Nova.* Jornal "O POVO" – Fortaleza – 04/ maio/ 1938.

*Reflexão de Ingênuos – A propósito da Malária* Jornal "O POVO" – Fortaleza - 1938.

### ✓ **Registros de Óbitos**

Livro de óbito 1 - Paróquia de Morada Nova iniciado em 02/10/1932 e encerrado em 10/04/1938. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Livro de óbito 2 - Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/04/1938 e encerrado em 15/02/1941. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Livro de óbitos nº 11 - Paróquia de Russas iniciado em 01/04/1933 e encerrado em 29/04/1938. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Livro de Óbitos nº 12 - Paróquia de Russas iniciado em 01/05/1938 e encerrado em 27/07/1939. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Livro de Óbitos nº 16 – Paróquia de Aracati iniciado em 31/10/1909 e encerrado em 15/11/1942. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

### ✓ **Registros de Batismos**

Livro de Batismo da Paróquia de Morada Nova iniciado em 10/07/1938 e encerrado em 07/04/1940.

### ✓ **Livros de Tombo**

**Casa de São Vicente** – 1938 In: Livro de Tombo – *Paróquia de União* – 1937. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte. P. 8

**Malária** - Outubro de 1938. In: Livro de Tombo 2 – *Paróquia de Jaguaretama*. 1937-1956. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

### ✓ **Discurso do Raimundo Girão**

GIRÃO, Raimundo. **Efeitos da malária na vida sócio-econômica do Baixo Jaguaribe**. Editora Fortaleza, 1938. Biblioteca Menezes Pimentel – Seção de Obras Raras.

## ❖ **Acervo Iconográfico**

- ✓ Acervo Iconográfico Fundação Rockefeller fundo Serviço de Malária do Nordeste localizado na Casa de Oswaldo Cruz (COC) no Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agra do Ó, Alarcon. *Relatos de Males: notas acerca dos modos de adoecer n a Paraíba Imperial*. In: **A Paraíba no Império e na República: estudos de História Social e Cultural**. João Pessoa: Idéia, 2003.

ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 a 1922)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP. Campinas-SP, 1988

\_\_\_\_\_. *Violar a Memória e Gestar a História: abordagem a uma problemática que torna a tarefa dos historiadores uma tarefa difícil*. In: **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica de UFPE**, nº 15, Recife, Universitária, 1994.

ARANTES, Antônio Augusto Et. Alii. **Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. 2ª edição. Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, 1993.

ÁRIES, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. Vol I. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. Vol II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BARATA, Rita Barradas. **Malária e seu Controle**. São Paulo. Editora HUCITEC, 1998.

BARBOSA, Carlos Jacinto. **Caminhos da cura: e experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850-1880)**. Tese de Doutorado. PUC São Paulo, 2002.

- \_\_\_\_\_. *As Doenças viram Notícia: imprensa e epidemias na segunda metade do século XIX*. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo e CARVALHO, Diana Maul de (org). **Uma História Brasileira das Doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004. p. 76-90.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: Um Lugar Incomum – O Sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- BARBOSA, José Policarpo de Araújo. **História da Saúde Pública do Ceará: da Colônia a Vargas**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- BATISTA, Raimundo Aragão. **História do Ceará**. 2ª edição. Ceará, Imprensa Oficial do Ceará, IOCE, 1985.
- BENCHIMOL, Jaime Larry (coord) *O combate ao Anopheles Gambiae*. In: **Febre Amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2001.
- BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra**. 3ª reimpressão. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3ª edição. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- BURGUIÈRE, André. *A demografia*. In: In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (direção). **História: Novas Abordagens**. 4ª edição. Francisco Alves.
- CAMARGO, Erney Plessmann *Malária, Maleita, Paludismo*. In: **Revista Ciência e Cultura**. Jan/Mar 2003, Vol. 55. N° 1. [26-30].
- CAMPOS, A. L. V. de. *Combatendo nazistas e mosquitos: militares norte-americanos no Nordeste brasileiro (1941-1945)*. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, V. 3: p. 603-20, nov. 1998-fev 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadãos Ativos: a revolta da Vacina*. In: **Os Bestializados: Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª edição. 1996.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: (o dilema brasileiro: pão ou aço)**. 11 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.
- CAVALCANTE, Else Dias de Araújo. **A sífilis em Cuiabá: saber médico, profilaxia e discurso moral (1870 1890)**. Dissertação (mestrado) –

- Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT. Cuiabá, 2003.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadãos Ativos: a revolta da Vacina. In: Os Bestializados: Rio de Janeiro e a República que não foi.* São Paulo: Companhia das Letras, 3ª edição, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano.** 1. Artes de Fazer. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- CHAVES, Dílson Pontes. **Morada Nova em Revista.** Fortaleza, ABC Editora, 2001.
- CHAVES, José Olivenor Souza. **Atravessando os Sertões: memória de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe.** Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Fortaleza e os Retirantes da Seca de 1877-1879: O Real de um Imaginário Dominante.** Dissertação de Mestrado, Recife, UFPE, 1995
- \_\_\_\_\_. *“Metrópole da Fome”: a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879.* In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (org). **Seca.** Coleção Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. [49-78].
- \_\_\_\_\_. *Narrando a arte de lembrar e lembrando na arte de narrar... Histórias sobre a epidemia de malária (1937-1938).* In: **Revista do Imopec “Memória e Patrimônio Cultural do Ceará 1”**. Nº 8, 2001.
- COSTA, Nilson do Rosário. **Lutas Urbanas e Controle sanitário: origens das políticas de saúde no Brasil.** Petrópolis, Vozes, 1985.
- DEL PRIORI, Mary. *Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino.* In: **História das Mulheres no Brasil.** Editora Contexto, 2004.
- DELUMEAU, Jean. *Tipologia dos comportamentos coletivos em tempos de peste.* In: **História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DOSSE, François. **A oposição História/Memória. In: História e Ciências Sociais.** São Paulo: Edusc, 2004.

- ELIADE, Mircea. *As águas e o simbolismo aquático*. In: **Tratado da História das Religiões**. Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo. Martins Fontes, 1998.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos Moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- FALCI, Miridam Brito. *Doença e Religiosidade*. In: LIMA, Lana Lage da Gama et. All. **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERRJ; Mauad, 2002. p. 133-144.
- FERREIRA NETO, Cicinato. **Estudos de História Jaguaribana: documentos, notas e ensaios diversos para a História do Baixo e Médio Jaguaribe**. Fortaleza: Premium, 2003.
- FREITAS, Maria das Dores Vidal. OLIVEIRA, Maria Lenira. **Limoeiro em Fatos e Fotos**. Fortaleza: Edições do Autor, 1997.
- FURET, François. *O quantitativo na História*. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (direção). **História: Novos Problemas**. 4ª edição. Francisco Alves
- GADAMER, Hans-Georg. *Esboços dos fundamentos de uma hermenêutica*. In: **O problema da Consciência histórica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GALENO, Rafael. **Ritos Fúnebres no Interior do Ceará** Fortaleza. Henriqueta, 1977.
- GEERTZ, Clifford. *O senso Comum como um sistema cultural*. In: **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOMES, A.C. (org). **Capanema: o Ministro e seu Ministério**. Rio de Janeiro: FEV/USF. 2000.
- HOCHMAN, Gilberto, MELLO; BANDEIRA Maria Teresa e SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. *A malária em foto: imagens de campanhas e ações no Brasil da primeira metade do século XX*. **História ciência e Saúde - Manguinhos** vol.9 sup. 10 . Rio de Janeiro, 2002.
- HOCHMAN, Gilberto. *Reformas, Instituições e Políticas de Saúde no Brasil. (1930-1945)*. **Revista Educar**, Nº. 25, Curitiba, Ed. UFPR, 2005 [127-141].

- Jean-Yves Grenier. *A História Quantitativa ainda é Necessária?* In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (org.). **Passados recompostos: campos e canteiros da História**, p.183:192.
- JEOLÁS, Leila Sollebeger. *AIDS e Cultura: o HIV não é apenas um vírus sem más intenções*. In: **Boletim**. CLCH 24, Londrina, 1993/1. [61-71]
- KENSKI, Rafael. *Ataque ao Mal dos Trópicos*. **Revista Super Interessante**. Edição 183. Dez de 2002. p. 60-65.
- LAPLATINE, François. **Antropologia da Doença**. Tradução Walter Lelis Siqueira. São Paulo. Martins Fontes, 1991.
- LE GOFF, Jacques. **As Doenças Têm História**. Terrama. 1985
- \_\_\_\_\_. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.] 3ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- \_\_\_\_\_. NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LEONARD, Victor. **Entre árvores e esquecimentos: História social nos sertões do Brasil**. Brasília. Editora UNB, Pararelo 15, 1996
- LIMA, Adriana Ribeiro de. **A Luz da Cera Ilumina os Sertões: a cera de carnaúba no Município de Russas (1930-2001)**. Monografia de graduação em História. UECE/FAFIDAM, Limoeiro do Norte, 2003.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. *A morte*. In: **A Velhice, o Tempo e a Morte: subsídios para possíveis avanços do Estudo**. Brasília, DF: Editora universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2000.
- LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e Curandeiros: conflito social e saúde – São Paulo -DIFEL**, 1984.
- MALVEIRA, Antônio Nunes. **O velho sertão da Bica**. Rio de Janeiro, 1986.
- MARCÍLIO, Maria Luiza (org). **Demografia Histórica: orientações técnicas e metodológicas**. Livraria Pioneiro Editora, São Paulo, 1977.
- MATOS, Mariana Ruiz. **Malária em São Paulo: Epidemiologia e História**. São Paulo: HUCITEC: Funcraf, 2000.
- MERHY, Emerson Elias. **A Saúde Pública enquanto Política: São Paulo, 1920-1948. Os movimentos sanitários, os modelos técnico-**

- assistencialistas e a formação e políticas governamentais.** São Paulo, Ed. Hucitec., 1992.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral: Caminhos e descaminhos.* In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol.13. Nº 25/26, set. 92 /agosto 93.
- \_\_\_\_\_. *A Construção da Memória e as reflexões da física e da psicologia.* **Cadernos CERU**, nº 6. Série 2. 1995.
- \_\_\_\_\_. **História Oral e Memória: A cultura popular revisada.** São Paulo. Contexto, 1992.
- MORAES, Douglas Batista de. **Bem Nascer, Bem Viver e Bem Morrer: administração dos sacramentos em Pernambuco – (1650-1790) .** Dissertação de mestrado em História. UFPE. 2001.
- MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte.** Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1976.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo. **As Pestes do Século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma História comparada.** Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2005.
- \_\_\_\_\_. e CARVALHO, Diana Maul de (org). **Uma História Brasileira das Doenças.** Brasília: Paralelo 15, 2004.
- NASCIMENTO, Heleno Braz do. **A lepra em Mato Grosso: caminhos da segregação social e do isolamento hospitalar (1924-1941).** Dissertação de Mestrado em História. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT, 2001.
- NETO, Lira. **O poder e a Peste: a vida de Rodolfo Teófilo.** Fortaleza. Edições Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- NEVES, Frederico de Castro. **Imagens do Nordeste. A construção da memória regional.** Fortaleza: SECULT, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Seca e a Cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900).* In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (org). **Seca.**



- Coleção Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. [75-104].
- NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. **Projeto História**, nº 10. São Paulo: PUC. Dez. 1993. [7-28].
- PERREIRA, Leonardo. **As barricadas da Saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2002. (Coleção História do Povo Brasileiro).
- PINHEIRO, Francisco Irajá. **Cordel: Fatos que marcaram Limoeiro**. Fortaleza; Edição do Autor, 2003.
- PINTO, Débora Kátia Maia. *A fonte milagrosa: fé, cura e purificação em Olho D'água da Bica*. In: **Propostas Alternativas** Nº 7. Fortaleza. IMOPEC, 2000.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Epoque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 2 ed. Fortaleza Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história Oral Diferente*. In: **Projeto História**, nº 14. São Paulo: PUC. Fev.1997.
- PORTER, Roy. *O corpo*. In: BURKE, Peter (org.), **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. P. 291-326.
- RAGO, Luiza Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar-Brasil (1889-1930)**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1985.
- REGIS, João Rameres. **“Galinhas Verdes”:** memórias e História da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro do Norte – Ceará (1934-1937). Dissertação de Mestrado em História Social. UFC. Fortaleza, 2002.
- REIS, João José. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- REIS, João José. *O cotidiano da morte no Brasil oitocentista*. In: ALENCASTRO, Luis Felipe de (org). **História da Vida privada no Brasil**. Vol.2. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.
- REVEL, Jacques e PETER, Jean Pierre. *O Corpo: o homem doente e sua História*. In: Jacques Le Goff e Pierre Nora. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1995.

- REZENDE, Antônio Paulo. *O Historiador: seu tema e seu tempo. In: Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de 1920*. Recife: FUNDARPE, 1997.
- RIOS, Kênia Sousa. *A Cidade Cercada: festa e isolamento na seca de 1932*. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (org). **Seca**. Coleção Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. [105-128].
- \_\_\_\_\_. **Campos de Concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza; Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1998.
- ROCHA, Limério Moreira **Russas sua Origem, sua gente, sua História**. Recife: Recife Gráfica Editora, 1976.
- RODRIGUES, Claudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editorial, 1997.
- RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1999.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, CECULT, IFCH, 2001.
- SANTOS, Fernando Sergio Dumas. **Os caboclos das águas pretas: saúde, ambiente e trabalho no século XX**. Campinas, UNICAMP (Tese de Doutorado em História Social), 2003.
- \_\_\_\_\_. *Trocas Culturais e saúde no médio Rio Negro*. In: **História Oral**, jul-dez.2005. Vol.8, Nº 2 p. 35-60..
- SCHWARZ, Alf. *Lógica do desenvolvimento do Estado e lógica camponesa*. **Tempo Social: revista de Sociologia da USP**. São Paulo: 1 semestre, 1990. [75-114]
- SCOTT, James C. *Formas cotidianas da resistência camponesa*. **Raízes**. jan/jun 2002. Campina Grande: UFCG, Vol. 21, nº 01, p.10-31.

- SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. Coleção Tudo é História 89. Editora Brasiliense, 1984.
- SILVA, Gláubia Cristiane Arruda. **O Frio no Corpo e o Fogo nos Olhos: a epidemia de malária no Baixo Jaguaribe (1937-1939)**. Monografia de Graduação em História, FAFIDAM/UECE, Limoeiro do Norte, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A marcha célere da peste palúdica nos sertões do Baixo Jaguaribe - CE (1937-1940)*. In: **Moanga - Revista dos alunos da Pós-graduação em História Social da UFC**. Vol. I, nº 1 (nov. de 2006). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2006. [122-140].
- SILVA, Gláubia Cristiane Arruda. *O beijo mortífero do gambiã: experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-Ce*. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul; MARQUES, Rita de Cássia. (org). **Uma História Brasileira das Doenças. Vol. 2**. Rio de Janeiro. MAUAD Editora. 2006.
- SILVA, José Borzacchiello. *O Algodão na organização do espaço*. In: SOUZA, Simone. (coord) **História do Ceará**. Fortaleza. Demócrito Rocha, 1994. p. 81-92.
- SILVA, Kamillo Karol Ribeiro. **Nos Caminhos da Memória, nas águas Jaguaribe: memórias das enchentes em Jaguaruana-CE**. Dissertação de Mestrado em História Social. UFC. Fortaleza, 2006.
- SILVEIRA, Anny Jackeline Torres e NASCIMENTO, Dilene Raimundo. *A doença revelando a História: uma historiografia das doenças*. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo e CARVALHO, Diana Maul de (org). **Uma História Brasileira das Doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.
- SILVEIRA, Antônio Carlos e REZENDE, Dilermando Fazido de. **Avaliação da Estratégia Global do Controle Integrado da Malária no Brasil**. Brasília: organização Pan-Americana da Saúde, 2001.
- SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e Reorganização do Espaço: A Rizicultura Irrigada em Limoeiro do Norte – Ce**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Geografia da UFPE. Recife, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Elementos para uma Geografia Histórica do Baixo Jaguaribe: as Transformações do Espaço Agrário Regional*. In: **Propostas Alternativas – Vale do Jaguaribe: Natureza e Diversidade Cultural**. IMOPEC, 2000.

- SOUSA, José Josberto Montenegro. **Cultura e saberes Populares em Comunidades Rurais do Rio Jaguaribe, Ceará.** Dissertação de Mestrado em História Social. PUC. São Paulo, 2004.
- SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (org). **Seca.** Coleção Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- STUDART, Guilherme Barão de. **Climatologia Epidemias e Endemias do Ceará.** Ed.fac.sim – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Datas e Fatos para a História do Ceará.** Tomo II. Edição fac.sim Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, Biblioteca Básica Cearense, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pathologia Histórica Brasileira: documentos para a história da pestilência da bicha ou Males.** Ed.fac.sim – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- TEÓFILO, Rodolfo. **Variola e Vacinação no Ceará.** Ed.fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Organizadores: Antônio Luigi e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Costumes em comum:** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TRONCA, ÍTALO A. **As Máscaras do Medo LEPRAS.** Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, 1999.
- UJVARI, Stefan Cunha. **A História e suas Epidemias: a convivência do homem com os microorganismos.** Rio de Janeiro. Editora Senac Rio, 2003.
- VAILATI, Luiz Lima. *Os funerais de “anjinhos” na literatura de viagem.* In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, ANPUH. Vol.22, nº 44. dez. 2002. [356-392].
- VILELA, Marlene Menezes. **Quando o Dedo de Deus Tocou nossa Província ao Anjo da Morte: a ocasião da Variola em Cuiabá (1867).** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT. Cuiabá, 2001.